

# Gens *Família do Seminário* GS Seminarii

Revista dos Seminários de Mariana,  
da AEXAM e do GS 58  
Ano I - Nº 2 - Dezembro / 2007



**Jubileu de Ouro de Côn. Simões e Dom Barroso**



“Somos salvos na esperança” (Rm 8,24) nos recorda o Papa-Teólogo em sua nova e robusta Encíclica *Spe Salvi* sobre a Esperança Cristã. Mais um documento magistral de Bento XVI nos confirma na fé e na esperança, estimulando-nos na vivência do amor-caridade. A esperança cristã não é só expectativa de um futuro de vida plena e feliz. Implica compromisso e responsabilidade com a realidade atual para transformá-la à luz do Reino de Deus inaugurado por Jesus Cristo na potência do Espírito Santo. Não se trata de esperança individualista ou projeção de nossos pequenos egoísmos para a eternidade, mas de experiência de salvação na história, semente de plenitude escatológica.

A salvação é comunitária, pois a vocação humana é para a comunhão com Deus e entre nós. Fora da comunhão não há salvação, só frustração. Criados à imagem e semelhança de Deus, Comunhão Trinitária, nos realizamos na exata medida de nossa configuração a Jesus Cristo, plenitude do humano e fonte da verdadeira filiação divina. A esperança cristã estrutura a nossa cosmovisão, motiva e exige posicionamento pessoal e social de criaturas renovadas pelo Espírito de Deus, capazes do testemunho profético e missionário que não se conforma ao espírito do mundo, marcado pela injustiça, soberba e falta de compromisso com a verdade. Poder, riqueza e prazer não podem ser buscados como valores absolutos que tomam o lugar de Deus e escravizam a todos, oprimidos e opressores. A ciência e a política devem estar a serviço da vida, segundo padrões éticos e cristãos, respeitando a dignidade do ser humano.

O Documento de Aparecida, texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, na esteira do Concílio Vaticano II, nos convida a ler os sinais dos tempos e nos convoca para o discipulado-missionário de Jesus Cristo para que Nele os nossos povos tenham vida. É o que o Espírito diz às Igrejas! Partindo do encontro pessoal-comunitário com o Senhor Jesus Cristo no ato de fé, somos chamados à conversão e, como Igreja, devemos superar a mera pastoral de manutenção, compreendendo o discipulado à luz da missão. A opção preferencial pelos pobres foi reafirmada e teve a sua raiz cristológica sublinhada a partir do discurso inaugural do Papa Bento XVI. O Documento de Aparecida afirma que a opção preferencial pelos pobres deve “atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (DA 396). A hora é de recepção comunitária e criativa de Aparecida, aceitando a convocação para o mutirão missionário continental e iluminados pelo rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja. O laicato tem papel fundamental e as estruturas de comunhão e participação devem ser revitalizadas.

Interpela-nos neste momento o “jejum e oração” de Dom Frei Luiz Flávio Cappio, OFM, em defesa do Rio São Francisco e das populações ribeirinhas e pobres. O fato de seu gesto extremo e de suas convicções não alcançarem consenso, nem mesmo no seio da Igreja, conforme admitiu a nota da CNBB de 27/11/2007, não tira a seriedade e gravidade das questões levantadas, a generosidade e dignidade de sua vida.

A família que gravita em torno do Seminário (*Gens Seminarii*) vive da esperança, da esperança cristã. “Esperança fidedigna” construtora de uma humanidade nova, conduzida pelo Espírito de Cristo e, portanto, capaz de abraçar a cruz e enfrentar os sofrimentos como caminho para a ressurreição e o novo céu e a nova terra na plenitude do Reino do Pai. “E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa

**Editorial**

Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa.....3

**Especial**

Posse de Dom Geraldo Lyrio.....5

Dom Luciano Mendes de Almeida.....9

**Seminários de Mariana**

Festividades do Seminário São José.....11

Semana Filosófico-Teológica.....15

Ética e ecologia: cuidado com a vida.....15

11ª Romaria das Águas.....17

Dimensão Vocacional na Arquidiocese.....18

Reflexões à beira da vitrola.....21

Trabalhos acadêmicos.....23

Vocação e Reconciliação.....24

Correspondência.....30

Assembléia da OSIB em Mariana.....32

**AEXAM**

Palavra do Presidente.....35

Confraternização de Aexanos.....36

Expediente.....36

Mensagem de Natal.....37

Como foi o XVI Encontro em Mariana.....38

O que é o encontro anual.....43

Opiniões sobre o XVI Encontro.....45

Dom Viçoso.....50

Canteiro.....53

Ex-alunos do Seminário Coração Eucarístico.....57

Correspondência recebida.....58

Deputado Padre João.....59

Assuntos financeiros.....60

**GS 58**

44º Encontro será em Aparecida.....64

Jubileus Episcopais e Presbiterais.....67

Correspondências / Notícias.....77

Publicações recebidas.....81

O Caraça e o Guardião da Fé.....82

Necrológio.....84

A dolorosa da Gens Seminarii.....86

**Páginas coloridas**

XVI Encontro da AEXAM.....2

Jubileu de Dom Barroso e Cônego Simões.....87

**Nossa Capa**

Cônego Simões e Dom Barroso

**EXPEDIENTE**

Tiragem: 2000 exemplares

Distribuição gratuita

**RESPONSÁVEIS****I. Seminários de Mariana**

Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa

Reitor do Seminário São José

Rua Cônego Amando 57

Caixa Postal 11

35420-000 Mariana, MG

Tel. (31) 3557-1140 e 3557-1170

E-mail: [pelauroversiani@hotmail.com](mailto:pelauroversiani@hotmail.com)**II. AEXAM**

Helmécio Antônio Trindade

Presidente

Av. Prudente de Moraes, 290, Sala 1.101,  
Cidade Jardim

30380-000 Belo Horizonte, MG

Tel. (31) 3296-7985

E-mail: [helveciotrindade@ig.com.br](mailto:helveciotrindade@ig.com.br)**III. GS 58**

Mons. Raul Motta de Oliveira

Registro de Jornalista: Nº 1788, MPTS-DR  
36090/71Seminário Diocesano Nossa Senhora do  
Rosário

Av. Pres. Tancredo Neves 3460, Zacarias

35300-101 Caratinga, MG

Tel. (33) 3321-2276 e 9983-1644

E-mail: [mons.raul@funec.br](mailto:mons.raul@funec.br)**Impresso na**

Gráfica-Editora Dom Carloto Ltda.

Caixa Postal 57

35300-970 Caratinga, MG

E-mail: [graficadomcarloto@yahoo.com.br](mailto:graficadomcarloto@yahoo.com.br)

# Posse de Dom Geraldo Lyrio

5º Arcebispo de Mariana

Mons. Raul Motta de Oliveira



www.arquidiocese.com.br

Dia 11 de abril pp, o Santo Padre, o Papa Bento XVI nomeou Arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha, até então Arcebispo de Vitória da Conquista, na Bahia. Na 45ª Assembléia Geral da CNBB, dia 3 de maio, Dom Geraldo Lyrio foi eleito Presidente da CNBB, com 92% dos votos, logo no primeiro escrutínio. E, dia 23 de junho último, S. Ex.cia Rev.ma tomou posse da Arquidiocese de Mariana, como o seu 13º Bispo e 5º Arcebispo.

## **Chegada a Mariana e primeiros contatos**

Apesar do longo atraso do vôo Brasília - Belo Horizonte, decorrente da atual crise aérea brasileira, Dom Geraldo Lyrio recebeu carinhosas manifestações de seus diocesanos, ao passar por Itabirito e Ouro Preto e ao chegar a Mariana, por volta das 22h30 do dia 21 de junho, quinta-feira.

Na sexta-feira, dia 22, seu primeiro ato foi

rezar junto ao túmulo de Dom Luciano, na cripta da Sé-Catedral. Visitou em seguida o Seminário, a Cúria e o Departamento de Comunicação. O novo Arcebispo disse achar-se muito bem impressionado com a organização da Arquidiocese. À noite, na Catedral Sé Basílica, após a Santa Missa das 18h30, participou do lançamento do livro “Igreja de Mariana, 100 anos como Arquidiocese”.

## **Aposse canônica**

Às 16 h do sábado, 23 de junho, reunimo-nos todos na Igreja do Carmo, de onde saiu o cortejo, levando Dom Geraldo Lyrio até à Catedral, ao som da Banda de Música União 15 de Novembro, com as ruas ornamentadas por artísticos tapetes e as janelas lindamente enfeitadas, em sinal de júbilo e acolhimento.

Na Sé, diante do Cabido Metropolitano, do Conselho de Consultores, de mais de três dezenas de Arcebispos e Bispos e de centenas de padres, Dom Lorenzo Baldisseri, Núncio Apostólico no Brasil, deu posse solene a Dom Geraldo Lyrio, ouvindo-se por várias vezes o Coral e o órgão Arp Schnitger.

Em seguida, na Praça da Sé repleta de fiéis, em um imenso palanque ao fundo, celebrou-se a Santa Missa, a grande Ação de Graças, pelo início da nova caminhada de Dom Geraldo Lyrio à frente da Arquidiocese de Mariana.

Logo no início, ouvimos a palavra do



Dom Geraldo Lyrio visitando a Cúria

www.arquidiocese.com.br

Mons. Rauil



Cortejo passando pela Rua Direita

Núncio Apostólico, lembrando a Dom Geraldo, em nome do Sumo Pontífice, as grandes obrigações de um arcebispo e lhe recomendando as atitudes de um verdadeiro pastor, nesta sua nova missão.

Um grande coral, à direita do palanque, contagiava a multidão que, cheia de ânimo e entusiasmo, entoava alegremente os cânticos litúrgicos.

### Arquidiocese de Mariana hoje

Pe. Marcelo Moreira Santiago, que fora Administrador da Arquidiocese no período da vacância, acolheu Dom Geraldo Lyrio em nome de toda a Igreja Particular de Mariana, que conta 261 anos, criada que foi em 1745, pelo Papa Bento XIV, com a Bula *Candor Lucis Aeternae*.

Mariana hoje possui 132 Paróquias, espalhadas em 79 municípios, com 201 sacerdotes do clero secular e religioso, 15 diáconos permanentes, mais de 250 religiosas, quase uma centena de seminaristas e uma infinidade de lideranças leigas.

E afirma Pe. Marcelo: “Vivemos, particularmente nos últimos tempos, um grande avanço na organização dos conselhos eclesiais, maior comunhão e participação laical. Houve significativo crescimento, entre nós, das Comunidades Eclesiais de Base, das dimensões bíblico-catequética, litúrgica, comunitária e sócio-política, bem como das pastorais, dos organismos e dos movimentos apostólicos e populares. Desenvolveu-se, nos últimos anos, o zelo missionário, com a realização das missões populares e o crescimento de um espírito missionário, que mais e mais se concretiza em nosso jeito de nos organizar pastoralmente para evangelizar”.

E, após os agradecimentos a todos, aludindo ao seu lema episcopal, Pe. Marcelo acolhe com alegria e entusiasmo a Dom Geraldo Lyrio: “Bemvindo, Dom Geraldo, à



Padres e fiéis na Praça da Sé

Mons. Rauil

Arquidiocese de Mariana, berço da religiosidade mineira. Faça também entre nós, no seguimento a Jesus Cristo e diante da missão que Ele lhe conferiu, “a obra de um evangelista”!

### Mensagem de Dom Geraldo Lyrio

À homilia, Dom Geraldo suplica a Deus: “O Espírito de Deus me ilumine e acompanhe para que, a exemplo de Jesus, o Bom Pastor, e de acordo com os desígnios de seu Coração Sagrado, eu cuide com zelo desta porção querida do seu rebanho. O Senhor me ajude para que eu possa buscar conhecer sempre mais as ovelhas que são dele e, a seu exemplo, dar minha vida por elas (cf. Jo 10, 15). Que ele guie os meus passos e encha de ternura e misericórdia o meu coração para ir ao encontro das ovelhas que estão fora do aprisco e as conduza ao encontro do único e verdadeiro pastor (cf. Jo 10, 16). Por intercessão da Santíssima Virgem Maria, imploro a luz do Espírito de Deus para que eu possa levar adiante a grande obra evangelizadora e pastoral realizada pelos grandes bispos que me antecederam à frente desta Igreja particular.”

E lembra com carinho Dom Luciano: “Meu desejo sincero é prosseguir nos rumos traçados pelo saudoso e inesquecível Dom



Dom Geraldo abençoando o povo

Luciano Mendes de Almeida que, com o brilho de sua inteligência, o prodígio de sua memória, a riqueza de seus carismas e, sobretudo, a santidade de sua vida, imprimiu nesta arquidiocese um extraordinário vigor pastoral. Com a graça de Deus e a colaboração dos irmãos e irmãs, espero dar continuidade à organização pastoral arquidiocesana, apoiando sua coordenação, valorizando os conselhos em seus diversos níveis, estimulando as comunidades eclesiais de base em comunhão com seus pastores, promovendo a participação e o protagonismo dos cristãos leigos e leigas. Com a graça de Deus, haveremos de prosseguir na luta pela defesa da vida e a favor da justiça e da promoção dos direitos humanos.”

Dom Geraldo Lyrio saúda com afeto seus irmãos presbíteros, os diáconos, os seminaristas, os religiosos e religiosas. Deseja que Mariana possa, com ardor missionário, continuar ajudando outras Dioceses mais carentes de ministros e pessoas consagradas. E renova sua “plena adesão e incondicional obediência ao Sucessor de Pedro, sinal visível da comunhão de toda a Igreja, chefe e cabeça do Colégio Universal dos Bispos, o Santo Padre o Papa Bento XVI, aqui dignamente representado pelo Ex.mo Sr. Núncio Apostólico D. Lorenzo Baldisseri, cuja presença nesta solenidade muito nos



Celebração Eucarística no palanque, presidida por Dom Geraldo

www.arquidiocese.com.br



Núncio Apostólico, Dom Lorenzo Baldisseri, dando sua mensagem

honra.”

Saúda os Bispos da Província, a CNBB e as outras Igrejas: “Cordialmente dirijo minha respeitosa saudação às outras Igrejas, comunidades cristãs e outras religiões, desejoso de levar adiante o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, motivado pela ardente súplica do Senhor Jesus: 'Pai, que todos sejam um' (cf. Jo 17,11)”.

“Aos pequenos, diz Dom Geraldo, aos sofredores, idosos, doentes, abandonados, pobres e excluídos garanto um lugar especial em meu coração de pastor. Como prediletos de Deus, saibam que podem contar com meu

amor preferencial, no espírito de Cristo que teve compaixão dos que sofrem e das multidões abandonadas e desorientadas 'como ovelhas sem pastor' (cf. Mt 9, 36)”.

Agradece às Autoridades: “Dirijo-me com respeito às Autoridades do Estado de Minas Gerais, do Município de Mariana e dos demais Municípios compreendidos na área desta Arquidiocese, expressando-lhes meu desejo de colaborar em tudo o que favoreça a paz e a concórdia, fundadas na justiça e na solidariedade. Asseguro-lhes meu apoio a todas as iniciativas que defendam a vida, respeitem a dignidade humana e promovam o pleno exercício da cidadania.”

Agradece também ao Pe. Marcelo, ao Colégio de Consultores e, por fim, à Arquidiocese de Vitória da Conquista. E termina: “Irmãs e irmãos, por intercessão de Nossa Senhora da Assunção, Padroeira desta Arquidiocese, invoco a bênção do Senhor sobre todo o povo santo de Deus que constitui esta Igreja particular. Rezem para que o Espírito de Deus me ilumine e me sustente na missão que agora me é confiada e, na força da Eucaristia, eu possa viver o meu lema episcopal: “OPUS FAC EVAN”

Mons. Raul



Cardeal, alguns Arcebispos e Bispos presentes

# Dom Luciano Mendes de Almeida

Homilia de Dom Geraldo Lyrio Rocha, na Sé de Mariana, por ocasião do 1º Aniversário do falecimento de Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida aos 27 de agosto de 2007

“Eu sou o Bom Pastor” (Jo 10, 11), disse Jesus. Na Eucaristia que celebramos, concretiza-se a palavra que há pouco nós ouvimos: “O Bom Pastor dá a sua vida por suas ovelhas” (Jo 10, 11). O que fez Jesus no Sacrifício da Cruz realiza-se de forma sacramental “toda vez que comemos deste pão e bebemos deste cálice” na Ceia do Senhor. É o mistério pascal que estamos celebrando, neste primeiro aniversário da passagem definitiva de Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida. Na Eucaristia, sacramento do sacrifício da Cruz e atualização do Mistério Pascal de Cristo, associa-se a morte de Dom Luciano ao mistério da morte do Senhor Jesus. Em Cristo, o saudoso e querido irmão Dom Luciano, inesquecível Pastor desta Arquidiocese de Mariana, já participa da glória definitiva, pois, acompanha-nos a certeza de que “destruindo a morte, o Senhor garantiu-nos a vida em plenitude” (Prefácio da Páscoa IV) e “salvo pela morte de Cristo, Dom Luciano, ao chamado do Pai, haverá de despertar para a ressurreição com todos os que adormeceram no Senhor” (cf. Prefácio dos Defuntos IV).

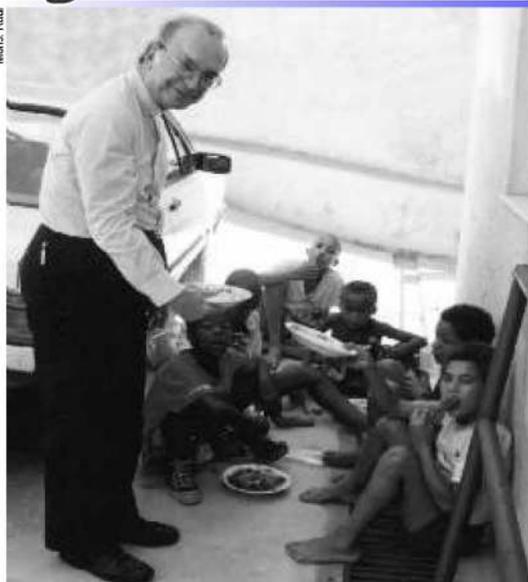
A luz da Páscoa leva-nos a enxergar que “nossa morte foi redimida pela morte do Senhor Jesus e na sua ressurreição ressurgiu a nossa vida”, como solenemente proclamamos em um dos Prefácios da Páscoa.



Como acontece com todos nós, certamente alegrias e sofrimentos marcaram também a vida e o pastoreio de Dom Luciano, Irmão do outro, Doctor amoris causa, Homem de Deus, Servidor da Igreja, Profeta da esperança, Amigo dos pobres, Defensor da vida, da justiça e da dignidade humana. Dom Luciano agora repousa no Senhor, e deixa o testemunho de uma vida dedicada a Deus e à Igreja, especialmente na Companhia de Jesus, na CNBB, em São Paulo e nesta Arquidiocese de Mariana. Homem culto, de inteligência privilegiada, de memória prodigiosa, de extraordinária capacidade de trabalho, de fé sólida e espiritualidade profunda, Dom Luciano foi ornado por Deus com muitas virtudes, grandes qualidades e admiráveis carismas. Mas, sem dúvida, entre as muitas virtudes, sobressai sua admirável caridade. “Em que posso ajudar?” perguntava Dom Luciano quando percebia o irmão necessitado de qualquer forma de colaboração.

Era capaz dos maiores sacrifícios para se colocar ao lado do irmão ou da irmã que necessitasse de sua ajuda fraterna ou de sua presença solidária.

Muito apropriado o título que lhe foi conferido: *Doctor amoris causa*. Todos nós que o conhecemos e de alguma forma convivemos com ele temos muitas histórias para recordar os gestos de atenção às pessoas



e de ajuda ao próximo. Dom Luciano, o irmão do outro, parece que tinha uma força que atraía os pobres. Por onde passava Dom Luciano, aí havia algum pobre solicitando sua ajuda.

Aliás, foi essa a primeira referência que ouvi a respeito de Dom Luciano: Ainda jovem, quando cheguei ao Colégio Pio Brasileiro, em Roma, os colegas que lá encontrei falavam do Pe. Mendes (como então era conhecido), referindo-se ao seu serviço generoso de ajuda aos pobres. Essa é a primeira lembrança que tenho de Dom Luciano: o amigo e o servidor dos pobres.

A exemplo de Jesus, o Bom Pastor, Dom Luciano conhecia as ovelhas do rebanho do Senhor e as chamava pelo nome, graças à sua extraordinária memória, alimentada pelo imenso interesse que manifestava em relação a cada pessoa que encontrava em seu caminho.

Parafraseando o Apóstolo Paulo em sua Primeira Carta aos Tessalonicenses, que ouvimos nesta celebração, referindo-nos a Dom Luciano, podemos dizer: “Diante de

Deus, nosso Pai, recordamos sem cessar a atuação de sua fé, o esforço de sua caridade e a firmeza de sua esperança em nosso Senhor Jesus Cristo. Sabemos que ele faz parte do número dos escolhidos” (cf. 1Ts 1, 3-4).

Em Cristo Ressuscitado, nossa tristeza se transforma em alegria pascal e, enxugadas nossas lágrimas, enxergamos a luz que brilha na face resplandecente daquele que é o Vencedor da Morte. Em seu próprio nome de batismo, bem como em seu testemunho de vida, Dom Luciano se fez anunciador e portador da luz. Sua presença e sua palavra eram sempre iluminadoras. Quando já se aproximava o término de sua vida terrena, Dom Luciano dava testemunho de sua certeza de que Cristo o iluminaria na glória que não conhece ocaso. Agora Dom Luciano já está na luz da “cidade santa que desce do céu, de junto de Deus, que não precisa de sol ou de lua para a iluminarem, pois a glória de Deus a ilumina, e sua lâmpada é o Cordeiro”, como nos diz o livro do Apocalipse (cf. Ap 21,10,23).

Só a Palavra de Deus nos leva a penetrar no grande mistério da morte. Em Cristo esse enigma indecifrável para a razão humana encontra explicação e sentido: “Ninguém pode vir a mim, se meu Pai que me enviou, não o atrair. E eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 44). A certeza da fé nos leva a repetir o que tantas vezes proclamamos no Prefácio da Missa pelos mortos, “aos que a certeza da morte entristece, a promessa da imortalidade consola, pois para os que crêem a vida não é tirada, mas transformada, e desfeita a nossa habitação terrena, nos é dada, nos céus, uma eterna mansão”.

O querido amigo e inesquecível pastor, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, descanse em paz e interceda por nós junto de Deus. Amém!



# Seminários de Mariana

Ano I - Nº 2 - Dezembro / 2007

## Festividades do Seminário São José

### Rito de Admissão

No dia 4 de agosto, os seminaristas do primeiro ano de Teologia, na celebração presidida por dom Geraldo Lyrio Rocha, foram admitidos como candidatos às Ordens sacras. Foram eles: André Oliveira Quintão, Daniel Ângelo Henriques, Glauber Rodrigo Passos Lacerda, Ronaldo Raul Pompeu, Werques Rodrigo Ribeiro, Edvaldo Batista Ribeiro, Edvan Cardoso e Marcos Vinícius F. Vespasiano. Esta celebração constitui o

momento em que os seminaristas afirmam o propósito de continuar se aperfeiçoando na vida de fé e na formação integral em vista do sacerdócio e são, oficial e publicamente, admitidos pela Igreja.

Sendo o dia dedicado a São João Maria Vianney, dom Geraldo apresentou este grande santo como exemplo de homem vigilante e atento à vontade do Senhor e saudou os padres presentes e os de toda a Arquidiocese pelo dia dedicado a eles.





### Ordenação Diaconal

Após ter sido anunciada por dom Geraldo Lyrio Rocha, no dia 4 de agosto, a ordenação diaconal dos novos diáconos da Arquidiocese de Mariana foi um evento esperado por toda a Arquidiocese.

Com sentimento de gratidão, o povo de Deus lotou o Ginásio da Associação Atlético Aluminas em Ouro Preto, para participar da

Ordenação Diaconal, ocorrida no sábado, dia 8 de setembro. Foram ordenados diáconos: Anderson Eduardo de Paiva, Anderson José do Nascimento, Armando Godinho, Janer Cirilo, Luiz Martins Neiva e Luiz Roberto de Souza. Foi um momento de intensa oração e emoção, não só para os ordenados, mas para todos os que ali estavam. Dom Geraldo Lyrio Rocha presidiu a celebração, ao lado de dom Francisco Barroso Filho, bispo emérito de Oliveira, dom José de Lima Vaz, bispo emérito de Petrópolis, Monsenhor Celso Muri-lo, vigário geral da Arquidiocese, e Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa, reitor do Seminário São José.

Ao entrarem no Ginásio, os ordenandos foram recebidos sob o aplauso das comunidades, que, assim expressavam a alegria de poderem compartilhar daquele momento de fé. No início da celebração, o comentarista, Pe. Luiz Antônio Reis Costa,





lembrou a todos o sentido da diaconia. “O centro desta celebração é o próprio Senhor que convoca todos ao serviço, a fim de realizar no mundo a obra da salvação. Os diáconos, como o próprio nome indica, são ordenados para o serviço. Servir a Deus, à Igreja e a toda a humanidade. Servir através do anúncio do Evangelho, do ministério litúrgico e do exercício da caridade fraterna,” lembrou.

Na homília, dom Geraldo ressaltou que, com o sacramento da Ordem, os ordenados são fortalecidos com o dom do Espírito Santo e devem eles ajudar o Bispo e seu presbitério no serviço da Palavra, do altar e da caridade, mostrando-se servos de todos.” Lembrou ainda que a ordenação não é “subir mais um degrauzinho” na hierarquia, mas é colocar-se a serviço do povo de Deus. “Longe de nós o ranço do clericalismo que nos distancia das pessoas e do projeto de Jesus Cristo”, afirmou o Arcebispo. Depois, enfatizou o valor e a importância do celibato como um sinal e, ao mesmo tempo, um incentivo da

caridade pastoral e incomparável fonte de fecundidade no mundo.

No final da celebração, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré foi entronizada no Ginásio pelas mães dos ordenados, ao canto do hino “*Salve Maria*” e da *Ave Maria*, em latim. Enquanto isso, todos os voluntários que trabalharam na ordenação entraram no ginásio, pedindo a proteção maternal de Maria para os novos diáconos. Finalizando a celebração, o diácono Janer Cirilo expressou os agradecimentos em nome dos demais diáconos e concluiu dizendo: “Enfim, o único sentimento que nos resta, diante desta maravilha que celebramos, é a gratidão, expressão da memória do coração”.

### **Seminaristas recebem ministérios de Leitorato e Acolitato**

No sábado, dia 3 de novembro de 2007, aconteceu a celebração de Instituição dos Ministérios de Leitor e Acólito dos seminaristas que cursam o segundo e terceiro



Leitorato

para o sacerdócio, como um modo deles entrarem em contato com algumas das atividades que constituem o ministério sacerdotal.

Segundo Paulo VI, na carta apostólica sobre a reforma das ordens menores e do subdiaconato, a Igreja instituiu alguns ministérios, com o fim de render a Deus o devido culto e de prestar serviços ao povo de Deus, segundo as suas necessidades. O Leitor é

instituído para a proclamar a Palavra de Deus nas assembléias litúrgicas, sendo convidado a meditar com assiduidade a Sagrada Escritura. O Acólito é instituído para ajudar o diácono e para auxiliar o sacerdote no serviço do altar, além de outras tarefas que lhe são confiadas. Com amor sincero, o Acólito deve buscar configurar-se sempre mais ao Cristo servidor, que se faz doação no Pão Eucarístico. Também deve demonstrar interesse e cuidado sempre crescente pelo Corpo místico de Cristo ou povo de Deus, especialmente pelos mais

anos de Teologia no Seminário São José. A celebração foi presidida pelo arcebispo metropolitano dom Geraldo Lyrio Rocha, às 10h, na Catedral da Sé. Foram instituídos leitores: Adão Carlos Teixeira (Divinópolis), Alex Marques Ferreira (Divinópolis), Anderson Bastos (Divinópolis), Bráulio Sérgio Mendes (Ouro Preto), João Paulo da Silva (Guaraciaba), Joaquim Diogo de Melo (Desterro do Melo), Jorge Henrique Abreu Tanus (Barbacena) e Reginaldo Martins Vieira (Divinópolis). Por sua vez, receberam o ministério de acolitato: Afrânio Vieira de Almeida (Piedade de Ponte Nova), Eliseu Donisete P. Gomes (Capela Nova), Geraldo Dias Buziani (Rio Doce), Jean Lúcio de Souza (Conselheiro Lafaiete) e Paulo Henrique Ribeiro Mariano (Barbacena).

Dom Geraldo lembrou a todos que a Igreja, como Mãe e Mestre, oferece estes ministérios aos seminaristas como um caminho pedagógico de preparação



Acolitato

# Semana Filosófico-Teológica da Faculdade Arquidiocesana de Mariana e Instituto de Teologia São José

A semana Filosófico-Teológica é um momento em que a Faculdade Arquidiocesana de Mariana, em parceria com o Instituto de Teologia São José (Seminário de Mariana), oferece aos estudantes de Teologia e Filosofia, pertencentes a estas Instituições e advindos de outros ambientes acadêmicos, a oportunidade de se aprofundarem em temas

considerados relevantes e de fronteira entre estas duas áreas do conhecimento. Este ano, o evento aconteceu de 8 a 11 de outubro e teve como tema: Ética e ecologia: o cuidado com a vida. O coordenador do Curso de Filosofia da Faculdade, Pe. Edmar José da Silva, escreveu um valioso artigo sobre o tema principal do evento.

## Ética e ecologia: O cuidado com a vida

**Pe. Edmar José da Silva**

Coordenador do curso de Filosofia da FAM

Existe atualmente um crescente e globalizado interesse pelo tema da ecologia e isso resulta dos numerosos e graves problemas ecológicos com os quais os homens de hoje se defrontam e que ameaçam a própria sobrevivência da humanidade. A constante e sempre crescente intervenção do homem sobre a natureza tem originado problemas diversos e efeitos cada vez mais graves para a vida em todos os seus graus e manifestações: poluição generalizada; dilapidação dos recursos naturais, sobretudo dos não-renováveis; perturbação do equilíbrio do ecossistema; instabilidade climática; etc. Prevê-se que a contínua intervenção irracional e arbitrária do homem levará a um progressivo agravamento das condições de vida sobre o nosso planeta.

O homem, considerado o habitante mais nobre deste imenso planeta, após a revolução



industrial, em nome de um excludente e irracional progresso técnico-científico, começou a explorar desordenadamente o seu habitat natural, cometendo um atentado contra a própria vida e colocando em risco a vida dos demais seres vivos. Nesse contexto, falar de ecologia é alertar a humanidade para

o 'cuidado' que se deve ter com o planeta terra; é reagir contra a redução desta a objeto de consumo e exploração; é escutar o grito de socorro da natureza fragilizada e debilitada pela 'egologia' humana; é mostrar que "a terra é suficiente para todos, mas não para a voracidade dos consumistas" (Gandhi). Como o próprio nome ecologia sugere, a terra é a casa do homem, sua moradia natural e como tal deve ser preservada e conservada pelos seus habitantes, em benefício de si mesmos e dos demais seres vivos.

Outro assunto que atrai a atenção de muitos hoje é o da bioética. Apesar de o termo ter sido cunhado há pouco mais de três décadas, o interesse pelos temas da bioética cresce proporcionalmente à difusão e popularização dos problemas ligados a essa área da vida e do conhecimento. O que há poucos anos era patrimônio exclusivo das cátedras universitárias, tornou-se hoje objeto de interesse geral. Sobre os temas da bioética, fala o deputado a propósito da lei da fecundação artificial; fala o profissional da saúde quando faz um transplante de órgão; falam os familiares de um enfermo em fase terminal para decidir sobre a eutanásia ou não; fala o jornalista ao noticiar a clonagem de mais um animal; falam os grandes latifundiários defendendo a produção transgênica; falam o advogado, o jurista, o homem de fé e tantos outros. Não obstante a popularização desses problemas, sua complexidade e profundidade constituem um enorme desafio na atualidade para os cientistas, filósofos, teólogos e pesquisadores das diversas áreas do conhecimento.

A atualidade, a complexidade e a



Dom Geraldo Lyrio na Capela do Seminário

urgência desses dois assuntos - Ecologia e Bioética - motivaram a escolha do tema e do lema da VIII Semana Filosófico-Teológica promovida pela Faculdade Arquidiocesana de Mariana em parceria com o Instituto Teológico São José, no período de 8 a 11 de outubro. O eixo norteador das conferências, mesas-redondas, mini-cursos e comunicações foi o do "cuidado com a vida", considerada valor fundamental e inalienável, tanto para a Filosofia quanto para a Teologia. Durante a Semana, contamos com a preciosa colaboração de grandes estudiosos (teólogos, filósofos e ambientalistas), que nos ajudaram no aprofundamento e discussão das temáticas propostas, dentre eles: o profundo conhecedor dos temas da bioética, Dom João Bosco Oliver; o respeitado teólogo e Biblista Johan Konings; o ilustre filósofo da PUC-MG, prof. Sérgio Murilo; o professor ambientalista da PUC-MG, Geraldo Tadeu; o teólogo moralista Dejair (ISTA), dentre outros.

Cuidar da vida, eis nossa missão e a razão primeira do compromisso ético de nossas Instituições de Ensino e formação humana.

# Esperança e Profecia de mãos dadas a favor da Vida!

**Claudinei Lourenço de Souza e João Paulo da Silva;**  
Seminaristas da Arquidiocese de Mariana / MG, 2º ano de Teologia

“Que Beleza!” Essa frase, tantas vezes dita pelo frei Gilvander, expressa o encantamento de quem celebrou a 11ª Romaria das Águas e da Terra de Minas Gerais, que aconteceu em Belo Horizonte dia 19/8/2007, cujo tema - Terra e Água, no campo e na cidade, a Vida em primeiro lugar - proclama o nosso grito de socorro em defesa da Vida ameaçada e/ou ferida de morte.

O clima reinante de festa e alegria é o grande testemunho de Esperança de um Povo que Sonha, Acredita e Luta para realizar o Projeto de Cristo Jesus: “Vida em Abundância para Todos e Tudo!” (Jo 10, 10). Essa Esperança, teimosa e resistente, saiu dessa Romaria ainda mais fortalecida, pois o encontro de diversas iniciativas a favor da Vida alimenta e fortalece umas às outras.

A Romaria foi sim Celebração da Esperança, mas foi igualmente Grito Profético de denúncia das realidades de morte. Caminhamos no centro de nossa Capital, como quem caminha no Deserto, e isso não é uma metáfora, é a mais absoluta realidade. Como não trazer viva na memória e no coração, a História resistente e libertadora do Povo de Deus?! Também nós atravessávamos o Deserto da prepotência, que privilegia o Lucro em detrimento da Vida, do desemprego à falta de moradia, das águas poluídas aos projetos faraônicos de transposição, da concentração de riqueza ao escândalo da mendicância, da arrogância das mineradoras aos corrompidos poderes



Claudinei

João Paulo

Legislativo, Executivo e Judiciário, que subsidiam a mentalidade capitalista. E bem no centro deste Deserto, marcado pelo isolamento, pela alienação e pela indiferença da maioria de seus quase 5 milhões de habitantes, cerca de 20 mil romeiros e romeiras caminhavam com entusiasmo e confiança, construindo uma trilha alternativa, levando alegria, esperança e Vida ao Deserto. Como canta o Salmista: “Quando passam pelo vale da aridez, o transformam numa fonte borbulhante!” (Sl 83, 7).

Pessoas, nas sacadas das casas, nas janelas dos hospitais, debaixo dos viadutos, às margens das avenidas, contemplavam surpresas a multidão que, em pleno Domingo - dia por excelência do Senhor da Vida - anunciavam, em meio a muitos “mortos”, a Vida em Abundância para Todos, um imperativo do Cristo Ressuscitado.

O Profetismo está Vivo, a Esperança Fortalecida e todos nós só temos a ganhar! Sonho Solitário é Alucinação, Sonho Soli-

# A Ação do Espírito na Dimensão Vocacional da Arquidiocese de Mariana

*“Sucederá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne...  
 Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito. E farei aparecer  
 prodígios em cima, no céu, e sinais embaixo, sobre a terra.”*

At 2,17-19

**Afrânio Vieira de Almeida**  
 3º ano de Teologia

No amplo campo de ação do Espírito Santo está a Igreja de Cristo e, nesse espaço, encontra-se a Igreja Católica. Ao longo de sua história, entre avanços e retrocessos, agia, age e continuará agindo o Espírito do Senhor. De diferentes maneiras, em diversos lugares e inesperados momentos, Ele envolve pessoas e grupos de modo que jamais se imaginava. Muitos são os movimentos e serviços que, quando não se esperam, mas, mais deles se precisa, surgem como oportunidade de atender aos muitos apelos dos filhos de Deus.

O Espírito Santo se expressa de maneira específica nas dimensões: familiar, sacramental, missionária, social, vocacional e tantas outras. Por isso, a reflexão se dirige aqui, especificamente para a dimensão vocacional da Arquidiocese de Mariana. Como acontece esta manifestação do Espírito nesse campo? Será difícil percebê-la?

Ao se falar deste aspecto da vida da Igreja, toca-se num de seus elementos essenciais. A Igreja é um Corpo. Como disse João Paulo II, é a *“Assembléia dos Chamados”*. Todos e todas são vocacionados por Deus e, imbuídos no Espírito, vão fazendo de sua vida uma resposta de amor a esse chamado, seguindo o Caminho indicado por Jesus.

Trata-se de um chamado trinitário que convida a formar uma Igreja-comunhão entre si e com a Trindade. Sendo ícone da Trindade, a Igreja reconhece-se vocacionada e respeita a diversidade das vocações e ministérios que a compõem, além do cultivo da comunhão. Quando então, a comunidade-Igreja permite que esta mesma e única vocação divina se manifeste na variedade de formas, de serviços, de ministérios e carismas, vê-se expressa, claramente, a ação vivificante do Espírito. É ele quem garante o êxito deste bom propósito.

Aplicando essa reflexão à realidade da Arquidiocese de Mariana, muito se poderia considerar. Basta contemplar o esplendor de suas comunidades que vivem sua fé, respondendo ao chamado que receberam pelo Batismo. Na sua simplicidade, alegria, fervor, envolvimento e solidariedade, muitas vezes vivenciados em meio a inúmeras provações, refletem em si a imagem da Trindade. São, portanto, expressão do Espírito. Mas, como falar da dimensão vocacional desta Igreja particular? Para uma resposta, basta apreciar a sua “face”. Com certeza a sua existência já é uma “vocação”: ser imagem e semelhança do Deus-comunhão que é Amor. Este rosto de Igreja



vocacionada, atualmente configurado, deve-se muito ao pastoreio de Dom Luciano.

A dimensão vocacional, na Arquidiocese, hoje, é trabalhada, além da vivência eclesial cotidiana, pelo Serviço de Animação Vocacional - SAV. Este setor pretende, de fato, ser uma mola propulsora para todos os membros desta Igreja descobrirem-se vocacionados e encontrarem seu caminho de resposta a Deus. Seja qual for este caminho: o laicato, solteiro ou matrimonial, o sacerdócio, a vida religiosa, todos podem se encontrar colocando seus dons e carismas a serviço da comunidade, atuando nos vários ministérios. Na visualização de uma árvore, onde o chamado de Deus é a raiz e as várias formas de resposta a esse chamado são os galhos, o SAV seria o tronco por onde passariam os Chamados para, nos galhos, produzirem frutos. Ele existe para animar as vocações.

Muitos são os que descobriram, nesse

espaço, sua maneira de servir e hoje ajudam, com alegria, outros a fazerem sua própria descoberta. Mas, como é possível enxergar nesse trabalho a ação do Espírito Santo e fazer Dele uma experiência?

Indagados acerca da questão, leigos e religiosas que atuam nesse campo disseram que “em tudo e em todo lugar é possível sentir o Espírito a lhes impulsionar nesse trabalho desafiador e, ao mesmo tempo, gratificante”. Dizem perceber sua ação “nas reuniões da equipe, nos encontros vocacionais e nas oportunidades de divulgarem o serviço pelas comunidades paroquiais”. Concluem afirmando senti-Lo agir, sobretudo, “nos jovens que partilham suas experiências de vida e que descobrem no SAV um caminho de encontro com Deus e com o próximo”. Referindo-se à possibilidade da experiência do Espírito, afirmaram que “ela acontece de várias formas,

principalmente pelo fato de que é, no encontro com o outro e na descoberta da verdadeira vocação de cada um, que se consegue encontrar a presença do Espírito Santo”. Por fim constata-se a “ação do Espírito, desde o desejo incutido no coração de cada agente de participar e propiciar ao irmão um encontro mais profundo com o Senhor da Mesa, até seu compromisso e vontade de ajudar o jovem no discernimento de sua vocação. Tudo isso refletido na unidade das equipes regionais e arquidiocesana e na alegria presente em todos os momentos. Além, é claro, do grande número de jovens que, com entusiasmo, vêm participando dos Encontros Vocacionais e a animação com que algumas paróquias vêm recebendo o SAV”.

Para os padres: Lauro Sérgio, Paulo Nobre e Geovane Luís, o “Espírito age nas atividades do SAV e, sobretudo, no resgate do ser humano para a sua Vocação Humana e Batismal”. Acrescentam “que se experimenta esta força no exercício cotidiano do ministério sacerdotal e na coragem e inquietação dos jovens seminaristas. Também na história vocacional de cada pessoa, fazendo-a se doar em favor dos irmãos, dando ânimo, alegria, paz, entusiasmo. E é este mesmo Espírito que permite ao agente vocacional perceber os sinais de sua presença na vida do vocacionado, inspirando-lhe palavras e atitudes confirmadoras que o auxiliem em seu itinerário”. Acerca da experiência do Espírito, crêem que, “do lado do agente do SAV, ela se dá no fato de tornar-se instrumento nas mãos de Deus, em benefício do outro; já do lado do vocacionado, a experiência acontece quando ele se vê interpelado pelo mundo presente e pela urgente necessidade de evangelização e se

sente lançado a dar um salto na fé, partilhando essa experiência com o irmão de caminhada”. Isto fica evidente “no discernimento dado pelo mesmo Espírito ao agente e ao vocacionado, para descobrir e acolher a vontade de Deus a respeito de cada um, nas situações concretas da vida”. Finalmente, vêem a expressão do Espírito “no aumento das vocações leigas; na crescente valorização dos diferentes ministérios na Igreja; na perseverança dos agentes; na sede de Deus e busca de discernimento vocacional por parte dos jovens, que desejam fazer de suas vidas algo mais que profissão, dinheiro e prazer; no desabrochar de uma Igreja jovem e dinâmica como eles”. Todos concordam - leigos, religiosas e sacerdotes - que, na Arquidiocese de Mariana, “experimentou-se um forte dinamismo pastoral, sobretudo com o pastoreio de D. Luciano, sublime fruto da ação do Espírito. Desde então, a consciência eclesial foi aprofundada e, hoje, a Arquidiocese se compreende como verdadeira ‘assembléia dos chamados’ e, na diversidade dos ministérios e carismas, constrói o Reino de Deus. Por tudo isso, esta Igreja particular cresceu na comunhão e na participação, sob o dinamismo do Espírito Santo”.

Assim, pois, observamos que ainda hoje o Espírito Santo está agindo, mesmo neste peculiar contexto pós-moderno. Vimos, a partir das experiências relatadas, que nos pequenos detalhes do cotidiano ele pode experimentar a presença de Deus. Sua ação está aí, acontecendo a todo instante. Nos que amam; nos que se alegram, mas também sofrem por amor; nos que anunciam e testemunham o Amor de Deus manifestado em suas vidas; nos que, a seu modo e estilo, olham de maneira diferente e livre para o mundo consumista de hoje e nele se lançam

na esperança divina de serem luz; nos que se libertam dos vícios; nos que se envolvem no perigo, na violência, para eliminá-los e levar a paz; nos que gritam por justiça; enfim, nos que vivem uma fé que os faz sair de si e ir ao encontro do irmão. Em todos esses momentos da vida de tantas mulheres, homens, crianças, seja qual for sua crença, vê-se claramente a Ação do Espírito. E tudo isso

toca na dimensão vocacional de cada ser humano. Movido pelo Espírito, ele é vocacionado a viver em comunhão com Cristo e seus irmãos rumo ao Pai. E, chamado à vida, ele é vocacionado a gerar vidas no Espírito. Eis o que amplamente se pode ver no mundo. Eis o que tão perto se pode notar na vida dos vocacionados e vocacionadas da Arquidiocese de Mariana. ◀



## Reflexões à beira da vitrola

**Leandro Ferreira Neves**

Seminarista, aluno do 6º período de Filosofia  
Faculdade Arquidiocesana de Mariana  
"Dom Luciano Mendes de Almeida"

Na evocação de minhas memórias, vem-me de súbito a imagem de meu avô, sentado em sua poltrona, ao lado de sua velha vitrola, gestos amenos, olhar taciturno, perdido no infinito, mas vivo de lembranças e recordações. Se não bastasse esta imagem tão viva e fugaz, ouço aquele som, aquela canção e seu peculiar e inconfundível timbre de vitrola velha: "Eu era feliz e não sabia". Em minhas mãos, preleções filosóficas acerca do tempo: Platão, Agostinho, Kant, Heidegger, Bergson, Askin. A partir dessa imagem, a reflexão que outrora se fazia filosófica, torna-se vivencial, nostálgica e meu avô, figura marcada pelas agruras do tempo, torna-se o filósofo por excelência, transporta-me para uma idéia e prática do tempo que se distancia muito das nossas práticas e concepções pós-modernas.

Reza o autor bíblico do Eclesiastes que há um tempo para tudo neste mundo. Tempo de

nascer e morrer, plantar e arrancar o plantado, atirar pedras e juntá-las. Percebo que nossa relação com o tempo hoje é bem diferente. Guerreiro contra o tempo e escravo do tempo, o homem atual se afasta cada vez mais dessa idéia e reivindica mais tempo para si, um dia de 25 ou 26 horas, quem sabe. Perdeu-se a paciência da espera. O tempo passou a ser totalmente determinado e a luta travada contra ele encontra seu ringue nas agendas do dia-a-dia e na ânsia por se cumprirem prazos, compromissos, achar horário vago para mais um afazer. Estamos cercados por relógios, que aparecem do telefone celular aos grandes edifícios. Só que não têm a mesma função do velho relógio da matriz que marcava as horas sagradas. Hoje ele remete o homem ao culto ao tempo, lembre-me de que está atrasado, domina-o, condena-o a correr para cumprir tarefas. Movido pelo capitalismo e seu mais típico bordão: "time is

money”, que o incita a buscar o lucro e a produtividade com eficiência e no menor prazo possível, o homem moderno se vê dominado pelo tempo e perde a possibilidade de fruição dos bons momentos. Não há lugar na agenda para aproveitar o tempo, conversar, contemplar um pôr-do-sol, esperar que a fruta amadureça naturalmente, perceber a velhice chegando pouco a pouco na face. Até os relacionamentos humanos perderam em qualidade. Tornam-se cada vez mais funcionais, técnicos. A doença do século é o stress, o estafamento, o cansaço do tempo. Estamos na era do “*fast-food*”, da “hora do *rush*”. Aliado a isso está o apelo das novas tecnologias, a rapidez das informações, dos conceitos, das idéias que obrigam o homem a buscar sempre se atualizar. O homem torna-se escravo de seu próprio tempo.

Olhando para meu avô, vejo que esta prática se distancia muito daquela que ele experimentou. Enquanto me encontro em meio a essa correria, percebo que ele sabe desfrutar de seus momentos. Mas meu avô é autêntico mineiro e assim, busca o ouro batendo a bateia, burilando a rocha. Ele lapida a gema, dissolve as montanhas. Seu tempo corre como as rodas de um velho carro de boi. E entre nós dois resiste o tempo, tempo que se arrasta quando se realiza uma atividade desgastante e que escorre pelas mãos em atividades frugais. Talvez esteja aí a receita da felicidade para libertar-nos das correntes do tempo: aproveitar do tempo, o tempo a nosso favor. *Carpe diem*, eis a ordem.

Mas ao olhar novamente minha realidade, percebo outra discrepância entre meu avô e minha geração. Outra característica da atualidade é o velamento do tempo que demonstra que o homem ainda não aprendeu

a lidar com ele. O homem pós-moderno assusta-se com as marcas do tempo. No meio da correria de sempre, ao perceber que o tempo passa e deixa seu registro, tenta de todas as formas negar e disfarçar essas marcas. Nunca se viram tantas técnicas estéticas para esconder os sinais do tempo. Desde cirurgias plásticas a maquiagens ou tratamento contra a calvície. Só a juventude é vista como sinal de beleza estética. Próximo a essa prática, o homem tenta também disfarçar a inevitável morte, a proximidade dela, o caminhar para ela. Olho para meu avô e o percebo notadamente marcado pela rudeza do tempo e nada me esconde essa realidade. Em sua época, velhice era sinal de sabedoria. Ter cabelos brancos garantia um lugar de destaque na sociedade. Ouvia-se o “conselho dos velhos” como as vozes dos deuses. Hoje, além de se ter medo de revelar a idade, o homem, muitas vezes, condena os anciãos a viverem nos asilos e assim negam suas histórias. Meu avô entendeu que cada sinal do tempo traz em si uma lição de vida e que cada inverno passado desabrocha numa primavera florida. O envelhecer fala de experiência, testemunho. Hoje, fica-se mais velho porque se luta mais contra o tempo. Deve-se aprender a construir seu próprio tempo, fazer escolhas, conduzir a própria história. Feliz de quem envelhece conservando não a aparência, mas o interior cheio de jovialidade e o olhar brilhando de recordações e aprendizado. Meu avô me evoca isso e vejo que estamos longe de todas essas idéias.

De repente, algo me desperta de minhas memórias e volto ao meu trabalho filosófico, absorto nessas recordações. Ao me ver evocando tais memórias cheias de saudade percebo-me ficando velho. “Toda saudade é

uma espécie de envelhecimento” já dizia o Riobaldo de Guimarães Rosa. Meu avô, contudo, continua em minhas memórias ouvindo sua vitrola, naquela poltrona, com aquele mesmo olhar (cena atemporal). Seu tempo, embora curto (proximidade da morte) parece passar como as rotações de seu velho e arranhado vinil. Assim como seu vinil ele também já se encontra gasto, arranhado, marcas de uma vida vivida com autenti-

cidade. Mas ainda me possibilita ouvir uma canção: “Eu era feliz e não sabia”. Eu, ao contrário, tenho muito a aprender e não sei ainda lidar com o tempo assim como ele. Condicionamentos do próprio tempo.

Parodiando Drumond: tinha tantas coisas no caminho que, minhas retinas, embora ainda pouco fatigadas, temem a arriscar-se a desvendá-las. Mas disso, nunca me esquecerei. ◀

## Trabalhos acadêmicos

Ao final dos cursos de Filosofia e Teologia, os alunos concluintes, como parte do currículo acadêmico, elaboram e apresentam um trabalho monográfico como fruto de suas pesquisas. Neste ano de 2007 foram elaborados os seguintes trabalhos.

### CURSO DE FILOSOFIA

#### A CONCEPÇÃO DE JUSTIÇA EM SHOPENHAUER.

Aluno: Deivison Tavares Fernandes (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Mauro César de Castro

#### O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM SARTRE.

Aluno: Edson Francisco dos Santos (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Pe. Edmar José da Silva

#### VERDADE E LINGUAGEM (autor: F. Nietzsche)

Aluno: Jardel Augusto de Melo (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Pe. Lúcio Álvaro Marques

#### A DIMENSÃO DOS SÍMBOLOS NUMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA EM ERNST CASIRER.

Aluno: João Donizete Euzébio (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Pe. José Roberto Filho

#### O CONCEITO DE PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER.

Aluno: Leandro Ferreira Neves (Arquidiocese de Mariana)

Orientador: Pe. Edmar José da Silva

#### ORIGEM E FUNDAMENTO DA CIDADE-ESTADO

Aluno: Mauro S. Fonseca Silva (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Pe. Edmar José da Silva

#### UMA LEITURA DA GÊNESE DA MORAL NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE.

Aluno: Ronei Colatino (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Pe. Lúcio Álvaro Marques

#### A RELIGIÃO COMO FENÔMENO HUMANO (autor: Ludwig Feuerbach)

Aluno: Sérgio José da Silva (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Pe. Lúcio Álvaro Marques

### CURSO DE TEOLOGIA

#### SINAIS DA FÉ: PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS DO ESPAÇO LITÚRGICO

Aluno: Ulysses César N. Alvim (Diocese de Divinópolis)  
Orientador: Pe. Ulysses Roberto Lio Trópia

#### EUCARISTIA COMO REFEIÇÃO: ANÁLISE DO SACRAMENTO DA EUCARISTIA A PARTIR DO SEU CARÁTER CONVIVIAL

Aluno: Davi Teixeira (Diocese de Divinópolis)  
Orientador: Pe. Ulysses Roberto Lio Trópia

#### MARIA: ESPERANÇA DA IGREJA QUE CAMINHA PARA DEUS

Aluno: Rodney Francisco da Silva (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa

### **criação divina: A OBRA DO AMOR DE DEUS E SUA CONSUMAÇÃO NO REINO DA GLÓRIA**

Aluno: Antônio Marcílio da Silva (Diocese de Paracatu)  
Orientador: Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa

### **A LIBERTAÇÃO DOS OPRIMIDOS ATRAVÉS DO PROJETO MESSIÂNICO NO EVANGELHO DE LUCAS**

Aluno: José João Araújo Silva (Prelazia de Cristalândia)  
Orientador: Monsenhor Celso Murilo de Sousa Reis

### **JESUS CRISTO: MEDIADOR E PLENITUDE DA REVELAÇÃO A PARTIR DE HEBREUS**

Aluno: Marco Antônio de Oliveira (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Monsenhor Celso Murilo de Sousa Reis

### **OS CONSELHOS EVANGÉLICOS**

Aluno: José Renilson da Silva (Diocese de Divinópolis)  
Orientadora: Irmã Ilva Vasconcelos E. Paiva

### **O IDEAL CRISTÃO DE SANTIDADE**

Aluno: Edmécio Moreira Gomes (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Pe. Geovane Luís da Silva

### **MISTÉRIO PASCAL: CENTRO DA LITURGIA DA IGREJA**

Aluno: Joselito Adriano Moreira (Arquidiocese de Mariana)  
Orientador: Pe. Geovane Luís da Silva

## **Vocação e Reconciliação\***

**Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa**



Caros irmãos no presbitério!

Somos convidados hoje para uma manhã de oração como presbitério da Igreja de Mariana. Colocamo-nos na presença da Trindade Santa, envolvidos pelo seu amor, neste Ano Vocacional: “chamados pelo Pai (Jo 6, 44.65), escolhidos pelo Filho (Jo 15, 16) e enviados em missão pelo Espírito (At 13,1-3)”. Ouvimos o apelo do Senhor: “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5, 4). Queremos responder com prontidão e generosidade, neste tempo de graça e conversão, confiando unicamente na palavra do Senhor que nos interpela. Que sentido teria a reunião de nosso presbitério para debater os desafios pastorais ou a fraternidade presbiteral se não nos colocássemos

diante do Senhor, em oração e com a disposição para realizar a sua vontade em nosso ministério? Correríamos o risco de pensar que Deus é nosso colaborador, a quem recorremos na oração para que os nossos projetos tenham êxito, quando se trata do contrário, nós é que somos colaboradores de Deus e devemos procurar realizar a sua vontade através de constante discernimento espiritual. Partilhando da consciência apostólica de Paulo, não queremos falsificar a palavra de Deus, mas anunciá-la com autenticidade: “como enviados de Deus, na presença de Deus, em Cristo” (2Cor 2,17). Pois como nos recorda o mesmo Apóstolo: “Não proclamamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, Senhor. Quanto a nós mesmos,

\* Texto apresentado no XIII Encontro Arquidiocesano de Presbíteros e Diáconos da Arquidiocese de Mariana (2003), durante manhã de espiritualidade e parcialmente retomado no XVI Encontro Anual da AEXAM (2007).

apresentamo-nos como vossos servos por causa de Jesus” (2Cor 4, 5).

***In nomine Iesu*** é precisamente o lema de nosso Arcebispo, há 15 anos à frente desta Arquidiocese. E aqui me perdoe Dom Luciano por narrar um fato que o envolveu. É que me é útil para ilustrar o que tenho a dizer. Somos sempre discípulos de Jesus. Mas, pelo ministério que a Igreja nos confiou em nome do Senhor, somos embaixadores de Deus para os nossos irmãos. Assim, devemos assumir **o olhar de Deus** em relação ao mundo, às pessoas e a nós mesmos. Olhar da fé e olhar de ministros de Deus. Mariana viveu, em dezembro de 2002, cena singular. Um jovem assaltante tentou roubar uma casa lotérica e deparou com um policial à paisana. Houve troca de tiros: Praça da Sé, Rua Direita. O jovem foi ferido. A médica que passava pelo local correu para socorrê-lo, cumprindo o seu dever profissional. O bispo, que estava em reunião na Cúria, diante dos tiros e do ferimento, saiu ao encontro do assaltante. A cena foi captada por fotografia publicada em jornal local. O policial com a arma direcionada para o assaltante, a médica prestando-lhe os primeiros socorros e o bispo que, inclinando-se com o olhar voltado para o jovem, dirigiu-lhe a palavra: “meu filho!”. O olhar do assaltante e o olhar do bispo se encontram: acolhimento amoroso, dor e arrependimento. O olhar do bispo e a sua palavra representavam o olhar paterno de Deus...

Celebramos hoje a Anunciação do Senhor, o que nos coloca diante do mistério da encarnação: “Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). Existir é ser amado por Deus agora. Estamos sob o olhar amoroso de Deus! Somos convidados a olhar o mundo e as pessoas com o olhar amoroso de Deus.

Como missionários do Senhor, somos homens de paz e reconciliação (Jo 20,19-23). Este é um tempo de reconciliação. Jesus, a quem servimos, nos revelou o Pai e nos reconcilia com Ele. Enviado do Pai, Jesus nos deu a conhecer o seu segredo: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4, 34). É, portanto, para o Pai que a nossa oração se volta, para que seja santificado o seu nome, venha o seu reino, seja feita a sua vontade e o pão, o perdão e a libertação do mal nos sejam concedidos. Reencontremos a nós mesmos e a nossa vocação na contemplação do Pai pródigo (Lc 15,11-32). Tomemos, com liberdade, a reflexão do Pe. Amedeo Cencini como nosso guia...

Há uma antiga história dos monges do deserto, citada pelo Pe. Cencini, que ilustra bem a direção desta reflexão. Certa vez um bandido, percebendo que não estava bem e que ia morrer, bateu à porta de um mosteiro e pediu ajuda, dizendo ao monge que o atendera: “Deus terá misericórdia de mim”, ao que este retrucou, indagando sobre a fonte de tanta certeza. O bandido respondeu: “porque é a profissão dele”. A profissão de Deus é a misericórdia...

Estamos em pleno ano vocacional e no tempo da quaresma: juntaremos o tema vocacional e o tema da reconciliação para conduzir a nossa manhã de oração. A vocação é um fenômeno de reconciliação. A vocação reconcilia-nos conosco mesmos, com o Pai e com os irmãos. Reconcilia-nos com o passado e o futuro, passando pelo presente. Reconcilia-nos com a verdade e a beleza da vida e também com as suas feridas e injustiças. A reconciliação ocorre antes e depois da opção vocacional. Por um lado é condição prévia, por outro é seu fruto maduro.

Os padres mais vividos ou enfermos podem encontrar em Paulo, o experimentado missionário da Segunda Carta aos Coríntios, um exemplo de reconciliação como fruto maduro da vocação: “atribulados por todos os lados mas não esmagados... prostrados por terra mas não aniquilados” (2Cor 4, 8-9); “trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo” (2Cor 4,10); “assim a morte trabalha em nós, a vida porém em vós” (2Cor 4,12).

D. Pedro Casaldáliga, dirigindo-se aos padres mais novos, em recente entrevista na Revista Vida Pastoral, dá os seguintes conselhos, que servem como caminho de reconciliação vocacional:

- Que cultivem a paixão por Jesus Cristo e sua causa, que é o Reino.
- Que orem.
- Que estudem e leiam.
- Que sejam e façam comunidade.
- Que “desçam”, ficando no nível do povo.
- Que não pretendam status.
- Que trabalhem seu equilíbrio emocional.
- Que saibam “medicar” as próprias crises, utilizando os recursos que todos conhecemos quando não queremos nos enganar.
- Que sejam coerentes, transparentes, testemunhadores.
- Que saibam acolher sempre.
- Que cultivem alguma arte, algum esporte e o bom humor.

E ainda, na mesma entrevista, apontando os maiores entraves para o seguimento de Jesus hoje, destaca:

- Falta de oração pessoal.
- Falta de gratuidade.
- Falta de solidariedade fraterna.
- Falta de pobreza evangélica.
- Falta de esperança pascal.

Certamente nós encontramos nas intuições de D. Pedro Casaldáliga preciosas indicações para trilharmos o caminho da reconciliação vocacional. Mas o texto que nos guiará será a parábola do Pai pródigo (Lc 15,11-32), com a ajuda das reflexões do Pe. Amedeo Cencini. Deus é o Pai que espera e perdoad, nós os filhos pecadores que retornamos e redescobrimos a vocação. Somos convidados a identificar interiormente em cada um de nós os três personagens da parábola. Ora somos o pai que espera, ora o filho que retorna, ora o irmão irritado, ora os três ao mesmo tempo.

Toda opção vocacional autêntica se dá num contexto de mistério. Quem é o homem? O Salmo 8 nos diz que é aquele de quem Deus se lembra. O homem deve ser também aquele que se lembra. A fé exige a memória. Uma memória reconciliada. Uma memória que descobriu a lógica do amor de Deus. Sob o ponto de vista psicológico, a reconciliação é um fenômeno de integração. A reconciliação vocacional é consequência da memória reconciliada que faz convergir todos os fragmentos existenciais para o centro gravitacional que é o amor de Deus. Há poucos dias, D. Luciano, em encontro com a equipe de formadores do Seminário, refletindo sobre a direção espiritual no processo formativo, falava sobre a oração como descoberta progressiva de Deus na própria vida. É exatamente disso que se trata: a vocação tem uma memória boa, isto é, amorosa, reconciliada, agradecida. O primeiro passo é passar da lembrança para o “fazer memória”, no sentido bíblico, que aponta para a descoberta da lógica da vida. Trata-se da memória da fé, que é integradora, reconduz ao centro, cura o que está ferido, ilumina e faz ver o sentido. Sob o olhar crente, a leitura da própria história se torna uma autêntica operação espiritual e produz o

reconhecimento, a ação de graças ao Deus de misericórdia. A memória de fé é a gratidão do coração que entoia o “Magnificat”. A memória reconciliada coloca as premissas da vocação: perde-se o medo, pois se Deus me amou, vai continuar a me amar e a vida entra na lógica da doação, pois se Deus me amou tanto, não posso deixar de amá-lo. A vocação nasce da gratidão, é resposta, é ser escolhido, não escolher. Portanto, a reconciliação é vocacional.

Voltemos à parábola evangélica e consideremos os três personagens: o pai pródigo, o filho caçula e o filho mais velho. Os três personagens habitam em nós como três maneiras diferentes de colocarmo-nos diante de nossa vida passada e de vivermos a reconciliação vocacional ou não. Existe em nós um pai que gera em cada um a certeza de ser amado e aceito sempre de novo. Esta atitude paterna em relação a nós é uma **memória amoris**. Existe também uma parte que precisa “retornar”, através do caminho da reconciliação. Ela aponta para a nossa fraqueza, para as nossas feridas. E existe ainda outra parte em nós que parece não aceitar bem este retorno, opondo-se a ele e que não sabe ou não quer lembrar. Esta última parte representa a amnésia do amor e da vocação.

### **“O Filho mais Velho: a amnésia do amor ou o esquecimento da memória”**

O filho mais velho é a imagem da memória doente. Trata-se de uma maneira estranha de se posicionar em relação ao próprio passado e também em relação ao outro. Fundamentalmente é o ingrato. Comporta-se como se fosse órfão. Não tem pai e nem irmão. Não reconhece os bens que recebeu, nem percebe que sempre esteve na casa do pai. Pensa que se fez sozinho, em total

autonomia. Fez uma caricatura do pai: chefe, superior, patrão, autoridade temida, ou até o “ingênuo” enganado pelo “falso arrependimento” do filho mais novo.

Num nível ainda mais profundo de leitura, o filho mais velho é a figura do censor moralista que hospedamos e não aceita a recuperação de nossa parte perdida. É o nosso orgulho e presunção, impedimento para que aceitemos as próprias fraquezas. Essa dimensão de nosso eu tem a pretensão de vencer e banir definitivamente toda limitação e imaturidade. Revela-se incapaz de integrar o passado e, portanto, perde a oportunidade de “reconhecer-lembrar” a misericórdia do Pai a partir das próprias fraquezas. A postura do filho mais velho se opõe à reconciliação vocacional, é fechada ao futuro porque abriga aspectos da vida que recusa visitar e integrar.

Cencini elenca sete tipos de memória doente, evocada pela figura do filho mais velho.

- **Memória apática**

É a situação daquele que não agradece a ninguém. Perdeu a capacidade de comover-se diante do bem recebido. Pensa que é um direito seu...

- **Memória parcial**

É a memória de quem só se recorda de uma parte da vida. Ou apenas a parte negativa ou apenas a parte positiva...

- **Memória superficial**

Esta só registra o sensacional. É sinal de pouca fé, como aqueles que no Evangelho pedem a Jesus sinais extraordinários. Não reconhece a presença de Deus na “brisa suave”, como o profeta Elias percebeu.

- **Memória nostálgica**

Em contraposição ao presente, idealiza o passado, fechando-se ao futuro. Exemplo bíblico: a saudade das cebolas do Egito no Êxodo.

### ● **Memória lamentosa irritada**

Quem busca no passado só ou principalmente os erros e injustiças que supostamente o vitimaram. Usa o passado como alibi para justificar a sua situação atual. Desresponsabiliza-se. Carrega rancores e ressentimentos. Não se reconciliou com as figuras do passado.

### ● **Memória insensata distorcida**

É um jeito de lembrar sem esforço, que não relaciona os acontecimentos e perde o sentido profundo. Costuma distorcer significados. Aqui, me lembro do Cardeal Martini, comentando no Evangelho de João o “tema das trevas”, não tanto como uma situação de pecado reiterado, mas antes como um “caminho desorientado”, uma desorientação profunda da vida. Trata-se de gente que caminha sem saber bem para onde vai. Pode até fazer o bem, mas de forma atabalhoada. Em seu ativismo, provoca confusão.

### ● **Memória desesperada**

É a pessoa sem perspectiva futura. Esmagada pelo passado, só enxerga os fracassos e admite a própria ruína.

Tudo isso é obstáculo para uma opção vocacional autêntica. É preciso uma memória reconciliada, grata, movida pelo Espírito Santo. É o Espírito quem possibilita chegar à memória de Deus em nós. Mas essa mudança de coração e mente não se faz sem a nossa cooperação.

## **O Pai Pródigo: a “Memória Amoris”**

Somos convidados, em certo sentido, a sermos pais de nós mesmos, tanto da parte fragilizada de nosso ser, como da parte auto-suficiente e presunçosa. Cada um é chamado a exercer continuamente uma paternidade e uma maternidade em relação à construção da própria identidade vocacional. O próprio discernimento do chamado vocacional signi-

fica assumir uma atitude paternal em relação a si mesmo. Significa cultivar a **memória amoris**, que é reconciliada e reconciliadora. Trata-se de um amor que lembra e é lembrado. Cultiva a certeza de ter sido amado por Deus e por muitas mediações humanas deste amor. Sem essa certeza decorrente da **memória amoris**, não existiria autêntica opção vocacional. O pai da parábola simboliza essa certeza. Ele é a garantia do amor incondicional. Sempre existe uma parte de nós que duvida, tem medo do amor, acha que não recebeu amor suficiente e desobriga-se de corresponder ao amor doando-se, prefere lamentar-se e suscitar compaixão. Com razão diz D. Pedro Casaldáliga que o contrário do amor não é o ódio, é o medo de amar. O medo de amar nos paralisa, nos fecha ao presente e ao futuro, deixando-nos refêns do passado. É preciso buscar a reconciliação paterna com o pai que existe dentro de cada um de nós e olhar para a própria vida com olhar adulto, amadurecido, olhar da **memória amoris**. A **memória amoris** retoma o passado com as suas feridas e, de certa forma, é capaz de curá-lo. Somos responsáveis pela atitude que assumimos hoje diante de nossas feridas do passado. Deixando de lado toda lamentação, pode-se servir das feridas para crescer na capacidade de compreensão para com os outros, pode-se experimentar melhor a misericórdia de Deus para consigo mesmo e aprender a aceitar-se. Não se trata, portanto, de apagar o passado, mas de assumir em relação a ele uma nova atitude. Aceita-se a própria responsabilidade adulta e cresce a liberdade, conferindo sentido a situações difíceis. Jesus, em sua paixão, tornou presente o Pai, excluído em meio a tanto ódio e mentira...

O fato é que a parábola do pai pródigo em seu amor nos ensina que não existe passado impossível de ser resgatado e libertado.

Assumir a paternidade da própria vida é assumir uma atitude responsável que liberta a dignidade do ser humano. A partir daí pode-se agir com coragem e encarar o futuro com confiança. A certeza de ter sido amado gera a certeza de ser capaz de amar. O pai pródigo é a imagem da abertura para o futuro que destrói o mecanismo auto-reprodutivo da ferida. É o contrário das imagens mitológicas gregas de Sísifo e de Prometeu. O Deus bíblico não é Zeus, é o Pai misericordioso que nos deu o



seu Filho único. O pai prepara uma festa para o filho que retorna e convida também, insistentemente, o filho mais velho (“saiu e suplicou-lhe”). O convite do Pai é para que nos abramos para a novidade da vida e do futuro como filhos muito amados, deixando a escravidão do passado infeliz e da memória doente. Abraçar a nossa vocação é acreditar que o amor constrói o futuro.

### **O Filho Pródigo: a peregrinação da memória reconciliada**

O filho pródigo nos coloca diante de uma jornada penitencial feita pelo peregrino. É importante sentir-se peregrino, buscar o sentido da vida, a verdade, a si mesmo, a Deus... Isso exige o esforço da procura. Trata-se de caminho que conduz à própria identidade filial, promovendo a reconciliação vocacional. Pretendera realizar-se fora da relação com o pai e encontrou o inevitável fracasso. Aí começa a peregrinação de todo filho, com etapas bem demarcadas no texto bíblico.

“Já não sou digno de ser chamado teu filho” (Lc 15,19). É a descoberta da própria verdade, através do retorno a si mesmo. Confronta a sua situação com a dos empregados da casa do pai. Admite com

franqueza o seu pecado e a sua indignidade. Descobre que rejeitara a filiação expressa em Lc 15, 31: “tudo o que é meu é teu”; quando o pai interpela o filho mais velho. O filho mais novo não descobrira antes esta lógica e pensou que tinha direito a uma parte da herança. Estava fora da lógica do dom. Não descobrira que a vida é um presente imerecido, pura gratuidade. Frequentemente é o que acontece conosco, pensamos que a vida é nossa, que o ministério é nosso... Queremos

“as coisas que nos pertencem por direito”. Deus é visto como patrão injusto e não como o Pai bon-doso que é.

“Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai” (Lc 15, 20). Encaminhar-se para o Pai é a etapa decisiva em nossa peregrinação para a reconciliação vocacional. Ser filho é renunciar à pretensão de se autodefinir. Ser filho é aprender a rezar, a “in-vocar”. A vocação nasce da invocação.

“O pai correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos” (Lc 15, 20). Esta é a etapa da aceitação do dom. O filho é envolvido no abraço e reencontra a paternidade de seu pai e o verdadeiro sentido de ser filho. As atitudes do pai revelam a dignidade do filho: corrida, emoção, abraço, beijo, a alegria e as palavras do pai. A festa mostra uma nova maneira de ler o passado, bem como a abertura para o futuro. A vocação pode ser compreendida como chamado a viver a identidade de filho. As palavras do pai revelam que a consciência da filiação havia morrido, mas tornou a viver, o chamado se perdera, mas foi reencontrado.

Como está a nossa consciência filial e a nossa visão do chamado recebido? A condição de filho e o chamado são redescobertos

no abraço e no beijo do Pai! Toda a nossa vida deve ser narrativa da beleza de ser filho e o futuro, interpretação original desta beleza na singularidade de cada liberdade. Nada fizemos para merecer a existência. Devemos abraçar o mistério do amor de Deus com o coração agradecido. Crise vocacional é crise de consciência filial, em última instância é crise de fé.

A lógica vocacional está expressa na frase do pai: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu...”. A vida é dom imerecido recebido pelo filho. Viver na casa do pai é viver na lógica do dom. É tornar-se adulto, “pai”. Como a antropologia cristã nos ensina, ser pessoa é dispor de si para tornar-se disponível para o outro. Nossas escolhas e a orientação do futuro só podem se dar dentro da lógica do dom. Fora dessa lógica, encontramos a tristeza, como a do filho mais velho. Nesse caso, nos consideraríamos trabalhadores forçados, pretenderíamos ser servos úteis, quando o Evangelho nos ensina a sermos servos inúteis, ou, presunçosamente, poderíamos pretender a santidade individualista. Procurar a própria realização fora da lógica do dom é desvio, é a esquizofrenia de quem teima em contradizer a lógica da vida. O caminho vocacional na lógica do cálculo ou cultivando a idéia do herói, conduz à decepção de considerar-se vítima. Só na experiência de Deus como Pai amoroso encontramos a nossa identidade filial e, com ela, a reconciliação vocacional. O mistério de cada vocação pode ser expresso nas palavras de um sacerdote, saindo de dolorosa crise vocacional, citadas pelo Pe.

Cencini ao final de seu livro sobre o pai pródigo:

*Liquidação por fêlência.*

*Uma vida inteira,*

*desde o primeiro instante da concepção até o último suspiro.*

*Mercadoria defeituosa,*

*escombros,*

*final de estoque.*

*Alguém bate...*

*um comprador?*

*Incrédulo, abro.*

*“Fico com tudo,*

*com toda a massa falida.*

*Em troca, dou-te a minha vida,*

*eu inteiro.”*

*Deus é assim.*

*É esse o nosso Evangelho.*

*É essa a nossa Páscoa.*

*Aléluia!*

Cachoeira do Campo, 25 de março de 2003. ◀

### Bibliografia

CENCINI, A., *O Pai Pródigo: história de uma vocação perdida e reconstruída*, São Paulo, Paulinas, 2002.

CNBB, *Batismo: fonte de todas as vocações. Texto Base do Ano Vocacional 2003*, Brasília, 2002.

LADARIA, I. F., *Introdução à Antropologia Teológica*, São Paulo, Loyola, 1998.

MARIN, D. L., *Somos o Povo da Esperança*. Entrevista com D. Pedro Casaldáliga, *Vida Pastoral*, Ano XI, IV, nº 229, São Paulo, Paulus, 2003.

MARTINI, C. M., *Homens de Paz e de Reconciliação. Meditações sobre a consciência missionária*, São Paulo, Loyola, 1987.

MARTINI, C. M., *O Evangelho Segundo João*, São Paulo, Loyola, 1990.

MIRANDA, M. T., *Libertados para a Práxis da Justiça. A Teologia da Graça no Atual Contexto Latino-Americano*, São Paulo, Loyola, 1991.

RUIZ DE LA PEÑA, J. L., *Criação, Graça, Salvação*, São Paulo, Loyola, 1998.

## Correspondência

**Dom Aldo Gerna** (São Mateus, ES, 20/07/07). Revdo. Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa. Recebi o número 1 da revista que

está nascendo com o título bem significativo de “Família do Seminário” e ainda expresso em Latim “Gens Seminarii” como signifi-

ficativo elo entre o glorioso passado e os novos tempos. Agradeço e felicito os generosos portadores da bela iniciativa. Eles têm muita coisa a contar e escrever para a edificação e informação de muita gente na Igreja de Cristo. Abraços.

**Dom José Carlos de Lima Vaz SJ** (Santa Rita do Sapucaí, 1º/8/07). Caro Pe. Lauro, Paz! Meu abraço amigo e fraterno, agradecendo o envio do GENS SEMINARIÍ que me havia prometido quando conversamos em Ouro Preto. Achei excelente e inspirada a idéia de dar continuidade ao GS-58 de Mons. Raul. Interessante a gênese do título que deu continuidade ao GS primitivo mas agora com um sentido mais abrangente, unindo a velha guarda com a realidade atual do Seminário e com a AEXAM. Afinal são todos Gens (ou Gentes) Seminarií!

A edição está ótima, rica em informativos sobre o Seminário, sobre os Padres espalhados por esses rincões de Minas e do Brasil. Não preciso dizer que, para mim, o ponto alto foi seu artigo sobre nosso saudoso Pe. João, seu tio-avô e meu Padrinho de Crisma. Dom Helvécio torceu o nariz quando o Pe. João falou que fora convidado para Padrinho, pois não gostava de que os Padres fossem padrinhos. Concordou, com a cara fechada, por se tratar de um pedido do Pe. João e de um neto do Dr. Cláudio. Veio a Ouro Preto, me crismou (dizem que eu chorava como um desesperado!!) e esqueceu de fazer o registro. Minha certidão de Crisma é uma declaração de Pe. João, ao pé da Certidão de Batismo!

Tudo isto, Pe. Lauro, a gente conserva na memória do coração! Quando você ficar velho vai ser como eu estou ficando. Acho que é uma sina dos ouropretanos!

Espero estar em Ouro Preto no Jubileu de D. Barroso e primo Simões. Continue enviando-me o Gens Seminarií!

Um abraço em união de orações.

**Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho** (Viçosa, 8/8/2007). Prezados Mons. Raul Motta de Oliveira, Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa e Helvécio Antônio Trindade,

L.J.C.! Recebi, li e reli a bela revista **GENS SEMINARIÍ**, Ano 1, Número 1, que reúne o simpático GS 58, o notável Informativo da AEXAM e ecos do glorioso Seminário São José de Mariana.

Felicito-os pela ótima publicação, bem dentro do que se lia no salão de festas do antigo prédio de D. Frei Manoel da Cruz: HAEC OLIM MEMINISSE JUVABIT.

Não se perdendo no passado, apresenta, outrossim, o presente e o porvir com muito otimismo.

Com uma impressão gráfica de primeiro mundo, a revista prima pela clareza dos textos, elegância das expressões e primor de um estilo apurado.

Prolfaças e augúrios: AD MULTOS MULTOSQUE ANNOS.

**Pe. Alfredo Carrara de Melo** (Barbacena, 4/9/2007). Prezado Pe. Lauro. Acuso o recebimento do fascículo n. 1 da publicação periódica "GENS SEMINARIÍ". Muito obrigado. Gostaria de continuar recebendo periodicamente esta publicação, em nome do centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, pois é de nosso interesse incorporá-la ao acervo e mantê-la sempre completa e atualizada. ◀

# Assembléia da OSIB em Mariana

**Pe. Carlos Roberto Moreira de Oliveira** (Diocese de Leopoldina)

Ex-secretário da OSIB Leste II

**Rodrigo Souza da Silva** (Diocese de Paracatu)

3º anos de Teologia, em Mariana

Nos dias 15 a 18 de outubro de 2007, realizou-se no Seminário São José da Arquidiocese de Mariana, na comunidade de filosofia, a XXVII Assembléia da OSIB (Organização dos Seminários e Institutos do Brasil) do Regional Leste II.

Todas as atividades foram presididas pela Diretoria da OSIB - LESTE II e coordenadas pelo Pe. Flávio Luis Rodrigues Sousa, Presidente. Fizeram-se presentes 66 participantes, entre formandos e formadores, sendo 6 Arquidioceses e 16 Dioceses, a saber: Arquidiocese de Mariana, Arquidiocese de Belo Horizonte, Arquidiocese de Vitória, Arquidiocese de Pouso Alegre, Arquidiocese de Uberaba, Arquidiocese de Juiz de Fora, e as Dioceses de: Governador Valadares, Caratinga, Colatina, Divinópolis, São Mateus, Guaxupé, Luz, Sete Lagoas, Leopoldina, São João del Rei, Januária, Itabira e Coronel Fabriciano, Guanhães, Almenara, Campanha e Paracatu.

As atividades principais foram: “Impressões acerca da 5ª Conferência de Aparecida”, sob a assessoria de Dom Geraldo Lyrio Rocha, Arcebispo de Mariana; Psicologia e Formação Humana nos Seminários - tema central - com assessoria do Pe. José Carlos, Psicólogo e membro da Equipe de Formação de Mariana; passeio orientado a Ouro Preto e confraternização; eleição da Diretoria OSIB-LESTE II, Mandato 2007 a 2011 e encaminhamentos para 2008.

Na palavra inicial, o Pe. Flávio saudou e acolheu a todos, ressaltando que a Assembléia é um momento muito rico e bonito da formação presbiteral, sendo um “encontro de irmãos”, desenvolvendo as atividades de modo informal e fraterno. Recordou também

que a OSIB não é um organismo deliberativo, mas um espaço de reflexão e apoio ao trabalho formativo que é assumido pelas dioceses do Regional Leste II. Por sua vez, o Pe. Lauro Versiani acolheu a todos, falando em nome da Equipe de Formação e do Arcebispo Metropolitano de Mariana. Relembrou que o Seminário de Mariana tem 257 anos ininterruptos de história e que, pela segunda vez, tem a honra de sediar a Assembléia da OSIB.

No segundo dia, 16/10, a celebração eucarística foi presidida pelo Arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha. Assumindo também a conferência na parte da manhã, ao fazer sua auto-apresentação, destacou sua vinculação à formação presbiteral até a nomeação episcopal. Convidou aos formadores que assumam seu serviço com fé e paciência. Dom Geraldo apresentou o tema “V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe”. Fez sua explanação abordando três aspectos principais: a gênese e a preparação, o contexto e as grandes idéias-força da V Conferência.

Quanto às idéias-força do documento, chamou a atenção para: 1. o resgate da identidade do católico hoje, que nasce do encontro pessoal - fé em Jesus Cristo - e não de modelos culturais; 2. revitalização do discipulado-missionário; 3. Ampliam-se os espaços do encontro com Jesus Cristo; 4. Enfatizou-se a vida das pequenas comunidades; 5. reforçou-se a Teologia da comunhão e missão; 6. saída da pastoral da manutenção para a vivência missionária; 7. ênfase à pastoral orgânica; 8. a opção pelos pobres é a “veia” por onde se faz a “leitura” de todo o documento. No momento do debate, Dom



Da esquerda para a direita: Pe. Alexandre, Pe. João Justino, Pe. Lauro, Pe. Paulo e Pe. Everaldo

Geraldo dialogou com os participantes acerca da ênfase e perspectiva para o ministério ordenado e a formação a partir do documento de Aparecida; sobre o perfil do padre e dos formandos que o documento aponta; acerca do desafio de comunidades sem a presença do ministério ordenado e sem a Eucaristia; acerca dos diversos modelos eclesiológicos e dos riscos do “novo clericalismo” e a urgência de resgatarmos o caminho e os horizontes traçados pelo Vaticano II. Dom Geraldo finalizou sua conferência, reafirmando sua convicção e esperança, como bispo e Presidente da CNBB, de que a Igreja no Brasil fará uma bela e rica acolhida ao documento e ao “espírito” de Aparecida.

Dom Geraldo, em sua conferência sobre o Documento conclusivo de Aparecida (os números de 314-327 refletem sobre a formação do clero), disse que “a formação dos futuros sacerdotes deve ser orgânica e não fragmentada”. Ou seja, “o Seminário não é o único espaço formativo, a Igreja particular

tem que ser a formadora dos seus sacerdotes. O Seminário é um lugar particular, privilegiado da formação.” Segundo ele, ao perguntar-se sobre que tipo de presbíteros queremos formar, devem-se levar em conta as instâncias da Igreja particular: conselho de presbíteros, conselho de leigos, etc. Desse modo, o aspecto da missionariedade deve reger a formação para sairmos de uma pastoral de manutenção.

À tarde, trabalhou-se o tema “A Psicologia e Formação Humana nos Seminários”, com a assessoria do Pe. José Carlos, do clero da Arquidiocese de Mariana. A questão central que se coloca diante deste tema é: “que tipo de Psicologia usamos na formação?” Pe. José Carlos apresentou os diversos elementos introdutórios ao trabalho com grupos, destacando os elementos constitutivos. O grande desafio que se põe para a formação presbiteral é a tentação de homogeneizar o grupo, desconsiderando a riqueza da diversidade. Outro aspecto

desafiador é fazer a formação personalizada. Recordou aos participantes a orientação da *Gaudium et Spes* n. 62, em vista do discernimento vocacional e da maturidade cristã dos formandos. Na manhã seguinte, o Pe. José Carlos continuou o trabalho, apresentando o tema da PERSONALIDADE - “Critérios Gerais para Transtornos de Personalidade segundo o DSM-IV”, buscando clarear os diversos termos da Psicologia, aplicados na formação presbiteral.

No final da tarde, houve um passeio turístico pela cidade de Ouro Preto, terminando com uma confraternização no local da Assembléia. Na quinta-feira, procedeu-se à eleição da coordenação da OSIB que irá articular, nos próximos 4 anos, as futuras assembleias e outros eventos.

Foram eleitos e, imediatamente, em reunião separada, decididas as funções: Pe. Lauro Sérgio Versiani Barbosa, Presidente (Arquidiocese de Mariana); Pe. João Justino de Medeiros Silva (Arquidiocese de Juiz de

Fora) e Pe. Alexandre José Gonçalves (Diocese de Guaxupé), Secretários; Pe. Paulo Bosi Dalbó e Pe. Everaldo Quirino Ferreira (Diocese de Divinópolis), Tesoureiros.

A nova Diretoria assumiu, imediatamente, a coordenação dos trabalhos. Pe. Lauro agradeceu, em nome da Diretoria eleita, a confiança de todos e afirmou que desejam fazer um trabalho colegial, num serviço solidário à formação. Passou-se então aos encaminhamentos relativos à Assembléia de 2008, ficando definidos a data e o local: 13 a 16 de outubro de 2008, na Diocese de Luz.

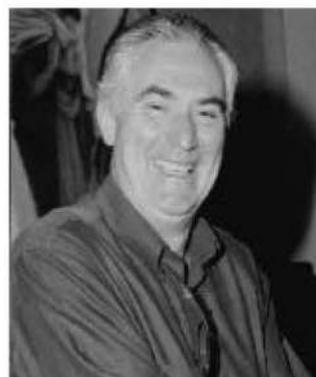
Encerrando os trabalhos, Pe. Lauro dirigiu a palavra a todos: fez o agradecimento à Diretoria que encerra o seu mandato; pediu o apoio, especialmente do Pe. Flávio, para os trabalhos, sobretudo, para a continuação do curso de formadores. E concluiu: “Deus nos quer felizes, fazendo bem o serviço da formação”. ◀



1ª Visita de Dom Geraldo Lyrio ao Seminário (22/06/07)



## Palavra do Presidente



Prezado aexano,

Este é o número 2 da nossa revista *Gens Seminarii*.

Tal como no primeiro exemplar, ele contempla notícias dos Seminários de Mariana, da AEXAM e do GS 58. Há outros assuntos também.

Espero que os fatos e as fotos aqui mostrados sejam do seu interesse e lhe proporcionem uma agradável leitura.

O nosso site está completamente ativo. Se você ainda não o visitou, faça-o. Há muitas notícias e informações sobre a nossa Associação que você deve saber. Também quem já o conhece deve acompanhá-lo sistematicamente, pois há uma constante atualização, na medida em que chega material interessante e adequado.

Cadastre-se.

Anote aí: [www.aexam-mg.org.br](http://www.aexam-mg.org.br) e clique em **Associe-se a Nós**.

Ao acolherem o convite da Diretoria, os aexanos tornaram espetacular o Encontro Anual em Mariana no último julho. Muito boa a presença, superando marcas anteriores. Todos vivenciaram momentos de uma confraternização agradável, alegre, descontraída, proveitosa e saborosa. O significativo

comparecimento de familiares, contagiados e envolvidos, coroaram os seus esforços em fazê-los também participar desse momento tão importante para todos nós.

Ela acredita que no próximo ano, em 12 e 13 de julho, haverá uma presença ainda maior, com os corredores e as salas dos Seminários ainda mais movimentados.

E você não poderá faltar!

Nós da Diretoria ficamos sensibilizados e agradecemos as carinhosas e entusiasmadas manifestações sobre o planejamento e a realização desse último Encontro.

Fizemos tudo com muito carinho e... que bom que deu certo!...

Desejo-lhe e à família muita paz e alegria no Natal que já vem. Que o ano de 2008 lhe seja próspero nos seus negócios e com uma saúde de ferro, pois, na nossa faixa etária, isto é muito importante. ◀

*Helvécio Antônio da Trindade  
Presidente da AEXAM*

# Confraternização de Aexanos

## Convite

Prezado aexano,

Natal chegando... Ano terminando...

Tempo de reacender os sentimentos fraternos e salutares de que tanto precisamos à nossa vida; tempo de reencontrar o amigo, o "quase-irmão", e dar-lhe um caloroso abraço.

Pois bem, isto lhe será possível no encontro de confraternização natalina que estamos preparando e que certamente terá uma espetacular presença de aexanos e familiares.

Contamos com a sua presença para tornar esta "festa" ainda mais emocionante.

Haverá um churrasqueiro da melhor qualidade preparando carnes diversas e acompanhamentos especiais. Também lá cervejas, refrigerantes, sucos e água mineral à vontade, sem falar na pinguinha, que não pode faltar.

Música ao vivo faz parte dos preparativos.

Como não poderia deixar de ser, faremos o momento do recolhimento e da prece em ação de graças.

Anote então:

**Dia: 15 de dezembro - sábado - a partir das 18 horas.**

**Local: Residência do Waltinho e Graça, à Rua Icó nº 270, no bairro Saudade, em Belo Horizonte (3467-4994).**

Será apurado o custo total do ágape e faremos um rateio entre todos os presentes.

É muito importante que você confirme a sua presença imediatamente (e dos acompanhantes, se for o caso), para que possamos preparar adequadamente o cardápio.

Quando da confirmação, você receberá todas as informações para chegar à casa do Waltinho. É facilímo!

Então, ligue e confirme!

(31) 3296-7985, 3467-4994 (Waltinho)

[aexam@aexam-mg.org.br](mailto:aexam@aexam-mg.org.br)

[helveciotrindade@yahoo.com.br](mailto:helveciotrindade@yahoo.com.br)

Abraço!

**Diretoria da AEXAM**

# AEXAM

## EXPEDIENTE

Associação dos Ex-alunos dos Seminários de Mariana  
Avenida Prudente de Moraes, 290, Sala 1101, Cidade  
Jardim, Cep 30380-000 Belo Horizonte, Minas Gerais.  
Fone: (31) 3296-7985 - Site: [www.aexam-mg.org.br](http://www.aexam-mg.org.br)  
E-mail: [aexam@aexam-mg.org.br](mailto:aexam@aexam-mg.org.br)

### DIRETORIA

*Presidente:* Helvécio Antônio da Trindade

Belo Horizonte - 1958/63

*Vice-presidente:* José Arnilar da Silveira

Ipatinga - 1956/60

*1.º Secretário:* Vicente Geraldo Gonçalves

Belo Horizonte - 1958/61

*2.º Secretário:* Antônio Idalino de Araújo

Timóteo - 1958/61

*1.º Tesoureiro:* Marco Túlio Vieira Torres

Belo Horizonte - 1964/68

*2.º Tesoureiro:* Márcio Adelmo Guimarães

Carandai - 1979/81

*Diretor Social:* Olavo de Oliveira Camelo

Mariana e BH - 1960/64

### CONSELHO FISCAL

*Conselheiro:* Emanuel Paulo Rocha

Ipatinga - 1957/66

*Conselheiro:* Raymundo Lopes Rodrigues

Rio de Janeiro - 1953/58

*Conselheiro:* José Maria Cunha

Santo André/SP - 1957/62

*Suplente:* José Geraldo Ribeiro

Ipatinga - 1959/64

*Suplente:* Afonso Mariano Lopes

Belo Horizonte - 1959/65

*Suplente:* João Batista Lima

Belo Horizonte - 1957/66

### ASSESSORES

*De Imprensa:* Monsenhor Raul Motta de Oliveira

Caratinga - 1948/58

*Especial:* Paulo Roberto Magalhães

Vitória - 1958/66

*Especial:* José Ferrer Carvalho

Belo Horizonte - 1963/65

### COLABORADORES

José Maria Cunha, José Newton Garcia de Araújo, Luiz Gonzaga Pessoa, Mário Cléber da Silva, Maurílio José de Oliveira Carmello, Sebastião de Sousa Burgareli, Vicente Nolasco Costa, Padre Avelino Marques, José Geraldo Teixeira e Helvécio Antônio da Trindade.



ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS  
DOS SEMINÁRIOS DE MARIANA

**“...quando se vê  
já é Natal,  
quando se vê  
já terminou o ano...”**

Do poema A VIDA de Mário Quintana



*Pois é, pode ser que tenhamos deixado de fazer muitas coisas por pura preguiça ou falta de empenho. Não há como recuperar esse tempo. Ele passou.*

*Contudo, um novo há de vir que nos permita sorrir, abraçar, doar, dançar, viver mais, planejar menos, acreditar, festejar as conquistas, viver o presente como o maior presente de todos.*

*A todos vocês um Feliz Natal e um 2008 com todas as opções acima, que, seguramente, o tornarão inesquecível!*

*Diretoria da Aexam*

## Como foi o XVI Encontro Anual em Mariana



Parece que, propositadamente, no sábado, dia 14 de julho de 2007, o céu marianense se fez todo azul para receber os aexanos no Seminário Maior São José. Se lá em cima não havia nuvens, cá embaixo também não, pois todos chegavam felizes e empolgados com o reencontro. Mal o “ex” apontava lá na chegada, antes do jardim, de carro ou a pé, cá na escadaria já se falava:

“- Oh! É o fulano! De tal lugar!”

Os abraços apertados vinham acompanhados de belas e sonoras gargalhadas. Descontração total.

O hall do Seminário Maior ficou cheio de um vozerio gostoso, enquanto, vez por outra, se degustavam uma fruta, um biscoito ou um pão de queijo para amainar a fome de quem viajara. Na secretaria os crachás eram entregues aos aexanos e familiares, todos se tornando participantes desse Encontro.

Quem não tinha ainda recebido em casa a nova revista “Gens Seminarii”, pode pegar um exemplar que monsenhor Raul trouxera

de Caratinga. Os elogios à nova publicação foram unânimes. Todos gostaram muito do novo formato.

O almoço foi um delicioso “arroz de Braga” que a Rosana, esposa do Helvécio e filha de português, capitaneando as cozinheiras, mandou preparar e servir com fartura. Todos comeram e...repetiram.

A caminhada ao Seminário Menor da Boa Morte, hoje ocupado pela UFOP, em comodato, foi conveniente e adequada após a opulenta refeição.

E lá inúmeras lembranças vieram à tona com a visita às suas dependências. Era comum ouvir-se: “- Aqui era o salão de estudos... Tiraram o sino daqui... Aqui tinha um banco grande onde ficava a maleta do Sô Estêvão...”

Mas, lembranças mesmo aconteceram quando todos foram à capela. Que pena, está precisando de recuperação! Mas, nem por isto, menos saudosa.



Aexanos presentes às palestras, na Capela do Seminário Menor

O padre Lauro Versiani, reitor do Seminário Maior São José, abriu o XVI Encontro dos Aexanos. Fez da parábola do Filho Pródigo o gancho para a sua palestra. Cunhou a expressão “memoria amoris” para identificar a lembrança agradecida ou amorosa: o reconhecimento da ação de Deus na nossa vida.

Os presentes também puderam ouvir e aprender com o Dr. Ângelo Oswaldo, prefeito de Ouro Preto, sobre a arte barroca de que a Igreja é guardiã. Profundo conhecedor do assunto, com uma extraordinária atuação nesse meio artístico, mostrou a riqueza que existe nas igrejas e monumentos religiosos, às vezes desconhecida ou não preservada.

O auditório do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFOP, gentilmente cedido pelo seu diretor, professor Ivan Almeida, foi o ambiente propício para que a AEXAM realizasse com conforto e tranquilidade a sua tradicional reunião. Desta feita, no entanto, ela tomou o formato de uma sessão lítero-musical.

O presidente da AEXAM, Helvécio Trindade, apresentou no telão a logomarca da Associação, explicando o seu significado e a técnica para a sua criação. Ao final aconteceu um momento de muita emoção.

De igual maneira o novo site da AEXAM

[www.aexam-mg.org.br](http://www.aexam-mg.org.br) foi mostrado aos presentes. O novo visual e as suas possibilidades de acesso às notícias e procedimentos (pagamento de semestralidade, por exemplo) foram elogiadas.

A arte e a memória do Luiz Gonzaga Pessoa foram demonstradas, através dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Manoel Bandeira, Almeida Garrett e de muitos outros... até Camões.

O ouropretano Luiz Flaviano Furtado, didática e fotograficamente, contou sua vivência na grande cidade de São Paulo, mostrando suas atividades militares e civis, bem como suas atuações sociais e de ajuda aos portadores de deficiências físicas e mentais.

Surpreendendo todos, o grupo musical “Carona Brasil”, formado por cinco cantoras mineiras - a Rosana é uma delas -, apresentou algumas músicas do repertório do seu CD Corra e Olhe o Céu, recentemente lançado no Brasil. Donas de uma afinação impecável e uma timbragem maravilhosa, as cantoras fizeram nesse CD um rico resgate cultural, vestindo de atualidade músicas antigas e de extraordinários compositores - Pixinguinha, Noel Rosa e outros.

Todos se encantaram e aplaudiram calorosamente. Para acalmá-los foi servida uma deliciosa canjica, bem quentinha como só assim ela deve ser.



O Carona Brasil

Com o encerramento da reunião, os aexanos foram convidados a fazerem a inauguração do “Memorial Físico da AEXAM”, uma sala no Seminário Maior, onde objetos e vestimentas, usados ou utilizados pelos então seminaristas, ficarão expostos à visitação. Constituído por doações, este memorial pretende, somente, manter vivas as “coisas” do Seminário. O padre Avelino Marques tornou-se o grande colaborador ao doar o paramento de sua Primeira Missa (1943) e outras peças (dulhieta, perigrineta, sobrepeliz e livros). De igual maneira colaboraram monsenhor Flávio Carneiro com as peças que compuseram o altar e a Ciça (nora da Rosana) com a montagem do Memorial.

Todos acharam muito interessante o que viram e alguns se comprometeram com alguma doação.

A espetacular presença nessa cerimônia foi recompensada com um delicioso tiragosto, refrigerante e uma pinguinha que surgiu não se sabe de onde.

A música da Adir e do Dioclécio fez fundo ao jantar servido no Salão dos Apóstolos. Um suculento strogonoff de frango, com todos os ingredientes para torná-

lo saboroso, tornou-se a alegria dos comensais. Cerveja, sucos e refrigerantes foram colocados à disposição. Houve quem trouxesse vinho.

O presidente da AEXAM prestou homenagens aos palestrantes do Encontro e a alguns aexanos que, inegavelmente, apóiam, ajudam e promovem a Associação.

Como não poderia deixar de ser, uma improvisada quadrilha junina tomou conta do lugar e a “festa” rolou até mais de meia-noite.

Manhã cedinho, alguns já estavam no refeitório para o “café da manhã”, sortido com bolos, broas, pães, sucos, frutas e o inesquecível mingau de fubá.

O sol em frente à Catedral estava quente, mas ainda assim os aexanos lá se concentraram. Pontualmente às 10 h, em fila, tal qual nos tempos seminarísticos, todos entraram para a missa solene celebrada por dom Geraldo Lyrio, o novo, atencioso e simpático arcebispo de Mariana. Alguns sacerdotes presentes concelebraram e uma comunidade de aexanos e marianenses seguia atentamente a cerimônia.

A missa “De Angelis” ao som do órgão da Catedral, maravilhosamente executado pela

professora Maria Noêmia, foi muito especial para todos, revivendo-se muitos momentos.

A banda de música do distrito de Padre Viegas (Sumidouro), da qual o Geraldo Jésus é o lídimo representante, ainda que muito tímido, levou de volta os aexanos ao Seminário Maior ao som de dobrados. Paulo Roberto Magalhães, que a trouxe para o Encontro, estava eufórico.

Na escadaria foi tirada a foto tradicional com a presença do senhor arcebispo dom Geraldo, que esteve presente ao almoço servido no refeitório.

Enquanto os aexanos saboreavam uma típica comida mineira - arroz, tutu de feijão, pernil e couve - a banda de música apresentava-se no Salão dos Apóstolos, cujo momento de glória se deu com a execução da peça "Cruz de Honra", resgatada junto ao Museu da Música de Mariana, instalado no antigo Palácio dos Bispos.

O encerramento do evento deu-se com as despedidas. Cada um, a seu tempo, tomou o caminho de casa, certamente feliz com o Encontro.

Há de se ressaltar a maravilhosa participação dos familiares dos aexanos, esposas e filhos, incentivando e apoiando esse conagraçamento que fez tão bem a todos.

Fundamentais à preparação, organização e acompanhamento das atividades deste Encontro foram as colaborações do Marco Túlio e a Valéria e do José Maria Gomes (Campainha).

A diretoria da AEXAM, com a generosa colaboração financeira de alguns associados, pôde realizar o Encontro em que somente se pagaram RS 20,00 (vinte reais) pela diária de quem ficou hospedado no Seminário Maior, cuja arrecadação foi-lhe entregue. Sem dúvida, uma condição que favoreceu a espetacular presença de 136 pessoas, entre aexanos (86), familiares (41) e convidados (9). Isto sem contar os integrantes da banda de música do Sumidouro (32).

Agora é esperar o próximo Encontro nos dias 12 e 13 de julho de 2008. ◀

(Notas da Redação)

## Presentes ao Encontro

### Aexanos e familiares

1. Adair Eustáchio Moreira e esposa Édia (1)
2. Ademálio de Souza Benevides
3. Afonso Mariano Lopes
4. Ailton Henrique de Almeida
5. Ailton Saraiva Lessa e esposa Célia (1)
6. Aloísio Pereira Fialho
7. Antelmo Camatta
8. Antônio Claret de Rezende
9. Antônio Idalino de Araújo, esposa Marli, filha Ana Paula e Lilian (3)
10. Antônio Ribeiro Martins (Furquim)
11. Beatriz Electo Maciel (aexano Zé Luiz)
12. Carlos Senra
13. Carlos Wagner Pacheco
14. Cláudio Horta Mendes e esposa Glória (1)
15. Cônego Antônio José Chamel
16. Cônego Jadir Trindade
17. Dom Francisco Barroso Filho
18. Dom Geraldo Lyrio Rocha
19. Fernando Granhin Cavalcanti
20. Gabriel Afonso e esposa Sueli (1)
21. Geraldo Eustáquio Ferreira (Dadinho), esposa Zazá e filho Luiz Eduardo (2)
22. Geraldo Fábio Madureira
23. Geraldo Jésus

24. Geraldo de Souza Meirelles e esposa Ilma (1)
25. Getúlio Aurélio Dias (Tiziu)
26. Heliton Dias de Oliveira
27. Hélio Pétrus Vianna
28. Helvécio Antônio da Trindade, esposa Rosana, Rafael, Ciça, Rogério e Sabrina (5)
29. Hugo Felipe da Silva (Barão)
30. Irineu Rossi Acipreste
31. Jésus Trindade Barreto e esposa Maria Vera (1)
32. João de Assis Mariosa
33. João Gabriel Teixeira (Japão)
34. João Luiz Moreira Costa, esposa Silvana, filhos Dardânea, Wagner e Jacyara (4)
35. João Sampaio Pereira
36. José Amilar da Silveira e esposa Sandra (1)
37. José Antônio Pessoa (Passagem)
38. José Celso Cenachi e esposa Maria José (1)
39. José Dioclécio Santana e esposa Adir (1)
40. José Eustáquio Hemétrio de Menezes
41. José Ferrer Carvalho
42. José Geraldo Ribeiro e esposa Graça (1)
43. José Guido Ribeiro
44. José Ivanir Américo e filhos Saulo e Ivanir Júnior (2)
45. José Maria Gomes (Campainha)
46. José Miguel Filho
47. José Newton Garcia de Araújo
48. José Raimundo de Oliveira
49. José Rezende Vilela
50. José da Silva Coelho (Zezinho)
51. José Tarcísio Rodrigues
52. José Vicente de Paula Cupertino
53. Juarez Augusto
54. Luciano Franco Tolentino Amaral
55. Luiz Antônio Moreira
56. Luiz Flaviano Furtado (Pedrosinha)
57. Luiz Gonzaga Pessoa (Pessoinha)
58. Luiz Marcos Cúrcio
59. Márcio Oliveira de Araújo (Diduída)
60. Marco Túlio Vieira Torres e esposa Valéria (1)
61. Maurílio José de Oliveira Camêllo
62. Monsenhor Levy Paula Ferreira
63. Monsenhor Raul Motta de Oliveira
64. Odilon Gomes Dutra e esposa Eluse (1)
65. Olavo de Oliveira Camelo
66. Osvane Homem de Faria
67. Otacílio Fernandes Ávila
68. Padre Arnóbio Passos Cruz
69. Padre Avelino Marques
70. Padre Edvaldo Camargos de Souza
71. Padre José Jésus Gomes
72. Padre Lauro Sérgio Versiani Barbosa
73. Padre Luiz Duque Lima
74. Padre Reynaldo José Dias de Castro
75. Paulo Roberto de Magalhães, esposa e filho Rômulo (2)
76. Raimundo Luiz Fernandes e esposa Maria das Graças (1)
77. Raymundo Lopes Rodrigues
78. Roque José de Oliveira Camêllo e esposa Merania (1)
79. Sebastião de Sousa Burgareli e esposa Hortência (1)
80. Silvério Bragança
81. Sueli Neves (aexano Ubiratã) e filha Isabela (1)
82. Vicente Dutra de Assis
83. Vicente Nolasco Costa
84. Waldir Magalhães Dutra, esposa Conceição, filha Lílian, irmã Tininha e Márcia (4)
85. Walter Araújo Freitas e esposa Graça (1)
86. Weber Torres, esposa Marli e filha Izabela (2)

Total de familiares: 41

### Aexanos e familiares

Dr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos Prefeito de Ouro Preto (palestrante) (1)  
 Dr. Marcílio V. Queiroz (Secretário Cultura e Turismo da Prefeitura Mariana) (1)  
 Maria Aparecida da Silva (cozinheira) (1)  
 Maria Noêmia (organista da Catedral) (1)  
 Motorista do Vicente Nolasco Costa (1)  
 Grupo CARONA BRASIL (4)

Total de convidados: 9

Banda de Música do Sumidouro (32)

Total geral: 168

**Muitas outras fotos poderão ser vistas no site [www.aexam-mg.org.br](http://www.aexam-mg.org.br) (Agenda de Encontros)** ◀

# O que é o encontro anual em Mariana

Oi, Helvécio,

Depois de longa e tenebrosa primavera, aqui estou, neste começo de outono, com o texto prometido. Desculpe o atraso, mas é o aperto de costura. Como lhe falei, esta é uma versão modificada - em alguns pontos, atualizada - do texto que escrevi, quando fui a primeira vez ao nosso encontro anual.

A propósito (ou sem propósito nenhum), no texto eu fiz alusão aos

apelidos dos colegas. E pensei: quem sabe, através da página, a gente faz um apelo geral para que os colegas mandem pra você os apelidos (e os donos dos apelidos) de todo mundo que lembrarmos? Trata-se de uma tarefa tão importante quanto achar uma solução para o aquecimento global (rsrsrs).

Afinal, quem canta (ou lembra apelidos) os males (do mundo) espanta.

Grande abraço,

Newton

## Os meninos que iam salvar o mundo

**José Newton Garcia de Araújo**

Estudou nos Seminários Menor e Maior de 1956 a1966  
É psicólogo e professor em Belo Horizonte onde reside



Missão impossível: escrever sobre o que mexe, o que "balança" a gente, quando voltamos a Mariana e topamos com aquele bando de colegas que não víamos desde tantas calendas. Escrever o que? Talvez bastasse dizer: a gente sente, se comove em alta intensidade. Trinta, quarenta ou cinquenta anos rememorados num segundo. Mistura de saudade, alegrias e angústias brabas. Engraçado: parece que aqueles meninos ou jovens dos anos 50 ou 60 (hoje com seus 50 ou 60 nas costas) são exatamente os mesmos. O tempo apenas os maquiou com cabelos brancos, barriga, rugas, mas ninguém mudou nada. A lembrança nos leva de volta aos corais da Semana Santa, à "leitura de notas" mensal, à banda de música do (padre) Otacílio, ao

*Mitte Domine*, aos passeios à Cartuxa e ao Itacolomi, àquela horrível comida do Menor - só pra avivar a memória: a cada dia, em rodízio, um dos quatro se servia primeiro, deixando as muxibas aos outros três.

Pois é: ao nos abraçar eufóricos, rindo (ou chorando aqueles que já se despediram definitivamente - Miguelão, Ageu, Gilberto, Xerézim, Moreira, Porfírio, Zé Luiz, Fortes...), contando nossas vantagens ou desvantagens de hoje, sonhamos reencontrar os pirralhos que éramos *in illo tempore*. Tudo que hoje nos faz diferentes (profissões, condições financeiras, ideologias várias, celibato ou não-celibato, fidelidade ou distanciamento do credo romano), tudo isso perde importância diante do *...meminisse juvabit*.

Além dos colegas, topamos também, eternizados na "paradeza" de dois séculos e meio, com os mesmos (nem todos, claro) corredores, janelas, teias de aranha, campinhos de ranca, paredes nuas, pedras das calçadas, a fria e sagrada atmosfera das capelas. Nesse cenário, nossas fantasias, temores e tremores mergulham na mesma estranheza de antanho. Mistura, muita mistura: tempo feliz e infeliz, entre os muros e lições medievais do Menor ou nos "contextos" mais libertários do Maior. Tempo de muita expressão (poesia, música, esportes, teatro) e de muita repressão, no pensamento, no corpo e na alma. Mistura sem adjetivos de *eros* e *thanatos* - um olhar crítico-analista, tantas décadas passadas, diria até que as artimanhas da morte levavam a melhor sobre as forças do amor. Feridas incuráveis em meio às chances que nos foram abertas vida afora.

Mas o reencontro é a festa da afetividade generosa, parece até que perdoamos tudo que sofremos e só resta agradecer pelo que ali ganhamos. Não tem jeito: ficamos definitivamente marcados por aquele confinamento forçosamente comunitário, onde se comiam os "pães ázimos"... de qual sinceridade?, de qual verdade? Não é hora de responder, é hora apenas de contemplar, mudos ou atônitos, nossa quixotesca epopéia. Como espectadores, poderemos talvez rir ou chorar, mas saberemos tomar distância dos excessos de ardor ou de rancor.

Talvez alguém exclame: era uma vez uma geração que foi induzida a acreditar que salvaria o mundo. Mas é bem possível que, em vez do mundo, tenhamos nos salvado a nós mesmos. No exílio da família e das cidades de origem, estávamos condenados à solidariedade. Bem ou mal, nossas carências

eram ali esparadrapadas. Fosse qual fosse o colega, mesmo com as inevitáveis rixas e conflitos internos, cada qual era aceito e reconhecido pelos outros, em suas qualidades, originalidades ou extravagâncias, muitas vezes acolhidas com humor criativo - os apelidos que o digam "tá bão, Guspinguim?", "sai pra lá, Pau-de-Fumo", "olha o Caminhão dando lições pro Caminhãozinho".

E ali até aconteciam milagres: apesar de enclausurados, um mundo novo se abria para nós. Em nosso imaginário, éramos entronizados em um universo - de símbolos, ritos, proibições, crenças, saberes - mais rico que aquele de nossas origens interioranas. E hoje nossos reencontros confirmam: aquele "laço afetivo", que nos fez eternamente membros de uma coletividade, nenhuma traça corroeu. Se alguns teóricos dizem que os anos da primeira infância nos moldam para o resto da vida, podemos contestar, com o argumento do coração: foi a "segunda infância" de Mariana que nos moldou e marcou para sempre.

E quando, domingo depois do almoço, começamos a nos despedir, meia-volta ao cotidiano familiar, comunitário, paroquial ou profissional, sabemos que nada vai desatar o laço. Mas como ficamos? Malas cheias de reminiscências, baterias da memória recarregadas, corações reconfortados, até rejuvenescidos, quem sabe? Todos se calam, no entanto, mesmo que num só segundo, pois na bagagem está guardado aquele fragmento do Liber Primus da *Eneida*, de Virgílio: *aeternum servans sub pectore vulnus* - pois quem não carrega no peito a eterna ferida do retorno impossível àquele inferno/paraíso que o tempo nos arrancou? ◀

# Fraternidade

Entrei dentro de mim e, cauteloso,  
na varanda da casa da saudade,  
fiquei atento, ouvindo um som gostoso  
de um gotejar, marcando a minha idade.

Depois, entrei na sala, curioso,  
e vi meu coração, com piedade,  
cheio de amor, mas amor saudoso  
que, em julho, alicerçou fraternidade.

Parei! E me senti seminarista,  
entre colegas, ora, bem à vista,  
que, felizes, plantaram, no meu peito,

uma semente forte que não morre  
e, enquanto o trem do nosso tempo corre,  
façamos novo encontro, a nosso jeito.



**Vicente Nolasco Costa**

Estudou nos Seminários Maior e Menor até 1951  
É advogado, escritor e poeta.  
Reside em Vila Velha/ES

## Opiniões sobre o XVI Encontro Anual

### Encontro Fraterno



**Luiz Gonzaga Pessoa**

Estudou no Seminário Menor de 1956 a 1961  
É Professor e reside em Belo Horizonte

Em março do corrente ano, recebi, com surpresa, telefonema do Helvécio Trindade, desafiando-me para uma partida de ping-pong. Na carona do desafio, convidou-me para participar do Encontro Anual dos Aexanos, em Mariana. Tal convite já me fora feito, em anos anteriores, pelo Amilar. Entretanto, por motivos profissionais, nunca pude participar. Desta vez, tive o privilégio de estar presente, o que muito me alegrou, pois deixei Mariana, berço de meus estudos

secundários, em 1961, retornei como turista, com minha família, em 1980, e agora, em 2007, participei da confraternização com meus antigos ex-colegas, porém, sempre amigos.

Foi um encontro maravilhoso... Nostálgico ao reviver locais outrora freqüentados! Humano ao abraçar ex-colegas, companheiros de alegria e tristeza vividas juntos! Esportivo ao caminhar do Seminário Maior

ao Menor, da Catedral da Sé ao Seminário Maior e deste às pousadas marianenses, onde nos hospedamos, ocasião em que relembramos as nossas peladas, eternizadas nas fotos exibidas no Memorial Físico! Religioso ao assistir à Missa Solene, celebrada por Dom Geraldo Lyrio e cantada pelo coro formado por ex-colegas que, brilhantemente, entoaram o “Kyrie Eleison”! Intelectual ao ouvir expressões latinas, tão distantes dos dias hodiernos, mas tão presentes naquela época! Tristonho ao relembrar a ausência daqueles colegas queridos que já se foram, como João Paulo, Xerezinho e Porfírio entre outros!

Alegrou-me a presença de todos, especialmente dos meus colegas de turma, como José Amilar, o craque da bola; José Newton, o melhor da sala ao lado de Márcio Baeta; Silvério Bragança, o da botica farta; e Hélio Petrus, o do acordeão e da poesia de Guerra Junqueiro.

Emocionei-me com abraços afetuosos de Paulo Roberto, nosso pontual sineiro sempre acompanhado de seu peculiar relógio; de José Geraldo, meu marcador ferrenho nas partidas de futebol no campo grande e no campo do Guarani; de Burgarelli e Idalino, poetas “ex tunc” e “ex nunc”; de Reinaldo e Dadinho, nossos músicos; de Roque Camelo, nosso cerimoniário ao lado de Jairo Braga, que nos ensinaram a rezar as jaculatórias; de Helinton, meu contumaz desafiante de ping-pong; de Odilon, companheiro de dupla dos times organizados pelo Salgado, para disputar torneios; de Helvécio, ator infante-juvenil de nossas peças em nosso teatro, reinaugurado com cortina vermelha pelo Padre Nelson, no antigo dormitório; de Anselmo, cuja presença capixaba me fez lembrar de Leandro,

nosso ícone estudantil, pois só tirava nota dez, nas leituras de notas mensais feitas pelo Padre Ézio.

Nosso encontro foi uma fotografia viva daquele tempo... Pessoalmente, revivi momentos e ex-colegas distanciados, pela fatalidade da vida, há 50 anos. São cinco décadas que não apagaram o sorriso, o jeito e a lembrança daqueles com os quais convivi de forma fraterna e amiga. Durante seis anos, de 1956 a 1961, conheci indivíduos que se foram transformando em pessoas na medida em que se aprofundava nosso relacionamento. “O indivíduo se isola, cerca-se de tabus, preconceitos e códigos morais que não são informados pelo amor... A pessoa, ao contrário, é comunicação, vida interior, liberdade e engajamento...”

Orgulho-me de ter encontrado nesses seis anos muitas pessoas, troféu maior que premiou minha vida futura. A solidariedade foi nossa maior companheira...

Em nosso encontro, aberto religiosamente pelo Padre Lauro Versiani, fomos premiados com uma exímia aula sobre o barroco, proferida brilhantemente pelo Dr. Ângelo Oswald; vivenciamos o dia-a-dia de um militar, em sua luta diária por uma sociedade mais justa, relatado com precisão pelo ex-colega Luiz Flaviano; ouvimos extasiados o grupo vocal das meninas do Carona Brasil, capitaneado pela Rosana, esposa de Helvécio, cujas vozes nos fizeram lembrar do nosso corinho sob a regência de meu primo Padre Pessoa. Com modesta participação, tive a honra de declamar alguns poemas luso-brasileiros, lembrando o nosso grêmio litero-musical, orquestrado, à época, sob a batuta de Padre Álvaro, responsável pela nossa cultura poético-literária. Alegrou-me muito o lembrete, que me foi

feito pelo Olavo Camelo, de um recurso utilizado por mim, nas declamações, chamado “enjambement”, cujo significado aprendi nos idos marianenses.

A Banda de Mariana nos presenteou em diversas ocasiões, alçando-nos ao tempo da “furiosa”. Emocionante foi a presença do Geraldo Jesus com seu bombardino. A inauguração do Memorial Físico me deixou feliz ao saber que receberia o nome de Padre Nelson Simões Quinteiro, meu grande professor de latim, a cuja “manga” eu pertencia. Das refeições, o jantar de gala, sábado à noite, foi o mais alegre e festivo.

## Ecoss aexanos

**Padre Avelino Marques**

Estudou nos Seminários Menor e Maior, de 1933 a 1943, quando se ordenou. Mora em Rio Acima, MG



Classifiquei de sucesso! Quatro meses se passaram e não mudei de idéia.

Foi um sucesso o XVI Encontro dos Ex-Alunos dos Seminários de Mariana, o primeiro sob a presidência do colega Helvécio Trindade, meu coroinha de Carandaí.

Já é o sexto do qual participo e achei sucesso porque “*Omne novum aut noviter, vere bonum*” - “Tudo novo ou feito de modo novo é tudo muito bom”.

Senão, vejamos:

- Fomos batizados com o apelido de aexanos, que é um neologismo - uma palavra nova.

- O presidente aexano é novo como chefe, porém como aexano ele é useiro e vezeiro dos encontros em Mariana.

- O arcebispo de Mariana, dom Geraldo

Ponto auge do nosso encontro foi, sem sombra de dúvida, a presença de todos os ex-colegas que, sozinhos ou acompanhados, abrilhantaram o XVI Encontro Anual da AEXAM, em Mariana, com a sua participação.

Nada disso, todavia, teria acontecido, sem a liderança e o empenho do nosso atual Presidente Helvécio Trindade, a quem parabênizo, em nome de todos, pela eficiência e organização.

Tudo seria perfeito se não fosse a ausência do canto da seriema... ◀

Lyrio Rocha é novo. E que novidade santa e agradável o nosso encontro anual com tanta e tamanha presença episcopal. A gente ficou muito envaidecido com o apoio e a presença de dom Geraldo Lyrio.

- Novidade também foi a abertura do XVI Encontro na Capela do antigo Seminário Menor. Aberturas e visitas ao Seminário de nossas menoridades já houve várias vezes. Mas na capela? Para mim foi o antigo no novo ou vice-versa o contrário, como diria o padre Antônio Inácio de Juiz de Fora.

Olhem isto aqui: eu fui aluno do Seminário Menor - salão dos meninos e dos médios durante cinco anos. Entrava e saía da capela por aquela portinha lateral. Ficava no primeiro banco porque era miudinho, junto com o Hêlio Lopes de São João Del Rei e o Ivo “Pingo D’água” de Ouro Preto. Assentei-me nesse mesmo primeiro banco na abertura

do XVI Encontro. Tudo foi lembrança, e saudade!

Deixei o Seminário Menor e fui para o Seminário Maior São José em 1938. Ordenei-me padre e tenho mais de sessenta anos de sacerdócio.

Pois bem, aí vem a novidade: Como a abertura do XVI Encontro da AEXAM foi naquela capela, PELA PRIMEIRA VEZ entrei ali pela porta da frente, subindo aquela escadaria. Foi preciso viver mais de oitenta anos para isso acontecer. Mas aconteceu!

No mesmo dia fiquei conhecendo a famosa Sala da Estrela onde eram decididos os nossos destinos.

- Dando seqüência ao programa fomos levados a um auditório situado junto ao antigo e recuperado Palácio dos Bispos, hoje Museu da Música, para uma sessão de conagração. E surgiu aí um “top model” de ex-aluno de Mariana, porque aquele colega que não chega ao sacerdócio acaba sendo um expoente cultural na Igreja, no Estado ou no País, em diversas e diversificadas profissões. São médicos (Dr. Luiz Garcia), desembargadores (Dr. Leitão, em Brasília), juízes, empresários, políticos (Dr. Ciro Maciel, meu colega de curso) e seu tio padre Pedro Vidigal, político.

O nosso amigo Luiz Gonzaga Pessoa, para muitos Pessoinha, durante vinte e sete minutos, numa demonstração de memória privilegiada, fez uma coquetel de poesias e poetas admirável. Quando comecei a prestar atenção ele já estava nos Luziadas de Camões, com suas “armas e barões assinalados... por mares nunca dantes navegados”, foi passando por Guerra Junqueiro, Castro Alves, Manoel Bandeira, Casimiro de Abreu, Tomaz Gonzaga, Noel Rosa e Erasmo Carlos... Ai, que saudade do nosso Grêmio Literário Aloysiano-Antonino que

fazia suas sessões solenes naquela fatídica sala de leitura de notas!

Luiz Gonzaga Pessoa, aexano batuta, orgulho da turma!

- Antes do jantar - *Omne novum aut noviter* insisto eu - houve a inauguração do Memorial Físico da AEXAM já com muitas peças preciosas. Este Memorial irá longe, porque o seu campo de colheita é vasto. Merece todo apoio e é o que esperam seus idealizadores. Está ao lado da Biblioteca dom Oscar de Oliveira. São, pois, dois pontos de turismo, cultura e lembranças.

- O fim do primeiro dia do XVI Encontro Aexano tinha que ser renovado - *noviter*.

Apareceu ali o toque feminino no arranjo da sala, na variedade estimulante do cardápio e na agilidade do “self-service”. Helvécio Trindade, na sua modéstia, jogou para a Rosana, sua dedicada esposa, os méritos do aperfeiçoado Encontro. E fez justiça, porque foi de fato um momento alto o jantar de conagração. A música de um escolhido repertório casava bem com a alegria da turma, fazendo-os dançar. Varou a meia-noite e atingiu a madrugada para alguns.

- A revista GENS SEMINARII - o antigo feito de novo - *Novum, noviter*.

Eu conhecia e sempre acreditei na Trindade do Céu *Pater, Filius et Spiritus Sanctus*.

Jesus, Maria e José, a Sagrada Família, Trindade da terra: Filho, mãe e pai.

Agora a dupla monsenhor Raul e Helvécio Trindade criaram a trindade aexana - os Seminários de Mariana, a AEXAM e o GS58 - em forma de revista, bonita de se ver e gostosa de ler.

Dentro dela encontramos:

a) A foto de 1930, quando uma só casa abrigava centenas de alunos meninos, médios e maiores. Eu tenho uma foto

semelhante, de 1933, com aquela mesma miuçalha de crianças assentadas à frente. O fotógrafo: monsenhor Deniz Vale.

b) Mais adiante a gozada ansiedade e perplexidade do Paulo Roberto Magalhães diante de um problema de todos nós e que fez muita gente sair do Seminário, conferindo o diploma de heróis a todos que perseveravam até o *Tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedec*.

c) E, quase fechando com chave de ouro, o magistral artigo do padre Lauro Versiani Barbosa, atual reitor do Seminário São José, resgatando a memória de seu tio-avô, monsenhor João Castilho Barbosa. Se fosse hoje ele seria bispo, mas como o Espírito Santo voava mais alto, ficou apenas com o título de Protonotário Apostólico. Eu conheci bem monsenhor Castilho e ele, realmente, foi tudo aquilo que o padre Lauro escreveu, além de batizar dom Barroso e padre Simões. Na foto de família está o padre José Geraldo das Mercês, pároco de Antônio Dias e ex-pároco de São João do Morro Grande, quando me mandou para o Seminário.

GENS SEMINARII agora é o nosso novo veículo de comunicação. Faz frente às suas primas-irmãs “Mensageiro do Apostolado da Oração”, “Mensageiro do Rosário”, “Almanaque de Santo Antônio” e “Revista de Aparecida”.

- O dia 15 de julho de 2007, último do nosso Encontro Aexano, amanheceu ensolarado. O Seminário São José despertou cantando e Mariana abriu-se em flor - *Dies magna valde cum laetitia*.

O ordem era esta: 9h30 - concentração em frente à catedral da Sé. Não houve problema. Lá estávamos todos - *Omnes unum* esperando quem? Dom Geraldo Lyrio

Rocha, o novo arcebispo de Mariana, para presidir a missa de encerramento do XVI Encontro dos Ex-Alunos dos Seminários de Mariana. (...)

Precedido por uma procissão de padres e clérigos, ele entrou na sua Catedral para celebrar conosco a missa. Faltou o *Ecce sacerdos magnus* que dom Helvécio não dispensava. Dom Geraldo, com sua simpatia e saúde, estava ladeado por seus novos auxiliares, escolhidos e eleitos na Assembleia do Clero, por monsenhor Levy com sua barba de Profeta de Caratinga, por monsenhor Raul e outros.

Os altares barrocos cumprimentavam-se e sorriam uns para os outros e lá de cima as pinturas do Mestre Athayde abençoavam os celebrantes. As estolas dos cônegos cantavam as antifonas das matinas e laudes. A cúpula da capela-mor, ornada de pinturas de bispos espanhóis e portugueses, acompanhava a entrada solene. (...)

Terminada a procissão sem o *Juravit Dominus*, o senhor arcebispo iniciou a celebração. A nave central estava ocupada por aexanos e marianenses e as laterais repletas de turistas agradecidos por assistirem a uma missa dominical em bom horário.

A todos foi entregue uma folha verde cheia de notas musicais. Eram os cânticos da missa. O vetusto órgão de fabricação alemã, que somente há alguns anos foi libertado do seu mutismo reumático de mais de um século, deu o tom e um coro rico de vozes masculinas aceitou o convite para o ato penitencial cantando forte, como nos bons tempos, o *Kyrie eleison* da Missa de Angelis. Ai, que saudade do Seminário Menor e, muito mais, do Seminário São José!

Toda a missa foi cantada em latim e gregoriano. Eu dei falta daquele tijolo - o livro

grosso dos Monges de Solesmes - com a grafia de notas quadradas. Mas aí já é exigir demais: pouca gente iria cantar.

A missa em canto-chão, celebrada pelo arcebispo metropolitano na velha Catedral de Mariana, foi, sem dúvida, o ponto alto do XVI Encontro da AEXAM.

Por estas e outras razões é que classifiquei o Encontro Aexano de 2007 como um sucesso e a minha tese - *Omne novum aut noviter vere bonum* - merece aprovação. Basta pescar nesta crônica os vários tópicos do novo ou do já conhecido, mas com roupagem nova: tudo muito bom! Perdeu quem não foi! ◀



Dom Antônio Ferreira Viçoso, sétimo bispo de Mariana, nasceu em Peniche, Província de Leiria (Portugal), aos 13 de maio de 1787. Filho de uma família cristã e piedosa, foi confiado, aos nove anos de idade, aos Padres Carmelitas do Convento de Olhalvo, para formação e estudos básicos. Dali passa, dois anos depois, para o Convento de Santa Teresa dos mesmos Padres, em Santarém. Nessa cidade, aos quinze anos, ingressa no seminário diocesano, onde cursa os estudos eclesiásticos até 1809. Por motivos alheios à sua vontade, não pôde receber as Ordens, regressando à sua família. Decide-se, então, pela vida religiosa entre os Filhos de São Vicente de Paulo e é recebido na Congregação da Missão a 25 de julho de 1811. Completados seus estudos, é ordenado sacerdote a 7 de março de 1818 e enviado a lecionar filosofia

Nota: Usei e abusei do latim neste escrito. São coisas de ex-aluno marianense: saber e usar o latim é a nossa marca registrada.

Nesta área peço clemência ao monsenhor Flávio Carneiro e ao cônego José Geraldo Vidigal. Com certeza muitos latinistas mais atualizados devem fazer algumas correções no meu latinório e sorrir das minhas pretensões. Mas é que eu fiquei deveras entusiasmado com essa primeira realização helvética - o XVI Encontro Aexano - em 14 e 15 de julho de 2007.

O nosso lema é *Forsan et haec olim meminisse juvabit* e a nossa meta é *habitare fratres in unum et quam jucundum...*

Mas agora quero abolir o *Forsan* que tem sabor de dúvida ou vacilação: "talvez seja"...

Eu tiro o "talvez" e ponho tudo no positivo:

*Vere dignum et justum nos meminisse haec, aequum et salutare...*

## Dom Viçoso

**Maurílio José de Oliveira Camello**

Seminário Menor de Mariana 1951 a 1956

Petrópolis 1957 a 1964

Reside em Taubaté - SP

em Évora. No ano seguinte, seus superiores o escolhem para acompanhar o Padre Leandro Rabelo Peixoto e Castro para as missões no Brasil.

A primeira parte de sua vida nessa segunda pátria (1820-1843) é dedicada aos trabalhos de educador em colégios (Caraça, foi seu fundador, Jacuecanga e Campo Belo) e missionário em paróquias, especialmente da Província de Minas Gerais. Nomeado Bispo de Mariana em 1843, ali desenvolveu, por 31 anos, longo e profícuo trabalho pastoral, reformando o clero, animando a vida religiosa da diocese, construindo casas de educação e asilos, defendendo a autonomia da Igreja contra as intervenções abusivas do poder civil (regime do Padroado) e contra as agressões do liberalismo e da maçonaria.

Polarizada na diocese de Mariana, cujo

extenso território e grande carência de meios materiais e humanos a dificultavam ao extremo, a ação de D. Viçoso estendeu-se, com sua influência, por todo o país, em especial por meio dos alunos que chegaram, sob sua indicação (exceto o último) ao episcopado: dom Luís Antônio dos Santos, Bispo do Ceará, dom João Antônio dos Santos, Bispo de Diamantina, dom Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, e dom Silvério Gomes Pimenta, que veio a ser o seu segundo sucessor em Mariana. Esses Bispos reproduziram, com fidelidade, as idéias e a prática pastoral, o estilo e as virtudes de seu modelo, o Bispo Lazarista.



instruir o processo com os requisitos canônicos, esforço que começou em 1916 e veio até 1997. Em março desse ano, e lá se vão dez anos, o autor destas linhas, acompanhado de dom Luciano e do Padre Postulador da Congregação da Missão, entregou à Congregação para a Causa dos Santos a *Positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis* de dom Viçoso, peça que faltava ao processo, o que retardara por vários anos o trabalho de reconhe-

cimento da santidade de nosso sétimo Bispo de Mariana.

A *Positio* compõe-se da *Informatio* (74 p.), sobre a heroicidade das virtudes, do *Summarium* (71 p.), de todo o processo diocesano (tanto o de dom Silvério quanto o de dom Oscar) e da *Biographia documentata* (619 p.), onde se detalha a vida do servo de Deus, em doze capítulos, cada um seguido da transcrição de extensa base documental. Tudo isso deu num volume enorme, publicado em Roma pela Tipografia Guerra, em 2001. Essa é uma bela fase terminada.

Como se sabe, requer a Santa Sé um processo específico para o *milagre* que, reconhecido, possibilita a declaração pontifícia de “beato”.

Do trabalho de pesquisa para compor a *Positio*, que durou quase três anos, resultou uma extensa coletânea de cartas de Dom Viçoso, que estão prontinhas para a publicação. São 530 cartas e 31 excertos, que cobrem os anos de 1823 a 1875, e formam um total de quase quatrocentas páginas digitalizadas.

Não estou certo de que Dom Viçoso se sentiria satisfeito com a iniciativa de reunir sua correspondência para publicação. Se lhe

Dom Viçoso morreu em Mariana, na sua *Cartuxa*, em 7 de julho de 1875. Sua memória continua viva no meio do povo, que ainda hoje lhe pede graças. Os restos mortais do santo Bispo repousam hoje na cripta da Catedral de Mariana, ao lado de outros bispos que o antecederam e sucederam.

Dom Viçoso teve seu processo de beatificação iniciado em Mariana, por iniciativa de dom Silvério, em 1916. Mais tarde, o processo foi retomado por dom Oscar de Oliveira e por dom Luciano Mendes de Almeida.

### Correspondência de Dom Viçoso

É do conhecimento dos ex-alunos e amigos do Seminário de Mariana que dom Antônio Ferreira Viçoso teve sua causa de beatificação introduzida na Santa Sé faz alguns anos. Lembra-se, nesse sentido, o grande esforço de dom Silvério Gomes Pimenta e depois de dom Oscar de Oliveira e de dom Luciano Mendes de Almeida para

fosse dado decidir, tomaria por muito bem que, em vez de suas cartas, algumas escritas até em ordenação de segredo, se tornasse a publicar os papéis de Frei Luís de Granada, Santo Afonso de Ligório, São Francisco de Sales, Padre Manuel Bernardes e muitas vidas de santos. Todos, a seu modo, testemunhas da fé, cuja palavra e exemplos seriam mais necessários para “reformatar” a Igreja do que uns bilhetes e cartas, exarados, circunstancialmente, à luz de velas e lampiões ou nos solavancos da liteira por acidentados caminhos de Minas.

Mas o santo bispo há de perdoar-me. Minha perspectiva é outra. Esses bilhetes e cartas estão a testemunhar, com espantosa vivacidade, a entrega incondicional, pronta e definitiva de um espírito à sua missão sagrada, temeroso de que o tempo fosse

pouco demais, rápido demais para tudo aquilo que fora enviado a fazer. Nessas cinco centenas de cartas não será difícil ao leitor surpreender os traços de Deus no rosto de um homem.

Em outros números futuros desta revista, a gente pode esmiuçar alguns temas dessa *Correspondência*. Há coisas muito interessantes sobre educação, escravidão e agricultura, vida social, a própria atividade de escrever cartas, clero e seu celibato, relações entre Governo e Igreja e por aí vai. Podem-se conhecer aspectos importantes da história religiosa, social e política de Minas.

Por hoje vai apenas uma amostra.

- Quer coisa mais fora do comum do que um “dono” de colégio fazendo esta propaganda de seu Caraça? ◀

### **Ao Coronel Fernando Luís Macedo.**

Procedência: Arquivo Eclesiástico de Mariana (AEM), Arm.-Arq. n. 3, 1a. Gaveta, Pasta n. 7.

Ilmo. Sr. Coronel,

Hoje, 21 de Dezembro é que recebo a sua estimável de 1º do mesmo e em resposta tenho a dizer-lhe que este Colégio pela sua localidade só é Colégio para remediar a falta de melhor posição, porquanto chegam aqui os mantimentos com muita dificuldade e carestia, sofremos faltas, especialmente em tempos de águas copiosas, nem há vizinhos a quem recorrer, em caso de moléstias graves, sofre-se falta de Professor, em uma palavra não sei se agradecerá a todos igualmente e assim desejo que V. Sa. se informe bem antes de se resolver a mandar o seu Menino. No caso de se decidir pela afirmativa, eu de boa vontade aceitarei, e terei como filho. Quanto às condições, são de pagar doze mil reis mensais, pelas comedorias de almoço, jantar e ceia, comendo do mesmo que eu e meus companheiros comemos. Os pagamentos são pagos adiantados por Semestre. Desejo a V. Sa. todas as felicidades e que o nosso tal ou qual préstimo lhe seja útil.

De V. Sa. Servo

Pe. Antônio Ferreira Viçoso.

Caraça, 21 de Dezembro de 1841.

Não nos foi possível deixar de dedicar a correspondência de dom Viçoso a monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues, padre Tobias Zico e padre Lauro Palu, estes da Congregação da Missão, pelo enorme estí-

mulo que nos deram. Mas a lembrança afetiva registra em especial os nomes de dom Oscar de Oliveira e padre Pedro Sarneel, C. M., que desejaram ver publicados esses veneráveis papéis. Tomara que o sejam.



A *Gens Seminarii* destina este espaço às manifestações literárias que, guardadas em gavetas ou na memória de um computador, estão à espera de um editor.

A arte e a criatividade de seus autores são aqui expostas para a satisfação de seus "milhares" de leitores.

Envie-nos os seus escritos - crônicas, contos, poemas, depoimentos, críticas etc. - para que possamos publicá-los nesta página, sempre à sua disposição.

Eis alguns!

---

## Relembrações

**JOSÉ MARIA CUNHA**

Estudou nos Seminários Maior e Menor de 1957 a 1961.  
Advogado, reside em Santo André/SP.



Tento empilhar algumas lembranças, juntando-as a palavras para voltar ao ano de 1957.

Era um fevereiro chuvoso, prenunciando o fim das águas, quando iniciava, num misto de ansiedade e euforia, minha odisséia marianense.

As horas batiam em meu coração adolescente bem mais rápidas que a "jardineira" que nos levava até Belo Horizonte, pelas lamas da Fernão Dias, em construção. Foram vinte e duas horas de chuvas, barro, atoleiros e perda da euforia,

que escapava pelos dedos das mãos, na mesma medida que aumentavam a ansiedade e a distância de Pouso Alegre.

Com respingos da chuva e das lágrimas escondidas, aportamos Belo Horizonte. Sim, aportamos. Éramos cinco os mosquetes correndo para Mariana: Sérgio, o veterano, mentor e guia; Antônio Claret, José Rocha, Venício e eu.

Belo Horizonte foi experiência nova dos moleques acaiprados e curiosos de conhecer a cidade grande. E como nos parecia grande... Dinheiro curto e curiosidade longa,

escorregávamos por ruas e avenidas. Nossos olhos voavam por entre carros e ônibus e gente que ia e vinha e prédios a não acabar.

Era preciso chegar ao fim da viagem. Partimos para Mariana, onde aportamos no início de uma noite de monstros que ameaçavam nosso anseio demorado.

Ruas mal iluminadas e casario mal alinhado nos empurraram em calçamento de pés de moleque e fantasmas de anjos tortos até o Seminário Menor. Um casarão sem medidas, pintado de branco por inteiro, tinha cara de desacolhida.

Na entrada, a figura caquética do "Seu" Estêvão. Sem boas noites, sem boas vindas, sem cumprimentos, o velho foi direto: "Se trouxeram dinheiro da anuidade podem ir até a Secretaria. Se não, podem voltar de onde vieram."

Não poderia haver acolhida pior! Voltar? Como? Caminhados de longe, sem dinheiro para a anuidade, nem para a volta a casa, nem para procurar abrigo àquela hora da noite.

Sentei na mala de papelão amarronzada e chorei. Chorei a saudade. Chorei a decepção. Chorei o vazio de voltar sem ter chegado. Olhávamo-nos os cinco mudos e apatetados.

Não sei como, mas fomos ter na casa do Cônego Vicente e Padre Paulo Dilácio, que nos acolheram com carinho. Era do que precisávamos naquela noite em que cansaço, frustração, fome e sono dobravam a vontade de alguma coisa.

Dois dias de hospedagem caridosa; dois dias de expectativa para entrar e conhecer o Seminário; dois dias em que o Sérgio correu, suou, foi, voltou até que nos levou à presença do padre Êzio. Frustrante! Não gostei daquele gordinho baixo, calvo, branquelo, de voz sibilante. Antipatia à primeira vista, que se amenizaria com o tempo.

Acomodamo-nos no casarão que insistia em nos expulsar. A noite primeira foi sem fim. No negrume do amontoado de camas, uma luzinha azul no teto me conduzia do forro de esteira de bambu ao aconchego da casa distante. Mais uma vez o cansaço, só ele, me venceu.

Vieram os primeiros dias de saudades de casa, embalados com a rotina do levantar, capela, café, ócio, almoço, ócio, café, jantar, ócio, estudo, capela, chorar, dormir.

As aulas não tiveram início logo, para ao menos distrair minha tristeza. As horas eram infinitas. Os dias escorriam lentos e modorrentos, como a própria Mariana.

Fiz do morro do cruzeiro meu refúgio. Lá, enquanto chorava, recolhia sons do carnaval da cidade e voava em pensamentos de não pensar.

Rodaram alguns quilômetros entre o Carnaval e a Semana Santa. O choro diminuía, na medida em que o Ivanir e o Cabral, anjos do meu consolo, me integravam ao cotidiano novo. Foram e são especiais amigos, sem desprezo dos outros tantos que me enriqueceram na casa de D. Viçoso.

Filtraram dias, coaram horas e minha conexão com Mariana caminhava a passos de exasperante lentidão.

Só me firmaria a partir das festas de Santo Antônio e São Luís Gonzaga. De então me alcei, definitivamente, aos ares do Itacolomi, às grossuras do padre Ornelas, à mansidão do Cônego Diniz, à Mesbla do "seu" Ninico, à jararaca da Gráfica e à Sapataria do Zizinho.

Reencontrei meu riso moleque e renasceu o pequeno capeta que sempre me habitou. As aventuras e peripécias, então, mais floresciam que as laranjeiras do Irmão Jovito.

São passados cinqüenta anos... ◀

# Mata o bicho, mata!

**MÁRIO CLÉBER DA SILVA \***

Estudou no Seminário Maior em 1964 e 1965  
Psicólogo clínico e escritor, reside em Belo Horizonte



Não se sabia desde quando era sacristão na cidadezinha calma - exteriormente. Interiormente, era um rebuliço só. A política entre dois partidos inimigos há décadas criou as duas siglas: os gambás e as cobras e a alternância no poder revelava que ora a cobra comia o gambá, ora o gambá devorava a cobra. E, entre as eleições, o convívio entre eles não era dos mais amistosos.

Mas, criança como era, não percebia essas briguinhas e não podia dizer se o sacristão era gambá ou cobra. O padre - sabia-o bem - era gambá. Um gambá forte, sacudido, sério e muito religioso. E culto, diga-se a seu favor. O sacristão, ao contrário, era rude, esquelético, ou seco, talvez por pouco comer. Gostava mesmo era de beber. É possível que ele fosse cobra. Mesmo porque era bravo, muito bravo. Ninguém fazia hora com ele. Principalmente as crianças que fugiam dele como o diabo foge da cruz.

De modo que, ao querer ser coroinha, minha mãe, preocupada com o futuro do filho, me advertiu: - “Mas logo com o sacristão Seu Paulo? Ele vai infernizar sua vida”. Mas o que eu podia fazer, se me agradavam aquela batininha vermelha, aquela sobrepeliz branca e aquele tilintar da campainha na hora da consagração? Esperar ele morrer de tanto beber ou “matar o bicho”, como se dizia antigamente, para depois ser coroinha? Nem pensar, eu ficaria adulto antes, pois a saúde do sacristão era muito boa. De modo que, discretamente, comecei a

ajudar as missas. Não sei se por manter uma certa distância do sacristão ou por ele me ver como o menor dos coroinhas ou por usar grossos óculos de fundo de garrafa, o Seu Paulo caiu de amores para comigo. Amores e atenção. Sempre estava perto nas missas em que eu ajudava. Talvez com medo de que eu não tivesse força suficiente para transportar o pesadíssimo missal de um lado para o outro. Convém lembrar aos menos incautos que tudo isso ocorria nos anos 50, época de latim nas missas e da posição do padre, de costas para os fiéis. E estávamos todos felizes: o padre, por ter mais um coroinha, eu, por conseguir realizar meu sonho, e o sacristão por ter despertado em si aquele lado paternal, tão relegado. Não tinha família. Por isso se dedicava tanto à igreja. Ou também aos copos de pinga.

E tudo ia muito bem até que um dia... Bem, apesar de ser um gambá, portanto animal, e de ser muito forte, o padre era medroso. Tinha medo de bicho, inseto ou qualquer coisa que o valha. Sim, um dia, ao se preparar para fazer a consagração, a padre percebeu um bichinho no altar. Mesmo com medo, levantou a hóstia. Ao abaixá-la, notou horrorizado que o bicho avançara para bem perto do cálice. Tremeu. Olhou para trás me encarando. “Psiu”, me chamou. Eu me levantei e fui para perto do altar. Vi o bicho lá. Uma coisa feia. “Tira daí”, ele murmurou. Eu, hein, bebé? Se ele é forte e grande e não dá fim no bicho, não serei eu, fraquinho, que

vou fazê-lo. O Padre percebeu. Olhou pro lado e viu o sacristão. “PSIU”, esse saiu mais alto e olhando o cálice, disse: “Mata o bicho, mata...” O sacristão ficou parado momentaneamente sem saber o que acontecia. E o padre, “mata o bicho, mata”. Bem, Seu Paulo não se fez de rogado. Levantou-se, foi até o altar, pegou o cálice e bebeu todo o vinho do padre. ◀

\* Escreveu o livro *Ceci e Chico Sete Bóias & Outros casos*, cujo texto resgata usos, costumes e linguagens do interior de Minas Gerais. São histórias, crônicas e artigos cheios de humor, picardia, crítica de situações, numa abordagem criativa.

Pedidos ao autor: (31) 32825492 ou [cleber45@yahoo.com.br](mailto:cleber45@yahoo.com.br).

## Dois sonetos

**SEBASTIÃO DE SOUSA BURGARELI**

Estudou no Seminário Menor de 1957 a 1960.

É empresário do comércio em Belo Horizonte onde reside



### Sonho demolido<sup>1</sup>

*Não sei por que mataram-me a esperança  
E me julgaram com tanto rigor,  
Se eu era ainda quase uma criança  
E nem sabia o que era o amor!*

*Compassos vacilantes, inseguros,  
Eu me vi só, a caminhar perdido,  
Levando sobre os ombros imaturos  
Os escombros de um sonho demolido.*

*Voltei ao lar, mas não voltei à vida!  
Busquei, em vão, a ilusão perdida...  
Tentei, inutilmente, me encontrar.*

*Mas continuo a vagar sozinho,  
Pois, na volta, perdi-me no caminho,  
E até hoje procuro meu lugar.*

(07/04/2005)

<sup>1</sup> Minha exclusão do Seminário foi em 1960. Eu não queria sair, mas não tive escolha. Ainda não tinha 15 anos. Este soneto foi escrito muitos anos depois.

### Revelação

*Quando o peso dos anos nosso corpo curva,  
E nossos pés já foram bem além do monte...  
Quando a nuvem do tempo nossos olhos turva  
E quando a branca neve já nos veste a fronte...*

*A vaidade tola sofre o seu castigo:  
A beleza fugaz escorre pelo rosto  
E o espelho fiel não mais é nosso amigo,  
Pois reflete a verdade que nos traz desgosto.*

*Mas se, através do espelho, vissemos a alma,  
Plena de lucidez, sabedoria e calma,  
Radiante de luz, diáfana e bela...*

*O nosso olhar veria o que a razão revela:  
Enquanto o frágil corpo físico envelhece,  
O espírito imortal, em nós, rejuvenesce.*

(11/08/2005)



## Nota importante

No dia 29 de outubro último, na Sala Juvenal Dias do Palácio das Artes, em Belo Horizonte, com o auditório repleto, o aexano G. FÁBIO MADUREIRA fez o lançamento do seu livro *Racionalidade da Sabedoria Popular (Energia material humana e sexualidade)* pela Mazza Edições.

O livro trata da origem e do funcionamento dessa energia material humana.

# Encontro dos ex-alunos do Seminário Coração Eucarístico de Belo Horizonte

**Helvécio Trindade**

Seminário Menor de 1958 a 1963

Aposentado, reside em Belo Horizonte



José Amilar, JD Vital e Helvécio

A cidade de Barão de Cocais, município histórico da zona metalúrgica no centro do Estado de Minas Gerais, conhecida como *O Portal do Caraca*, possui a arquitetura típica do Ciclo do Ouro, com casario colonial e caminhos feitos em pedra. Seu nome presta uma homenagem ao patrono, Tenente Coronel José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, que tinha o título de Barão de Cocais. Suas atividades econômicas são a extração mineral e a siderurgia.

Fica a 93 quilômetros de Belo Horizonte e o acesso principal é pela BR 381 (BH-Vitória), uma rodovia que, atualmente, pelas obras, seguidas curvas e falta de acostamento, torna-se lenta e perigosa nos dias de feriado prolongado.

E foi num desses, 12 a 14 de outubro, que o José Amilar e eu, representando a AEXAM e devidamente acompanhados das esposas Sandra e Rosana, participamos do Encontro dos Ex-Alunos do Seminário Coração Eucarístico de Belo Horizonte, organizado naquela cidade pelo JD Vital, seu ex-aluno, lídimo cocaense e irmão do saudoso Miguel Vital, nosso colega dos tempos marianenses das décadas de 50 e 60.

Os convites nos chegaram pela internet (reforçados por atenciosos telefonemas) com a programação completa de logística (hos-

pedagem e alimentação) e religiosa (missa e cânticos).

Fomos recebidos, aceitos e integrados ao grupo dos ex-alunos com tamanha espontaneidade que parecia que fôramos colegas no mesmo Seminário. Aliás, pudemos observar uma agradável coincidência de atitudes, normas e casos engraçados, tais como os vividos por nós. Foi muito agradável e proveitoso conhecer e papear com o Amâncio Caixeta, o Anderson Gandra e a Anita, o Antônio Pacheco (que também estudou no Seminário Maior de Mariana) e a Rosinha, o Carlos Felipe e a Maria Helena, o Dimas Miranda e a Beth, o Eduardo de Santa Cecília e a Cristina, o Esly Costa e a Moacira, o Geraldo Félix e a Ana, o Henrique Gonçalves e a Marisa, o Ivani Cunha e a Wanda (com os filhos Guilherme e Graziela e a netinha Clara), o José Cardoso e a Rejane, o José Antônio Soares e a Ely, o José Horácio e a Jardelina, o José Saturnino, o Lincoln Macedo, o Waldemar de Moura e o José Geraldo (o Zé Buti com o seu violão) e a Margarida.

A missa de Nossa Senhora Aparecida, celebrada no Santuário de São João Batista, padroeiro da cidade, contou com um sonoro coral de dezoito uníssonas vozes regido pelo Carlos Felipe, didático e entusiasmado. O ensaio para tal deu-se no restaurante onde almoçamos e o “público”, nossas atentas e generosas esposas, aplaudia ao *Kyrie*, *Glória* e *Magnificat* que, claudicantemente, cantávamos.

As mulheres são sábias...

Acho que fizemos sucesso, pois os fiéis da missa gostaram muito.

A Banda de Música Santa Cecília, de quem o Vital é benemérito e incentivador, encerrou-nos o primeiro dia com uma bela apresentação, enquanto um saboroso churrasco era servido.

No dia seguinte, na casa do Vital, sob a batuta da Elmaz, sua esposa, acolitada pelas irmãs Sirinha e Marlene e os filhos Vitalzinho, Thiago e Bárbara, foi-nos servido um delicioso almoço, com direito a foguetório de recepção, muita cantoria e contagiante alegria. Novamente pudemos sentir o quanto éramos parecidos nos idos seminarísticos, enquanto os casos eram contados: geração e valores de uma mesma época.

Com tal identidade reconhecida, todos os ex-alunos lá presentes foram convidados para o nosso próximo Encontro Anual em Mariana, nos dias 12 e 13 de julho de 2008. Para incentivá-los distribuímos exemplares do primeiro número da nossa revista *Gens Seminarii*.

Parece que deu certo... todos se comprometeram a ir... vamos recebê-los com igual carinho... vai ser muito bom...

No dia seguinte, domingo, Rosana e eu fomos ao Caraça dar um emocionado abraço “de 46 anos” no padre Wilson Beloni, seu atual administrador. Durante três anos (59/61) foi nosso disciplinário, professor e companheiro dos rancas. ◀



## Correspondência recebida

**José Geraldo Teixeira**

Seminário Maior - 1962/63

Arquiepiscopal  
cidade de Campinas,  
Ano do nascimento de

Nosso Senhor Jesus Cristo de 2007, sexta-feira, aos 16 de novembro, dia consagrado a Santa Gertrudes - virgem.

*“Dilexisti justitiam et odisti iniquitatem: propterea unxit te Deus, Deus tuus, oleo laetitiae prae consortibus tuis.*

*Eructavit cor meum verbum bonum: dico ego opera mea Regi”.*

Prezado Helvécio,

Aconteceu nas dependências do Seminário Central do Ipiranga o 14º encontro dos ex-alunos, ontem, dia 15. Compareceram 80 pessoas.

Sorrisos e abraços não faltaram.

Após o café reunimo-nos no antigo refeitório para o debate “Cidadania e Cristianismo”. Falaram: 2 bispos, 1 sacerdote, 1 professor (ex-padre) e 1 ex-aluno. Membros da platéia opinaram.

Em relação aos outros eventos houve avanço. Às 13 horas aconteceu o churrasco.

A missa foi celebrada às 15h30, oficiada pelo bispo de Catanduva, dom Celso Queiroz. Um coral fez destaque durante a cerimônia. Não faltou o nosso velho gregoriano.

De Mariana fizeram-se presentes: padre Maurício Pieroni, Sebastião Muniz, Lima e o signatário desta, todos da Arquidiocese de Pouso Alegre.

O próximo encontro ocorrerá em 15/11/08.

Solicitei ao coordenador do encontro que lhe envie fotos do evento via e-mail.

Aproveito o ensejo para lembrar que no próximo ano acontece o 80º aniversário do lançamento da pedra fundamental do Seminário Maior de Mariana (23/06/1928).

*“Hunc lapidem posuit Helvetius”.*

Pretendo, se a minha hipertrofia cardíaca permitir, comparecer em Mariana para o AEXAM (Encontro) em 2008. ◀

# Deputado Padre João: compromisso com as causas do povo mineiro



Padre João é natural de Urucânia. Filho de agricultores, aprendeu desde cedo, no berço familiar, os verdadeiros valores da vida e os compromissos comunitários. Ingressou no Seminário de Mariana em 1985. Concluiu seus estudos teológicos, em 1993, e como diácono auxiliou na Paróquia Sagrada Família e São José Operário, em Ouro Branco.

Seu trabalho tem sido em favor dos mais necessitados. Em Ouro Branco começou a organizar os projetos de Horta Comunitária, Moradia e Creche nos bairros mais carentes da cidade. Em julho de 1994, recebeu o ministério de Acólito e o diaconato em novembro do mesmo ano. Em 8 de julho de 1995 foi ordenado presbítero, assumindo em seguida a Paróquia de São José Operário. Na região Oeste da Arquidiocese, atuou também na Pastoral Carcerária, da Criança e do Menor e no Movimento Fé e Política, articulou a realização do Primeiro Fórum Social pela Vida da Arquidiocese, realizado em Ouro Branco. Na Arquidiocese de Mariana coordenou a Dimensão Sócio-Política e desenvolveu trabalhos importantes ligados à Área de Segurança Alimentar e Nutricional, sendo conselheiro no CONSEA (Conselho Estadual de Segurança Alimentar).

## Atuação parlamentar

Em 2001, Padre João foi o nome indicado pelas lideranças cristãs da Arquidiocese e o Movimento Fé e Política para representar o povo mineiro na Assembléia Legislativa de

Minas. Recebeu o voto de confiança dos(as) cidadãos(ãs) mineiros(as), nos anos de 2002 e 2006, ganhando as eleições como Deputado Estadual. Em seu 2º mandato, se destaca pelo trabalho comprometido com a ética, transparência e em defesa das causas populares, tendo como principais eixos de atuação a Agricultura Familiar, o Direito à Terra e Habitação, Desenvolvimento sustentável, Educação e Cultura e Igualdade Racial.

No legislativo mineiro foi presidente e atualmente assume a vice-presidência da Comissão de Política Agropecuária e Agro-industrial, além de ter sido representante no CONSEA.

Pensando na melhoria de vida e na promoção dos(as) cidadãos(ãs), de 2003 a 2007, já apresentou 41 projetos de leis de utilidade pública, 40 projetos de leis ordinárias e outros de doação e reversão de imóveis para municípios e entidades. Alguns projetos se destacaram e se tornaram lei, como que dispõe sobre incentivo do Estado às Microdestilarias, hoje lei estadual Nº 15456/2005, a Lei da Agricultura Urbana, da Floricultura, dos Atingidos por barragens e o projeto que institui repasse de recursos do Fundeb aos alunos das Escolas Famílias Agrícolas, transformado em decreto.

O Mandato Coletivo e Participativo também vem promovendo constantes debates, lutando por políticas públicas em prol da população do campo e da cidade, buscando também a fiscalização e controle social sobre aplicação correta dos recursos públicos. ◀

## Assuntos financeiros

A AEXAM depende da contribuição financeira dos seus associados para que possa:

- manter funcionando e atualizado na internet o seu site [www.aexam-mg.org.br](http://www.aexam-mg.org.br);
  - produzir, imprimir e postar esta revista Gens Seminarii que você tem em suas mãos; -
- organizar e fazer o Encontro Anual em Mariana.

Portanto, a sua colaboração com o pagamento da 2ª semestralidade de 2007 vai ajudar muito à consecução desses objetivos. Sugerimos o valor de R\$ 50,00 (cinquenta reais). Porém, você pode optar por outro valor, para mais ou para menos, conforme o seu interesse.

Para este pagamento não mais se emitem os boletos bancários, pois foram criadas alternativas menos onerosas e mais eficientes, todas de fácil execução. Veja bem:

1ª. Através do site você pode emitir o próprio boleto bancário e fazer o pagamento pela internet ou ir a uma agência bancária, tendo em mãos o boleto bancário impresso. Para emitir o boleto bancário faça o seguinte:

- a) Entre no site [www.aexam-mg.org.br](http://www.aexam-mg.org.br) e clique em "pagamento on line";
- b) Preencha os campos devidamente, opte pelo valor do pagamento, marque "boleto bancário" na bolinha apresentada e clique em "efetuar pagamento";
- c) Será mostrado o boleto bancário em seu nome. Leia as instruções para pagamento e escolha a que melhor lhe convier:

- pagar via internet ou na agência bancária mais próxima com o boleto impresso por você.

Obs.: 1. Se você não for cliente do Bradesco e o seu banco não estiver relacionado em "outros bancos", não poderá fazer o pagamento pela internet e terá que imprimir o boleto para pagá-lo em uma agência bancária.

2. Se você for cliente do Bradesco, a sua melhor opção de pagamento é "transferência entre contas". Siga os passos que você já conhece.

2ª. O pagamento também poderá ser feito ainda pela internet, através de DOC bancário para uma das contas correntes abaixo:

**AEXAM - Associação dos Ex-alunos dos Seminários de Mariana**

CNPJ nº 02.683.870/0001-38

Bradesco (237) - Agência 2148-2 - Conta Corrente nº 21606-2

Ou : Banco do Brasil (001) Agência 3495-9 - Conta Corrente nº 10469-8

3ª. Outra forma de pagamento é você utilizar um dos modelos abaixo e ir a uma agência do banco escolhido onde fará o depósito em nome da AEXAM. Para que se possa saber quem é o depositante, peça ao caixa que marque como "depósito identificado".

Ao contribuir, o aexano faz com que a sua Associação tenha o tamanho e a importância que acha que ela deva ter.



**Bradesco**

Código da Agência: 2148-2

Conta Corrente: 21606-2

Favorecido: AEXAM - Associação dos Ex-Alunos dos  
Seminários de Mariana

Depositante: \_\_\_\_\_

Valor: R\$ \_\_\_\_\_

Depósito identificado: sim



**BANCO DO BRASIL**

Código da Agência: 3495-9

Conta Corrente: 10469-8

Favorecido: AEXAM - Associação dos Ex-Alunos dos  
Seminários de Mariana

Depositante: \_\_\_\_\_

Valor: R\$ \_\_\_\_\_

Depósito identificado: sim



Associação dos Ex-alunos dos Seminários de Mariana

Avenida Prudente de Moraes, 290, Sala 1101, Cidade Jardim, Cep 30380-000  
Belo Horizonte, Minas Gerais. Fone: (31) 3296-7985

Site: [www.aexam-mg.org.br](http://www.aexam-mg.org.br)

E-mail: [aexam@aexam-mg.org.br](mailto:aexam@aexam-mg.org.br)



Associação dos Ex-alunos dos Seminários de Mariana

Avenida Prudente de Moraes, 290, Sala 1101, Cidade Jardim, Cep 30380-000  
Belo Horizonte, Minas Gerais. Fone: (31) 3296-7985

Site: [www.aexam-mg.org.br](http://www.aexam-mg.org.br)

E-mail: [aexam@aexam-mg.org.br](mailto:aexam@aexam-mg.org.br)



# GS58

GRUPO SACERDOTAL DE 1958

Órgão dos Sacerdotes que terminaram o Curso Teológico em Mariana, em 1958  
Ano XLII - Caratinga/MG, dezembro de 2007 - Nº 112



## APARECIDA HOJE E ONTEM

1963

Só havia a torre e um bloco construídos



Grupo subindo a torre



No cume da torre



Escadaria

## 44º Encontro do GS 58 será em Aparecida, de 7 a 10 de janeiro

Nem mais um mês, e nossa turma de padres estaremos novamente reunidos. Desta vez, para celebrarmos o nosso Ano Jubilar, aos pés de nossa Mãe e Rainha, Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Mons. Luís Arantes e Pe. Cordeiro, por motivo do Seminário Redentorista achar-se em reforma, conseguiram para ficarmos na Casa de Hospedagem São Camilo, pertinho do Santuário. Veja indicações em seguida.

Já está agendado com a Secretaria Pastoral, para celebrarmos no Santuário, às 9 h do dia 9 de janeiro, quarta-feira, com transmissão da Rede Vida e da TV Aparecida. Se houver um bispo no Encontro ele preside. Se não, será um redentorista.

Tema de estudos: O documento de Aparecida e os presbíteros (nº 191-204).

Lembramos, com saudade, o nosso 1º encontro lá, em 1963, quando fazíamos 5 anos de padre! O Santuário novo ainda no início da construção. Celebramos no Santuário velho. Todos os 30 ainda vivos e no ministério, antes da crise pós-conciliar.

Bem. Agora os tempos são outros. Já no 3º milênio. Numa Igreja renovada. Sob o influxo de novos ventos da V Conferência do CELAM, em Aparecida, discípulos-missionários do Reino! É verdade que alguns já estamos aposentados, ou caminhando para lá. Mas sem perder o pique, o entusiasmo pastoral, a alegria de vivermos o nosso sacerdócio.

Estamos renovando o nosso convite para todos nós estarmos em Aparecida, de 7 a 10 de janeiro de 2008. Não só toda a turma do GS 58 (somos 17 vivos!), mas todos os nossos contemporâneos de seminário, nossos amigos e amigas. Marquem na agenda. E compareçam mesmo! Será uma imensa alegria abraçar a todos. Os que de todo não puderem dar presença assistam pela Rede Vida ou TV Aparecida a Missa que iremos celebrar no Santuário, dia 9, às 9 h.

Um Feliz e Santo Natal. E, até Aparecida, dia 7 de janeiro! Em Jesus e Maria, ◀

*Mons. Raul Motta de Oliveira.*



**1963: Entrevista do Grupo à Rádio Aparecida**



## Casa de Hospedagem São Canísio



Tem a capacidade de acolher 140 pessoas em quartos e apartamentos com TV, ventiladores, elevador, amplo refeitório, capela, auditório para 180 pessoas, área verde e garagem. Tudo isso em um ambiente acolhedor, familiar, onde você poderá ter momentos de oração.

**Endereço:** Rua Antônio França Souza, 58 - Bairro: Santa Rita  
 Cx. Postal: 12 - Aparecida-SP.  
 Telefax: (12) 3105-1022  
 E-mail: [casadehospedagem@canisianas.com.br](mailto:casadehospedagem@canisianas.com.br)

## 1963: A missa solene celebrada no Santuário Velho



Celebrante: Pe. Joaquim Marciano; diácono: Pe. Ângelo Nogara; subdiácono: Pe. José Léllo; acólitos: Pe. Juarez Augusto e Pe. Benedito Marcilio; cerimoniário: Pe. Mauro Queiroz; pregador: Pe. Geraldo Lopes.



A Cantoria

# Jubileus Episcopais e Presbiterais



**Dom José  
Maria Pires**

Dia 22 de setembro, Dom José Maria Pires completou 50 anos de episcopado. Nascido a 5/3/1919, em Córregos, MG, filho de Eleutério Augusto Pires e de Pedrelina Maria de Jesus, rece-

bheu a ordenação presbiteral, em Diamantina, aos 20/12/1941. Foi pároco de Açucena (1943-1946), Diretor do Colégio Ibituruna, em Governador Valadares (1946-1953), Missionário Diocesano (1953-1955) e Pároco de Curvelo (1956-1957).

Foi sagrado bispo aos 22/9/1957, em Diamantina, exercendo seu ministério episcopal como Bispo de Araçuaí (1957-1965) e Arcebispo da Paraíba (1966-1995). A partir da sua renúncia, em 1995, tornou-se pároco de Córregos e Santo Antônio do Norte (Tapera), agora pertencentes à Diocese de Guanhães, onde se dedica a um projeto de geração de renda para famílias carentes.

As comemorações de seu jubileu começaram em julho. Com 88 anos de idade, fez a caminhada de Santiago de Compostela (Espanha), completando todo o percurso de 700 quilômetros, durante um mês. Celebrou seu jubileu em Córregos; em Conceição do Mato Dentro, no Jubileu do Bom Jesus; em Araçuaí; em João Pessoa, PB; em Belo Horizonte, onde reside; e em Diamantina.

Seu endereço: Rua Fernando Magalhães Gomes, 273 - Itapoã, CEP 31710-250 Belo Horizonte/MG. Tel. (31) 3491-1302. E-mail: jomampir@yahoo.com.br

**Dom José Eugênio Corrêa**



1957



1973

A Diocese de Caratinga celebrou, com muita alegria e gratidão, o jubileu de ouro episcopal de seu bispo emérito, Dom José Eugênio Corrêa, dia 10 de novembro. Nascido em Lima Duarte, MG, aos 30/5/1914, filho de Antônio Eugênio de Miranda e de Camila Augusta de Almeida, recebeu o presbiterato em Ro-

ma, aos 26/10/1941. Foi pároco da Catedral de Juiz de Fora (1942-1945), Reitor do Seminário Santo Antônio (1946-1947) e Pároco de Rio Preto (1947-1957).

Sagrado Bispo aos 10/11/1957, foi bispo diocesano de Caratinga (1957-1978). Desde que se “aposentou”, reside à Av. 7 de Setembro, 288, CEP 36120-060 Juiz de Fora, MG. Caixa Postal 65, CEP 36001-970. Tel. (32) 3235-5883.

Sobre sua atuação em Caratinga, assim se expressou Mons. Levy Paula Figueira: “São



2007, no dia de seu Jubileu,  
em Caratinga

50 anos de vivência em plenitude de seu lema de ministério pastoral e de vida: 'Fiz-me tudo para todos' (1 Cor 9, 22). Desde 1957 até perfazer os 21 anos à frente de nossa Igreja Particular, ele foi de fato isto: acolheu e evangelizou a todos em todas as demandas apresentadas. Foi desbravador. Foi pioneiro de uma era nova que já se descortinava no horizonte da Igreja no pré-Vaticano II. Preparou-se para o Concílio e nos preparou para o Concílio. Participou integralmente do Vaticano II e nos conduziu por vários caminhos a esta participação. Com ele, vivenciamos o Concílio desde as primeiras propostas sobre a liturgia renovada numa Igreja mais povo de Deus até as últimas decisões decorrentes da nova consciência de Igreja no mundo, comungando as alegrias, as angústias, as esperanças do povo. Desde o pré-Concílio, no durante os quatro anos do Concílio e no pós-Concílio, dom Corrêa foi de fato a alma e o motor de uma real e constante renovação de nossa vida eclesial. Pai, pastor e amigo, aberto a todos e a tudo."

Dom Corrêa fundou logo o Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, como seminário menor e, depois do Concílio, em plena época de crise dos seminários, com os cursos de filosofia e teologia, transformou-o no primeiro seminário maior existente em uma simples diocese.

Por ocasião do seu jubileu de ouro episcopal, Dom Corrêa passou uma semana em Caratinga, celebrando nas paróquias da cidade e no Seminário Diocesano. Dia 9, recebeu o título de doutor *honóris causa*, conferido pelo Centro Universitário de Caratinga (UNEC), com a comenda que traz o seu nome; e foi homenageado com solene sessão lítero-musical. E, dia 10, a Missa Jubilar, no Santuário da Adoração, com a presença de 5 bispos e 62 presbíteros de 5 dioceses. Falou à homília Dom Geraldo Lyrio, nosso metropolitano e presidente da CNBB. Admirável a saúde de que goza Dom Corrêa, aos 93 anos de idade. Veio de Juiz de

Fora a Caratinga e voltou, dirigindo sozinho. Contou-nos o segredo dessa saúde de ferro: 1. Ser muito doente e, por isso, se cuida muito; 2. Estar sempre em atividade, não só intelectual, mas também pastoral: auxiliando na paróquia e sempre visitando os doentes em Juiz de Fora. 3. Conseguiu a renovação de sua carteira de motorista. "Se eu parar, eu morro".

### Pe. Efraim Solano Rocha

Celebrou seu jubileu sacerdotal de diamante, dia 30 de novembro. Nascido em São Domingos de Mariana, hoje Diogo de Vasconcelos, a 24/7/1921, filho de Efraim Lázaro Rocha e de Maria Gomes Rocha. Foi criança para Mariana. Ordenou-se padre a 30/11/1947. Exerceu o ministério em Barão de Cocais (1947-1948), Itabira e Barbacena (1948), Abre Campo (1949), Seminário Menor de Mariana (1950-1952), Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto (1953), Urucânia (1954-1961), Viçosa (1962-1964), Nova Era (1964-1976), João Monlevade (1976-1977) e Ipatinga, Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1977-1998). Hoje é Pároco emérito. Reside à Rua José do Patrocínio 201, Cidade Nobre, CEP 35162-383 Ipatinga, MG. Tel. (31) 3821-8735.

Está publicando, na Editora Dom Viçoso, de Mariana, o livro "Urucânia Graciosa" com mais de 200 páginas. A comemoração do seu jubileu sacerdotal de diamante se realizou, em Ipatinga, às 19 h



Pe. Efraim em foto recente

do dia 30 de novembro, na Igreja Senhor do Bonfim, situada à Rua Graciliano Ramos, nº 320, Bairro Cidade Nobre, coordenada pelo pároco, Pe. Geraldo da Silva Reis. Concelebraram Dom Odilon Guimarães Moreira,

que presidiu e fez a homilia, a pedido do jubilado; Dom Lélis Lara e cerca de 20 padres das dioceses de Itabira-Fabriciano e Caratinga.

## Turma de 1957



José Casimiro da Silva, Juvenal Vaz Guimarães Filho, Otacílio Fernandes d'Ávila, Jacinto Lovato Filho, Odilon Sabino do Carmo, José Jésus Gomes de Araújo, Ermano José Ferreira e, assentados: João Batista de Oliveira, José Sérgio Filho, Francisco Barroso Filho, Raymundo de Almeida Sales e José Feliciano da Costa Simões.  
Faleceram: Jacinto, Odilon, Ermano, João Batista e José Sérgio. Otacílio deixou o ministério e reside em Itabira.

### Pe. Raymundo de Almeida Salles

Completo 50 anos de ordenação sacerdotal, dia 8 de dezembro. Ele é pároco emérito de Arantina/MG, diocese de Juiz de Fora. Soube que anda meio adoentado. Mons. Falabella deu-me notícia da festa de seu jubileu de ouro, em sua terra natal, Lima Duarte, dia 18 de novembro. Na mesma celebração eucarística, a paróquia home-

nageou também outro filho ilustre, Dom José Eugênio Corrêa. Presença de Dom Eurico, Dom Paulo Machado e grande número de padres.





### Dom Barroso e Cômeneo Simões

O informativo do Santuário Nossa Senhora da Conceição, de Ouro Preto, "Paróquia em Destaque", n.º 99, outubro de 2007, publicou uma página do Mons. Flávio, que reproduzimos adiante. Vale a pena dar uma lida! (Página 71).

O jubileu foi celebrado com muita solenidade, às 10 h do dia 1º de dezembro. O Santuário Nossa Senhora da Conceição repleto de familiares e amigos, padres e bispos. O coral do Pe. Agostinho cantou missa polifônica de beleza incomparável. Dom Belvino, à homília, descerrou a vida de ambos, com seus momentos de lutas e dificuldades, mas também de vitórias e alegrias, desde o tempo do Seminário. Embora longo, é uma jóia de beleza literária e de fé. Veja-o mais adiante, à página 73. O almoço e o bolo foram no Colégio Arquidiocesano.

### Pe. José Casimiro da Silva

Pe. José Casimiro da Silva, Pároco de Nazareno/MG, Diocese de São João del Rei, celebrou seu jubileu de ouro no mesmo dia 1º de dezembro, na sua Paróquia. Quem me deu notícias foi a Teresa, irmã de Mons. Juvenal. Pe. Casimiro não queria nada de festa.

Brigou até. Mas acabou aceitando e foi aquela festa bonita, com a presença de Dom Waldemar e mais 14 padres. Não tenho foto recente dele. Só aquela mesma, o primeiro da fila dos colegas diáconos (Páginas 69).

### Mons. Juvenal Vaz Guimarães Filho

Recebeu a ordenação sacerdotal em Mariana, dia 1º/12/1957, com a imposição das mãos de Dom Daniel Tavares Baêta Neves. Seu ministério presbiteral se deu em Barbacena, São José (2/2/58 a 1/1/59); São João del Rei, São José (8/2/59 a 27/2/63); Barroso, Sant'Ana (10/3/63 a 17/9/67); Seminário Diocesano São Tiago (17/9/67 a 31/12/68); São João del Rei, São José, desde 2/7/69.



Foto em São João del Rei, 4/1/2005

A celebração do seu jubileu de ouro sacerdotal acontece dia 10 de dezembro, às 10 h, na Matriz de São José, no Bairro da Tijuca, São João del Rei.

### Pe. José Jêsus Gomes de Araújo

Também colega deles é o Pe. José Jêsus Gomes de Araújo, residente em BH, que completa seus 50 anos de sacerdócio, dia 22 de dezembro. Endereço: Rua da Bahia, 1265, apt. 802 (Edifício Capri), CEP 30160-011 Belo Horizonte/MG. Tel. (31) 3226-1610.



Pe. Jêsus, julho 2007

A todos os jubileados, o GS 58 lhes apresenta os parabéns e nossa oração de ação de graças. Ad multos annos! ◀



# Ecce Sacerdos Magnus

Homenagem aos Sacerdotes Jubilares  
Dom Barroso e Côn. Simões

Mons. Flávio Carneiro Rodrigues

É motivo de intenso gozo o cinquentenário de sacerdócio - sacerdócio honrado, fecundo, erudito - dos dois estimados Sacerdotes ouropretanos Dom Barroso e Côn. Simões que ilustraram o clero de Mariana e de Oliveira com seu apostolado, cultura e dedicação. A data merece ser muito comemorada: dia primeiro do mês de dezembro do ano de 1957, 1º Domingo do Advento, na Catedral de Mariana, dentro de uma faustosa cerimônia, iniciada às oito horas, presidida por Dom Daniel Tavares Baêta Neves, substituindo o Sr. Arcebispo Metropolitano, Dom Helvécio Gomes de Oliveira. Com galhardia e emocionados, eles falaram ao Bispo da sua aceitação do ministério, da missão sacerdotal, pronunciando, no final da cerimônia, aquele ritual "*libenter*"! E, há cinquenta anos, vêm cumprindo, com excelência, a promessa deste "*libenter*".

Os dois Jubilares ouropretanos - amigos na infância, adolescência, juventude, vida adulta e superadulta - entregues na sua infância aos cuidados e formação do Seminário de Mariana pelo saudoso Padre João (Mons. Castilho / ilustre tio do ilustre Pe. Lauro), cresceram juntos e sempre amigos, companheiros de estudo ao longo de sua preparação intelectual e, amigos e companheiros, se dedicaram à vinha do Senhor, em Ouro Preto e em outras searas próximas. Fizeram imenso bem à Igreja de Deus e às comunidades a que serviram: foram arautos eloqüentes do Evangelho, zelosos na cura das almas a eles confiadas,

fiéis administradores dos mistérios divinos. Trabalharam com afincos, entregaram-se com alegria ao serviço, edificaram sempre, entesouraram uma legião de amigos e admiradores! Muito e muito merecidos os aplausos que agora recebem. *Prosit pluries seu quinquagies!* Seus méritos são conhecidos e reconhecidos!

Mas nem todos sabem que, no seminário menor de Mariana, o Barrosinho, além de violonista, bombardinista da furiosa Banda Santa Cecília (aí o Simões carregava o bombo), era ainda habilidoso "*coiffeur*", o disputado cabeleireiro de todos nós. E a todos ele procurava servir com simpatia, eficiência e até com sacrifício, já que se privava de seu tempo de recreação, do futebol e de estudos livres para a todos atender. Deixou de obter notas brilhantes, algumas vezes, em consequência desta sua solidariedade aos amigos.

E seja feita aqui a justiça de lembrar que ele era inigualável na arte de aparar nossos cabelos. Evidentemente, pelo seu competente trabalho, havia o trato de uma módica recompensa em cruzeiros (na época, na década de 40, "cruzeiros" substituíram os "réis"). Até mesmo a Sagrada Escritura reconhece este direito e dever: "*dignus operarius mercede sua*" (1Tim 5, 18). Mas não faltou na ocasião colega que, cobiçando essa módica recompensa, se atrevesse a estabelecer concorrência ao Barroso. E abriu seu negócio: desprovido entretanto do engenho peculiar, o atrevido se deu mal. E muito mal! Seu primeiro cliente (vítima) foi o Carvalhinho (Padre e depois Dr. José de Assis Carvalho) que ficou indignado e enfurecido, quando conferiu o resultado



Mons. Flávio e Cón. Paulo Dilásio

(estrago) do corte (capinagem) pelo espelho. Esse competidor do Barroso, em outras “praias”, conseguiu até notabilizar-se (Biblista conceituado pela Gregoriana de Roma, Professor de Sagrada Escritura, de Latim, Grego e arte Sacra, Chanceler do Arcebispado, Cônego do Colendo Cabido, Monsenhor, Ten. Coronel como Capelão Militar...) mas, como cabeleireiro, o Pedro Terra foi um monumental fracasso!

Também seja anotado aqui, em homenagem à justiça, que o serviçal Barrosinho levava muito calote. E, mesmo sabedor dessa descortesia dos colegas, ele não recusava seus fregueses. Alma boa, desde adolescente! E, Santo Deus! Um de seus “paroquianos” mais reincidentes nesta práxis era exatamente o seu conterrâneo. De forma repetida e constante, após o corte do cabelo da cabeça conhecida desde a sua infância, o Barroso sempre ouvia a promessa mais furada do salão: “Conterrâneo, nas férias nós acertamos!” E, nas férias subseqüentes, pela consideração que o Barroso nutria pela mãe do distinto, Dona Gabriela, o acerto nunca era cobrado.

Havia suspeitas de outros caloteiros mais: Jefferson, Rômulo, Valente, Paulo Dilásio, Alberico, Renato (Urubu do Senhor), Walter Coimbra, Raul, Mourinha (Branco), Nascimento, Jerônimo, Elci, Cesário, Patrus, o citado Terrinha et coeteri.

Dívidas hão de ser sempre honradas, mesmo depois de transcorrido longo tempo. E a próxima comemoração do jubileu áureo de sacerdócio de Dom Barroso seria sim ótima oportunidade para o sagrado ressarcimento, logicamente com os imprevisíveis penduricalhos de juros e correção monetária. Alguns dos devedores já são falecidos e merecem o amplo perdão. Mas os sobreviventes deveriam avistar-se a propósito com Dom Barroso. Ganha, entretanto, antecipada dispensa dessa obrigação, o famoso conterrâneo, saudado agora pelo clero como “*Véritatis Speculum*”. Dispensado sim, porque, no tal encontro com o Bispo fraudado, periga o clássico insolvente alegar e reclamar direitos(?) sobre algum “troco remanescente”! (sic)

Mas, à parte toda brincadeira, estas ligeiras evocações valem para realçar a simpatia, a distinção, a gentileza com que Dom Barroso sempre olhou seu semelhante, seus amigos e conhecidos. Seus préstimos como cabeleireiro foram desde cedo um símbolo, foram e são um exemplo que ilustra a característica evangélica de sua benemérita vida. Em Mariana, Ouro Preto, Acesita, Oliveira, todos damos disto eloqüentíssimo testemunho!

Particularmente, os Padres seus colegas, nós saudamos Dom Francisco com efusão, quando chega ao quinquagésimo aniversário de seu sacerdócio. E, com nossas almas em jubilo, o aclamamos com aquele mesmo entusiasmo de outrora, quando o Bispo solenemente adentrava sua Catedral: “*Ecce Sacerdos magnus, qui in diedus suis placuit Deo...*” ◀

(Paróquia em Destaque)

# Duas vidas para Deus e as almas!

**D. José Belvino do Nascimento**  
(Pregação no Jubileu de Ouro Sacerdotal  
Ouro Preto - 1.12.2007)

*“Dilexi mandata tua super aurum et topazion - Amei vossos mandamentos muito mais que ao ouro e ao topázio” (Sl 118,127).*

Exmo. e Revmo. Sr. D. Francisco Barroso Filho;

Revmo. Sr. Cônego José Feliciano da Costa Simões.

Quando me pus a refletir sobre o que diria hoje nesta magna efeméride, brilhou-me aos olhos da mente e do coração a luz do ouro mais refinado, da pedra mais preciosa, por dois motivos: pela terra dos homenageados, Ouro Preto; e pelo Jubileu que celebram: ouro sacerdotal.

Busquei na imaginação alguns símiles que se adequassem bem aos dois sacerdotes: o cônego e o episcopo da Igreja. Se vemos em Ouro Preto um jardim encantado, os senhores seriam nele duas das mais belas flores aqui desabrochadas... Se, pelas culminâncias destas montanhas de sonhos e ideais, dissermos que Ouro Preto é um cantinho do céu, os senhores seriam duas das estrelas mais cintilantes... Se, pela topografia aconchegante e espiritualizada deste rincão, chamarmos Ouro Preto de um presépio, os senhores seriam dois dos pastores mais queridos do Menino Jesus...

Considerarei, no entanto, mais lógico ver em Ouro Preto a rica mina de ouro, e ouro do mais puro quilate. E por este veio andei a garimpar, lembrando o livro profético das Lamentações de Jeremias: *“Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color*



Dom. José Belvino à homilia

*optimus - Quando se torna um ouro preto, o ouro é mais refinado” (Lm 4, 1).*

Para dourar estas minhas loas tão justas aos senhores, Dom Barroso e Cônego Simões, eis algumas das pepitas de fino valor que encontrei nas minas riquíssimas da Escritura santa. Elogiando a sabedoria, sentenciou o rei Salomão: *“Omne aurum, in comparatione illius, arena est exigua - Ao lado da sabedoria, todo o ouro é um pouco de areia” (Sb 7,9).*

Os senhores, Dom Barroso e Cônego Simões, em meio aos fulgores de tanto ouro e pedras preciosas, preferiram o brilho mais límpido, mais coruscante, mais celestial das riquezas divinas: o sacerdócio! Em vez de atender aos galanteios e apelos do mundo, optaram por seguir o ditame do sábio Sirac: *“Pone thesaurum tuum in praeceptis Altissimi et prouderit tibi magis quam aurum - Põe teu tesouro nos preceitos do Altíssimo, e lucraráis mais que o ouro” (Eclí 29,14).* Ouvindo também a voz de Deus, pelo profeta Ageu, que dizia: *“Meum est aurum - A mim pertence todo ouro” (Ag 2,9),* os senhores chegaram à mais santa decisão de entregar suas vidas às mãos do divino Ourives, que os

fizesse gemas preciosas no ministério: sacerdotes, profetas e pastores no garimpo e salvação das almas.

Mas eu sabia, Dom Barroso e Cônego Simões, que, se cavasse mais fundo nas minas divinas, encontraria pepitas e pedras mais finas e preciosas, dignas do ouro e pedras das minas de Ouro Preto, em homenagem aos dois festejados sacerdotes. Ao menos para isto me serviriam tantos estudos dos textos gregos e latinos. Pois “quem procura, acha”, disse Jesus (Mt 7,8). Lá estava ela, a pepita mais chamejante, a pedra mais vistosa em meio às minas ricas dos Salmos, a sentença como que lapidada para este lugar, esta solenidade, estes dois jubilares: **“Dilexi mandata tua super aurum et topazion - Senhor, amei vossos mandamentos muito mais que ao ouro e ao topázio”** (Sl 118,127).

E os senhores dois, Dom Barroso e Cônego Simões, crianças ainda, entregaram suas vidas ao divino Garimpeiro, para que, lapidados e santos, brilhassem diante dos homens para a glória de Deus, como mandou Jesus: **“Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est - Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de tal modo que vejamos vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus”** (Mt 5,16).

É verdade que se assustaram com os espinhos, trabalhos, quedas e dores que encontraram pelos caminhos, como a todos nós nos previne o livro dos Provérbios: **Sicut probatum aurum in camino, ita corda probat Dominus - Como o ouro se purifica no cadinho, assim Deus prova os corações dos que Ele ama”** (Pr 17,3).

Eu poderia narrar aqui, Dom Barroso e Cônego Simões, porque o testemunhei e acompanhei, poderia lembrar todas as lutas (e vitórias também!), todas as lágrimas (e sorrisos também!), todos os estudos árduos (e frutos sazonados também!), toda uma vida

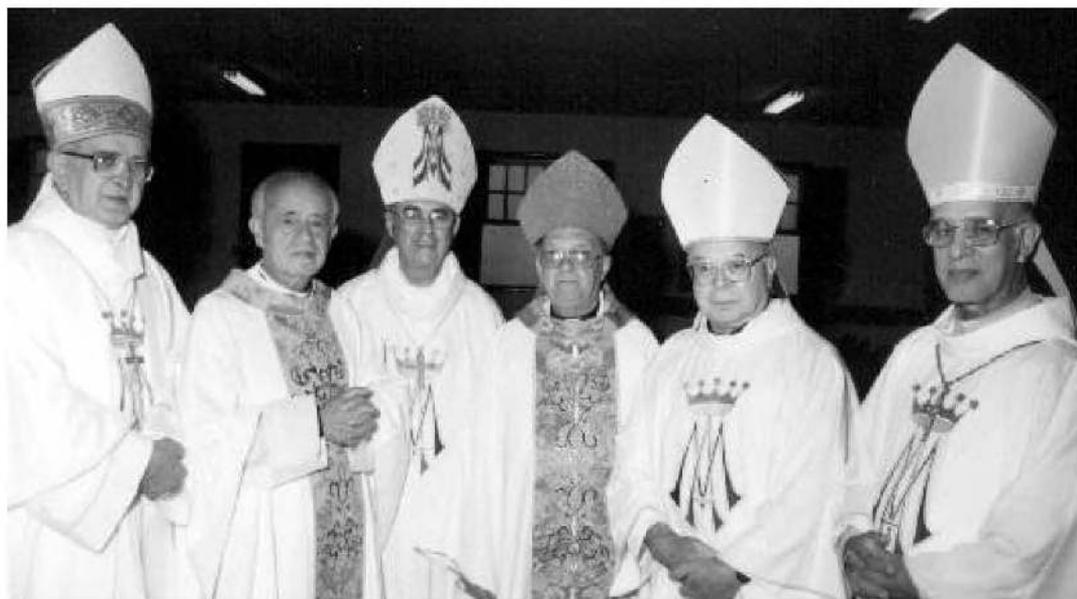
de Seminário Menor e Maior, como uma subida dolorosa e extenuante nas ruas íngremes de Ouro Preto, até chegar à Cruz do sacerdócio de Jesus. Mas os senhores garbosamente venceram!...

E, no dia 1º de dezembro de 1957, partiram em procissão para a veneranda Sé de Mariana; e ouviram o reboar solene do **“Ecce Sacerdos Magnus”**, e as músicas de festa, e as litanias de preces, e os hosanas de exultação, quando se tornaram sacerdotes do Altíssimo pela imposição das mãos sagradas de Dom Daniel Tavares Baeta Neves, que a muitos de nós nos fez sacerdotes.

Já lá se vão 50 anos, Dom Barroso e Cônego Simões, tudo porque os senhores acreditaram nas palavras de sabedoria e de santidade do primeiro sacerdote ordenado por Cristo, o Apóstolo Pedro, que disse: **“Probatio vestrae fidei multo pretiosior auro... in laudem, et gloriam, et honorem in revelatione Jesu Christi - A provação de vossa fé é muito mais preciosa que o ouro, para o louvor, para a glória, e para a honra de Jesus Cristo”** (1Pd 1,7).

Ah! meus caros Dom Barroso e Cônego Simões, como os senhores lutaram para serem padres, hein! Nas horas de angústia (como me lembro!), um simplesmente pegava o violão e dedilhava gementemente as saudades de Ouro Preto... O outro cantava e ria para não chorar... Ou então se refugiavam na Banda de Música, onde um bombardino a todos encantava com seus solos dolentes e harmoniosos; e um bombo fazia o fundo ritmado!... Já na Filosofia e na Teologia, quando se cansavam das lições sublimes dos sábios e santos, um dos senhores se assentava solenemente numa cadeira da Orquestra para fazer chorar o seu violoncelo mágico com seus gemidos arru-lhantes que iam fundo no coração da gente... E o outro se entregava a esportes e brincadeiras, sempre alegrando os colegas com seus chistes e gracejos.

Depois, néo-sacerdotes, um se mandou



Dom Belvino, Cón. Simões, Dom Hélio, Dom Barroso, Dom José Lima Vaz e Dom Guilherme Porto

para as margens do Rio Doce, junto à fornalha ardente da Acesita, para, junto ao dinâmico Pe. Abdala Jorge, tentar incendiar os corações dos ribeirinhos e proletários com o fogo do amor desta fornalha divina, que é o Coração de Jesus... O outro foi parar nas paragens amenas da bucólica Entre Rios de Minas, onde, ao lado do novel pároco, Pe. Newton Malta, exerceu as primícias do seu sacerdócio. Finalmente, ambos, atraídos por um ímã misterioso destas minas de Ouro Preto, voltaram para a terra natal. E tornaram-se cirineus, um do saudoso Cônego Veloso, mais tarde eleito primeiro bispo de Itumbiara, em Goiás; e sucedendo-o nesta agora tricentenária paróquia-santuário de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias... O outro se entregou nos braços maternos da Senhora do Pilar, na Igreja-mãe da 1ª capital mineira. E se honrou de ser pároco onde, por tantos anos, pastoreara o legendário Monsenhor Castilho, ícone dos ouropretanos. Ali está o nosso Cônego Simões até hoje, há quase meio século...

Em 1984, o Pe. Barroso foi chamado a

carregar, não a cruz do paróquio, mas o cruzeiro do episcopado (*risos*). Por 22 longos anos, o povo da diocese de Oliveira gozou do privilégio de tê-lo como pastor: zeloso, amigo, sofrido, mas sempre sorridente e amado de todos. Vieram os acidentes, as muletas, as dores: até para a alegria de tocar seu violão faltaram-lhe os dedos endurecidos de artrose... Mas nunca se queixava, mantendo a dor no coração e o sorriso nos lábios, como um outro Jó da paciência. Agora o temos aqui, tranqüilo, feliz, aureolado de graças, a celebrar o seu Jubileu Áureo Sacerdotal. Sorrindo com ele, nós cantamos: ***Te Deum laudamus!*** A Vós nós louvamos, ó Senhor Deus! Parabéns, Dom Barroso!

Meu caro Cônego Simões, ao tecer estas loas jubilares, vi-me num dilema: a quem louvar primeiro? O bispo? O cônego? Comecei pelo bispo. Mas poderia iniciar pelo cônego, pois a ambos, o que os engrandece de verdade é o sacerdócio de Nosso Senhor Jesus Cristo. O episcopado é mais sofrimento e amarguras, não é mesmo, Dom Barroso? Parafraçando o iluminado

Santo Agostinho que escreveu: *“Para vós sou bispo; convosco sou cristão. Ser cristão é minha alegria; ser bispo é minha cruz”* (Sermão 140), posso afirmar que a maior alegria de um bispo e de um cônego é simplesmente ser padre.

Portanto, nada melhor lembrar a ambos, no dia de seu jubileu áureo sacerdotal, a grandeza, a sublimidade do sacerdócio, do pároco, do padre, que é mestre como profeta; que é pai como pastor; e que é santificador como ministro dos sacramentos divinos. Procurei o apoio de um bispo, exímio doutor da Igreja; e de um sacerdote, humilde pastor de almas. Eis o que disse São João Crisóstomo: *“O sacerdote está entre Deus e os homens: traz-nos os benefícios divinos e apresenta ao Senhor nossas preces”* (Homília 5,1).

Já o santo Cura d'Ars exclamava de coração: *“Depois de Deus, o sacerdote é tudo. Quando se quer destruir a religião, se começa por atacar o sacerdote. O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus”* (Homílias). Em outro lugar, acrescentava São João Maria Vianney: *“O sacerdote não é sacerdote para si mesmo; não dá a absolvição a si mesmo, nem administra os sacramentos para si mesmo, mas para os outros”* (Homílias).

Quem pode narrar, em poucas palavras, toda a vida de sacrifícios, doações, noites indormidas de um pároco zeloso? À porta da casa paroquial todos batem: o rico e o pobre, o letrado e o analfabeto, o santo e o pecador... Todos os profissionais têm seus horários; o padre, não!... À entrada de sua vivenda bem se poderia pôr o aviso: “Disponível dia e noite!” No coração do sacerdote bate o amor por todas as ovelhas...

Quantas missas os senhores celebraram nesses 50 anos, hein, Cônego Simões, hein, Dom Barroso? Quantas crianças batizaram? Quantas confissões atenderam? Quantas comunhões distribuíram? Quantos doentes visitaram e ungiram? Quantos casais

abençoaram? Quantas viagens fizeram até de noite ao encontro das ovelhas? Quantas pregações e homilias? E as construções enfrentadas? E a conservação difícil destas igrejas tricentenárias? Meu Deus, que vida!...

Ainda mais. Vivendo neste ambiente barroco de tantas artes, um criou seu museu; o outro o imitou na invenção!... E ambos fundam Corais, e apóiam Bandas de Música. E fazem tantas festas. Ah! as Novenas das Padroeiras! Ah! as rezas do Mês de Maio. Ah! as Confrarias e Irmandades! Ah! as Procissões de Corpus Christi, com tapetes floridos, janelas enfeitadas, cantos ecoando até o Itacolomi! Ah! as Semanas Santas, com suas procissões compridas e infundáveis; com seus sermões grandiloquentes que levavam até às lágrimas; com suas matracas assustando as almas no silêncio das noites; com seus ofícios, e cantos, e confissões e cansaços...

É por isso, meus irmãos aqui presentes, é por isso que os dois granjearam tantas amizades, ambos estão ali agora como alvo fácil da nossa admiração, da nossa gratidão, porque ambos se tornaram mestres, não só das ciências divinas, não só das artes humanas, não só da história radiosa de Ouro Preto e de Minas; mas sobretudo se fizeram mestres na arte das artes, que é a direção das almas. Mestres do perdão e da misericórdia... Visitando a cidade de Ars, na França, um intelectual famoso exclamou: *“Eu vi Deus num homem!”* Olhando para os nossos homenageados, não duvido em exclamar: *“Eu vejo Cristo no Cônego Simões. Eu vejo Cristo no Dom Barroso!”* Ambos, agora, ostentam, felizes, seus cabelos de ouro branco, como uma coroa, símbolo de uma vida toda vivida para Deus e a salvação das almas!...

Onde, sr. Bispo e sr. Cônego, onde os senhores aprenderam esta magia de só fazer o bem? No Seminário? Sim, eu acredito. Na Igreja? Sim, eu acredito... Mas eu sei que tudo começou no primeiro Seminário, na

primeira Igreja, que foram as suas famílias piedosas e santas. Ali seus pais, pelo exemplo cristão de vida; ali suas mães, pela piedade e fé vivas; ali eles engendraram em seus corações o embrião da vocação sacerdotal...

Neste dia de flores, músicas e sorrisos, em que os harmoniosos sinos de Ouro Preto repicam, festivos, por seus dourados 50 anos de sacerdócio, quero oferecer à memória de seus saudosos pais uns raminhos de mirto, umas rosas de gratidão, umas palmas de louvor. Benditos pais de tais filhos! É com emoção na voz e no coração em prece que pronuncio os seus nomes: Sr. Francisco Gomes Barroso e Dona Raimunda de Freitas Barroso... Sr. Bianor Simões e Dona

Gabriela Baeta da Costa Simões!... E com estes nomes quero homenagear a todos os familiares, parentes, amigos, benfeitores, sacerdotes e leigos, sobretudo seus mestres que tão bem souberam amparar, proteger e lapidar estas duas jóias da Igreja de Cristo!

Com todos eles, os do céu e os da terra, aqui entre os umbrais deste vetusto e tricentenário Santuário da Imaculada Conceição, entoamos um altissonante canto de gratidão a Deus: *Te Deum laudamus!* A Vós, Senhor, pelas alegrias cinqüentenárias de nossos dois sacerdotes, Dom Francisco Barroso Filho e Cônego José Feliciano da Costa Simões; a Vós, Salvador, a Vós, Deus amor, a Vós louvor e glória eternamente. Amém. ◀

## Correspondências / Notícias

### Juarez Alves Augusto:

Uma das gratas surpresas do Encontro da AEXAM deste ano foi, depois de mais de 30 anos, ver o rosto do Juarez Augusto, logo ali, na entrada do Seminário Maior, fazendo sua inscrição. Não o conheci num primeiro momento. Mas a sua voz e as brincadeiras logo o identificaram. Que bom, Juarez, você ter vindo ao Encontro! Procurei-o depois para bater papo e saber de suas notícias, mas não o encontrei mais. Talvez tenha voltado antes do final. Mas valeu! Obrigado, Juarez!



Helvécio e Juarez

**Henrique Vasconcelos** (Vespasiano, 10/7/07). Anexo umas lembranças do tempo que fomos alunos do saudoso Seminário Menor. (O Henrique enviou-me uma cópia xerocada da lista dos alunos do Seminário Menor de Mariana, em 23/3/1952). Muito obrigado, Henrique. Vou publicá-la logo que puder.

**Pe. José Jesús.** Sei que recebi carta dele, comentando o *Gens Seminarii*. E não aceitando o meu “nunc dimittis”. Fiquei dia inteiro procurando essa carta e não a encontrei. Perdoe-me, Jesús.

### Dom Arnaldo Ribeiro

(BH, 13/7/2007). Parabéns pelo primeiro número de *Gens Seminarii*, chegado ontem. Não era possível que o *GS 58* acabasse, mesmo que lentamente, mesmo que aos poucos vocês vão desaparecendo daqui, para se reencontrarem na Casa do Pai. O “casamento” encontrado foi muito feliz, porque não haver morte que os separe: Seminário, ex-alunos e ainda a terceira idade, com exemplo do Grupo de 58. Você foi fiel em seu trabalho de manter o grupo unido. Agora, como coroa você está sendo brindado com *Gens Seminarii*. Eu achava mais bonito se fosse *Seminarium Gens*. Mas lendo suas explicações, caiu por terra o meu

gosto. Desejando-lhe bênçãos de Deus, paz e saúde, com minhas orações.

**Dr. Geraldo José Guimarães da Silva** (São Paulo, 2/8/2007). 1. Acuso o recebimento da revista GENS SEMINARII, cuja leitura constitui um dos agradáveis prazeres da minha vida. 2. O Mons. Raul Motta é o responsável por essa Revista, como o foi, desde 1958, quando se ordenou, levando com ela a palavra de união de todos os Sacerdotes e ex-Seminaristas de Mariana e de todo o Brasil. 3. Agora, reveste-se a Revista da maior importância, por abranger o Seminário de Mariana, os seus Sacerdotes e ex-Seminaristas da AEXAM, que por ali passaram, traduzindo um passado sempre futuro para todos nós, porque nossa união, mais que tudo, é espiritual, de corações ao alto, a Deus. "Vos estis sal terrae." 4. Parabéns, ao Mons. Raul, Mons. Flávio Carneiro e ao Helvécio, e a todos os mais, pela escolha do nome: *Gens Seminarii*. 5. Entretanto, a revista tem seu lado financeiro, pois sua impressão tem que ficar a cargo da AEXAM, que escolheu o Mons. Raul Motta para essa tarefa, como nosso Associado, sem se esquecer do GS/58, e nem do Seminário de Mariana, responsáveis todos pelos nossos encontros, união e participação. 6. A Revista Ano I, Nº 1, Junho/2007, segundo me informou o Mons. Raul Motta, para dois mil exemplares, teve seu custo gráfico de R\$ 3.500,00 (três mil e quinhentos reais), não apontando as despesas de porte com sua distribuição pelos correios, nem pela prestação de serviços outros, inclusive fotografias, etc., que não são baratos. 7. Alguns números de nosso Jornalzinho /AEXAM-1997/98, etc., também em papel couché, foram feitos e distribuídos pelo nosso colega Paulo Magalhães, que é, diga-se de passagem, um ótimo colega, trabalhador e responsável pela ida de muitos colegas aos nossos encontros, por ter a

virtude pessoal de unir colegas e animar seus espíritos para essa confraternização anual em Mariana, no nosso Seminário, e de todo dia. 8. Essas nossas contribuições, na verdade, são apenas paliativas, porque não resolvem o problema de nossa Revista, para continuar saindo como publicada, e sempre a cargo do Mons. Raul Motta, que representa o elo entre todos nós, isso desde 1949, quando o conheci, no Seminário Menor de Mariana, exemplo e modelo para todos de um verdadeiro Seminarista, Padre e homem santo de Deus. Sempre foi meu exemplo de vida, de oração, de piedade, de ação e de convívio. 9. His dictis, espero que o Sr. Presidente estude um modelo e uma previsão financeira para a nossa revista, para que isso se institucionalize, como objetivo primordial, tão necessária para nossa convivência e sonho de cristão, neste mundo atual, a que devemos o nosso testemunho de Igreja Católica Apostólica Romana, sob a direção de nosso grande papa, Bento XVI, escolhido de Deus. Pax Christi.

**Mons. Pedro Terra Filho** (BH, 8/8/2007). Regressando de curtas férias, encontrei o "novo" GS58. Parabéns pela inteligente solução encontrada para perpetuar o simpático e suculento livrinho, que eu sempre esperava com ansiedade para atualizar as informações sobre nossos colegas vivos e falecidos. Você procedeu como os fundadores de ordens religiosas: criada a instituição, ela, de certo modo, tem que se desgarrar da barra de saia da mãe-fundadora e iniciar sua caminhada com independência. A Associação dos Ex-alunos promete vida longa, tanto quanto o nosso já bicentenário Seminário de Mariana. Certamente manterá acesa a tocha das lembranças que em nós, no passado e, nos atuais seminaristas, nos mantém firmes no ideal que nos foi proposto, ao longo dos anos de nossa formação: fidelidade ao Cristo e à

Igreja. Incluo pequena ajuda para a manutenção da revista. Se não surgir impecilho, pretendo comparecer ao encontro de Aparecida. Pessoalmente, continuo lecionando latim para os alunos da filosofia do Instituto Dom João Resende Costa (PUC) e auxiliando na comunidade de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, no bairro Santa Cruz - Palmares.

**Mons. Waldyr Henrique Mancini** (Luminárias, 5/8/2007). Comigo a GENS SEMINARII. Ótima! Parabéns a V., à Aexam, Formadores, Seminaristas de nosso Seminário Maior São José de Mariana. A parceria foi genial. Alegrei-me por saber que o GS 58 dará continuidade. Olhe, o Editorial da Revista foi muito feliz. Gostei também da Palavra Final de seu “nunc dimittis”. Dever cumprido e como foi cumprido. Hoje, nós só temos que cumprimentá-lo e agradecer seu trabalho. Era só para o GS 58, mas estendeu-se para todos nós de outras turmas. O GS 58 foi “valentão”. Aí está uma obra histórica. Parabéns, Mons. Raul. Já estou pensando: quando chegará o outro número de *Gens Seminarii*? Estou preparando algumas Fotos para o Memorial Físico da Aexam.

**Dom Walmor Oliveira de Azevedo** (BH, 27/8/2007). Acuso recebimento da Revista “Gens Seminarii número 1”. Obrigado pela delicadeza da remessa.

**Dom Aloísio Jorge Pena Vital** (BH, 12/9/2007). Em primeiro lugar quero desejar ao senhor aquela paz que somente Ele pode nos dar. Peço profundas desculpas pelo atraso da resposta ao gesto extremamente delicado do senhor para comigo. Com as novas eleições, fiquei agora com a catequese, Diálogo inter-religioso e ecumenismo, a nível de Leste II e Dom Décio assumiu a Pastoral da Saúde. Querido irmão, deixo o meu abraço profundamente fraterno e agradecido do irmão mais velho.

**Pe. Paulo Dionê Quintão** (Viçosa, 22/9/2007). Veja só a generosidade do Povo de Viçosa para comigo, pobre servo do Senhor, acolhendo-me como um irmão em seu meio, dando-me Cidadania Viçosense. Alegro-me em compartilhar em fraterna amizade esta notícia brotada da bondade dos que a protagonizaram, não em meu favor propriamente, mas da Igreja a que sirvo com alegria.

Dia 28/9/2007, em sessão solene da Câmara Municipal, foi-lhe outorgado o título de Cidadão Honorário de Viçosa, onde é pároco de Santa Rita de Cássia. Em seu rico discurso de agradecimento, cita Santo Isidoro de Sevilha e Santo Ambrósio; e lembra o Pe. Costa Val: “Aprendi a amar esta terra desde criança, pois um ilustre viçosense, Monsenhor Geraldo da Costa Val, Pároco por 46 anos em Abre Campo, minha cidade natal, cantava e decantava as belezas desta urbe universitária. Lembro-me das inúmeras vezes que aqui estive em companhia do saudoso Monsenhor”. Na sessão solene, achava-se presente a senhora sua mãe, D<sup>a</sup> Ambrosina Mendes Quintão, com seus 82 anos de idade!

**Pe. João Nalon** (São Jorge d'Oeste, PR, 27/9/2007). Dia de São Vicente de Paulo, recebo um alegre telefonema do nosso Nalon, com seu vozeirão, meio arroucado pela gripe, dando e querendo notícias de todos. Recebeu o número 1 de *Gens Seminarii* e adorou. Prometeu ir a Aparecida, participar da celebração do nosso jubileu áureo sacerdotal, de 7 a 10 de janeiro de 2008. Agora em novembro, ele iria fazer a 50<sup>a</sup> Romaria da sua Paróquia a Aparecida!

O telefonema do Nalon, neste dia de São Vicente, me trouxe à memória dois hinos que aprendemos no Seminário. Nós, ex-alunos dos lazaristas, ficamos marcados, com uma devoção e admiração muito grande pelo apóstolo da caridade. Não sei se estou ainda sendo fiel à letra:

1. **Humilde São Vicente**, / em vão fugiste à glória, / vê o universo todo agora te aclamar. / Hoje teu nome está, nas páginas da história. / Amavas o desprezo e Deus quis te exaltar! - Quando surgiste, o pobre era deixado, / o camponês missões não recebia, / o pobrezinho era infeliz coitado, / o ancião enfermo triste padecia. / Ao pobrezinho deste pão e abrigo; / ao camponês, a bênção da missão; / e o pobre enfermo, no hospital tranqüilo, / rende-te graças cheio de emoção!

2. **Grande Vicente**, a Igreja toda inteira / louva e celebra o teu nome imortal, / que para todos é brilhante aurora, / da paz do céu, rico manancial. - E nós também, neste dia queremos / te festejar com amor filial, // ó nosso pai, roga por nós, / no céu, ó sim, no céu, / por nós os filhos teus (bis).

**Mons. José Hugo de Resende Maia** (Lagoa Dourada, 28/9/2007). Salve! “Saúde e Paz”! (lema do beato Padre Eustáquio). Recordar é viver. Lendo e relendo notícias do novo *Gens Seminarii*, antigo GS e outros, que saudades do nosso bom tempo de Seminário, Menor e Maior, em Mariana.

Quanta mudança! Dos colegas do nosso tempo, a gente se lembra bem e mata as saudades, vendo fotos ou sabendo de seus trabalhos, onde estão e se vivos. Quanto aos mais novos, para a gente que sai pouco, a gente desconhece, mas se alegra com suas atividades e seus progressos. Daí a alegria de receber agora o ‘Gens Seminarii’, mais completo e noticioso. Não me deixe no esquecimento. Quero recebê-lo, sempre que impresso. Para isso segue uma pequena contribuição de R\$ 50,00. Mais para frente, a gente reforça esta oferta. Continue com o seu apostolado de Comunicação junto aos colegas. É um benefício para nós. Um abraço. E pra frente: *Gens Seminarii*. Parabéns! O colega amigo e grato, agora vigário paroquial.

**Pe. Wagner Augusto Portugal** (Juiz de Fora, 1/12/2007). In Nativitate Domini A.D. MMVII. Laeto corde novoque canto Christvm natvm adoremvs! Meis cum votis pacis et boni! Pater Wagner Avgvstvs Portvgal, vicariivs iudicialis Archidioecesis Ivdiciforensis. ◀

## Campanha e Uberaba centenárias

O jornal O Lutador (21-30 setembro 2007) deu notícia das comemorações pela passagem do centenário de criação das dioceses de Campanha e de Uberaba.

**Diocese de Campanha.** Segundo nos relata Pe. Sérgio Roberto Monteiro, de Boa Esperança, foi criada aos 8/9/1907. E resume assim a atuação dos vários bispos nestes cem anos: “O trabalho da primeira hora de Dom Nery, a fidalguia de Dom Ferrão, o gigantismo de Dom Inocêncio, o coração dilatado de Dom Othon, as palavras precisas de Dom Tarcsísio, a eloqüência sagrada de Dom Antônio Miranda, o espírito de serviço de Dom José D’Angelo, o zelo pastoral de Dom

Roque e a firmeza de propósito do então padre, hoje Dom Guilherme, abençoaram os esforços de toda família cristã que foi sendo formada ao longo destes cem anos”.

**Arquidiocese de Uberaba**, criada em 29/9/1907. Dom Aloísio Roque Oppermann scj, arcebispo de Uberaba, anota três fases da vida daquela Igreja Particular, durante estes 100 anos:

**1ª fase:** desde o início até os albores do Vaticano II (1907-1955). Implantação da diocese, construção da Catedral, da cúria e do palácio episcopal; criação de novas paróquias (a diocese estendia-se por todo o Triângulo Mineiro), colégios católicos, no-

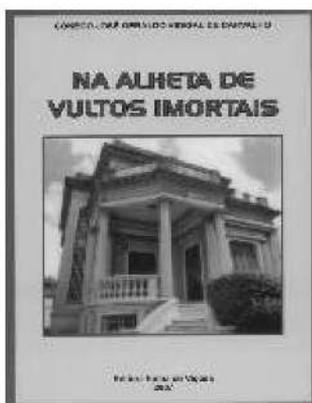
vas Congregações religiosas, Seminário São José.

**2ª fase:** tempo que precedeu e acompanhou o Concílio. Grande preocupação pela Liturgia, conhecimento da Bíblia... Identidade do Presbítero sendo discutida, fechou-se o Seminário, vendeu-se o “Diário Católico”, já que não havia mais as grandes polêmicas. A Revolução de 64 trouxe anos de sofrimento, mas surgem novos Movimentos: Cursilho, Jovens... Ministros da comunhão, Evangelii Nuntiandi (1975). Nasceram três novas dioceses, todas saídas de Uberaba: Patos, Uberlândia e Ituiutaba.

**3ª fase:** O Concílio foi implantado, com a maior participação dos leigos(as). Conselhos Pastorais Paroquiais e Conselho Presbiteral. Renovação da Catequese. Cursos de Crisma, atraindo jovens e adolescentes. O Seminário foi reaberto, em novos moldes. Recomeçaram-se as ordenações presbiterais. Surgem os Planos de Pastoral, com participação de Religiosas e Leigos. Criadas Escolas de Fé nas Paróquias, e Escola de Teologia, em Uberaba. Grupos de Reflexões às centenas. Pequenas comunidades. Paróquias divididas em setores. Diáconos permanentes e leigos sempre mais engajados. ◀

## Publicações recebidas

**Na alheta de vultos imortais.** Do Cô-



nego José Geraldo Vidigal de Carvalho. Editora Folha de Viçosa, 2007. Sobre sua posse na Academia Mineira de Letras, dia 31 de maio de 2007. Contém Introdução pelo Presidente da AML, Murilo Badaró;

os discursos de posse do Côn. José Geraldo e de recepção do acadêmico Pe. João Batista Megale. 104 páginas.

Confesso que precisei ir ao Aurélio, para saber o que é alheta (ê): s.f. pista, encaicho, rasto. Usada em geral na expressão *ir na alheta de*.

**Revista da Academia Mineira de Letras**, Ano 84º, Volume XLV, Julho, Agosto, Setembro 2007. Enviada pelo nosso amigo acadêmico Otiliano José. À página 191, traz poesia dele: DRAMA PAULINO.

“Santo não sou, bem que o sei, / E a tolo ainda não passei, / Embora digam que o sou, / Porque Deus me renovou. // Por isso, os males pratico, / Sabendo que assim claudico / Vida, em fora, como insano / Que nem se parece humano. // Sofro por essa tortura / Que, tão ferina, me apura, / E, em fortes prantos, me deixa / Sem qualquer direito a queixa. // Não faço certo o que almejo, / Mas o mal que não desejo. / Como em público dizia, / Também oculto fazia.

**Igreja de Mariana: 100 anos como Arquidiocese.** Formato grande, todo em *couché* e policromia, lançado dia 22 de junho, com a presença de Dom Geraldo Lyrio. Colaboraram na sua confecção: Mons. Flávio Carneiro Rodrigues, o historiador Bruno dos Anjos, Pe. Marcelo Santiago, Pe. César Eduardo de Assis Moreira, Côn. João Francisco Ribeiro e Aparecida Sueli de Lima Oliveira. É a história da Igreja Particular de Mariana, desde a sua criação, em 1745. Destaca os últimos 100 anos como arquidiocese, com os 4 grandes arcebispos: Dom Silvério, Dom Helvécio, Dom Oscar e Dom Luciano. O livro está sendo distribuído pela Editora Dom Viçosa, telefone (31) 3557-1233.

**ANPB Informa**, nº 53, de abril-junho 2007. A anuidade, 30% do salário mínimo, desde 1º de maio, é R\$ 114,00. O 12º Encontro Nacional de Presbíteros (ENP) será em Itaici, de 13 a 19/2/2008.

**Presbítero, Discípulo - Missionário de Jesus Cristo na América Latina.** É o texto-base do 12º ENP. Livro de 96 páginas, publicado pela Comissão Nacional dos Presbíteros (CNP), com apresentação de Dom Anuar Battisti, elaborado pelo Pe. José Oscar Beozzo, “pretende provocar a reflexão e amadurecimento pessoal e coletivo da temática, em nossos presbitérios”. Traz um estudo muito interessante sobre as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, desde o Concílio Plenário, em 1899.

**Informativo São José.** Nº 37 e 38. Da Paróquia de São José do Calafate, B.H. Dá notícias da festa de São Vicente, dia 27 de

setembro, às 19 h, com homilia proferida por Dom Vicente Zico CM.

**Fórum Social pela Vida.** Número 1, Barbacena, junho 2007; 4 páginas, preparando o III Fórum Social pela Vida, da arquidiocese de Mariana, programado para 26 a 29 de julho.

**Semeando.** Jornal da Paróquia Santa Rita de Cássia, em Viçosa. Nº 89 (julho 2007). Muito rico, fotos, artigos, notícias.

**Rumos.** Nº 202, maio/agosto 2007. Traz estudo sobre a V Conferência de Aparecida. E programação do XII Encontro Nacional das Famílias dos Padres Casados, em Recife, de 10 a 13 de janeiro de 2008. Haverá palestra de Pe. José Comblin. Jorge Ponciano (DF) irá debater o tema “A missão do padre casado”. O site [oraetlabora.com.br](http://oraetlabora.com.br) traz a última edição do jornal Rumos. ◀



Padre Sarneel em  
foto dos ordinandos de 1931

## O Caraça e o Guardião da Fé

Pe. Luís Duque Lima - Juiz de Fora

1. A HISTÓRIA É A MESTRA DA VIDA. Reportando no tempo, citamos o mais famoso literato da Congregação da Missão: Pe. Pedro Sarneel CM (Sarnelius). Os lazaristas de São Vicente de Paulo (1581-1660) sempre foram missionários, professores e formadores especialistas do Clero do Brasil, em diversos estados. Nós, ex-alunos (AEXAM e AEALAC), reverenciamos com gratidão aqueles sacerdotes tão virtuosos e sábios. Cultura em filosofia, teologia, vivência mística e ciências em geral. O Sr. Pe. José Dias Avelar CM, fã do Monsenhor Raul, por exemplo, sabia dissertar sobre todos os temas e algo mais (De omni re scibili et quibusdam aliis). Ele estudou em

Paris com os mestres da Congregação. Levantavam-se às 4 horas da manhã e celebravam o Sacrifício da Missa (Sacrificium laudis).

2. UMA VISTA RETROSPECTIVA COM O PE. SARNELIUS. O Caraça é a montanha sagrada de onde desceram, durante mais de um século (1820-1930), dezenas de Missionários lazaristas, para levar, às plagas formosas de Minas e do Brasil, a palavra apostólica do Evangelho. Todos os anos, de março a novembro (estiagem), os padres santos do Caraça, revestidos com a batina negra e a cruz das missões, viajavam a cavalo e só voltavam depois de oito meses de sacrifícios pela

salvação das almas. O Caraça foi sempre a grandiosa serra difusora da Palavra de Deus. O Irmão Lourenço de Nossa Senhora, o seu feliz descobridor, tinha a alma de um evangelizador. Para que fosse sede de missões, construiu formosa Ermida com as duas alas laterais do grande Mosteiro de pedra, e ofereceu ao Bispo de Mariana, Dom Frei Cipriano de São José (1799-1817), e ao Rei Dom João VI, solicitando a vinda de missionários.

3. PADRE LEANDRO FOI O PRIMEIRO SUPERIOR DO CARAÇA. “Filho de Deus, venha cá... Quanto tempo já faz que vossemecê se confessou?” Era com essas palavras que o Pe. Leandro, homem extraordinário, recebia os peregrinos do Caraça, costumando pegá-los pelo braço. E é ainda deste jeito original que te cumprimenta a ti, romeiro, de dentro de seu sepulcro, lá na gruta das catacumbas do Caraça... Vamos, pois, visitar este homem de Deus e com ele conversar uns instantes junto de seu túmulo... Seu nome é Leandro Rebelo Peixoto de Castro. Nasceu em Portugal, na Província do Minho, pelo ano de 1780. Cursou o Seminário arquiepiscopal de Braga. Foi, na sua Pátria, lente de filosofia, literatura e matemática. Em 1819, a chamado de D. João VI, embarcou para o Brasil, em companhia de Pe. Viçoso (D. Viçoso), seu antigo aluno. Estes dois sacerdotes foram os mais inteligentes homens de Minas na primeira metade do século XIX. Chegaram ao Santuário do Irmão Lourenço, a cavalo, pela estrada real, desde o Rio de Janeiro, a 15 de abril de 1820 (Brasil colônia). O Pe. Leandro foi, por dez anos, o prudentíssimo Superior da Casa da Senhora Mãe dos Homens. Foi depois vice-reitor do Colégio Pedro II, no Rio, e faleceu como diretor do Colégio da Assunção, em Ouro Preto, em 1841. Seus ossos foram trasladados para o Caraça, onde aguardam a gloriosa ressurreição na parusia. Podemos venerar o Sr. Pe. Leandro com os seus mais belos títulos.

PADRE LEANDRO: Glória primaz do Colégio Imperial de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Mestre do bem dizer e do bem falar. Elegante cultor da língua do Lácio, grande educador, rasgando a seus alunos vastos horizontes e ornando-lhes o caráter vigoroso, como são vigorosas as montanhas e vastos os horizontes do majestoso Caraça. PADRE LEANDRO: Sacerdote modelo, religioso exemplar, missionário ardentíssimo, pregador evangélico, amigo dos pobres, confessor paciente e benigno, convertedor milagroso, Superior enérgico e bondoso, recrutador de vocações e santo fundador da Província da Congregação da Missão no Brasil. Canta, visitante amigo, este hino ante o túmulo glorioso do Pe. Leandro. E ele te aparecerá redivivo e te dirá como antigamente, quando se despedia dos romeiros do Caraça, apertando o peito com as mãos, levantando os olhos para o Céu, e com lágrimas dizendo: “*Filho de Deus, não afrouxemos, que Deus está conosco!*” Belíssimo conselho!

4. BENTO XVI, O GUARDIÃO DA FÉ. Muito oportuno o livro do Santo Padre em defesa da Igreja: “A FÉ EM CRISE”. Um santo, por amar a verdade, não pode suportar o erro. O Sr. Pe. Marçal Versiani dos Anjos CM, filho de Ouro Preto, laureado em Paris, foi nosso professor de Dogma no Seminário Maior de Mariana. Com erudição, ele ensinava: “Há progresso no Dogma (teologia dogmática) mas esta progressão nunca é transformista, mas apenas de aprofundamento e elucidação”. A tradição ilumina a modernidade e esta não pode destruir a tradição apostólica. Aqueles que ousam rejeitá-la já foram contaminados pelo vírus da heresia protestante e por um magistério paralelo falso (quod Deus avertat). A doutrina católica tem valor perene. Somos atualizados e fiéis ao magistério vivo da Igreja. A tal fumaça acusada por Paulo VI (1972) zonzou a muita gente e chegou até a asfixiar (data vênua) homens notáveis e provecetos, no grêmio da Igreja. Disse-me um

padre jovem ilustrado: “O maior erro do nosso tempo, sem generalizar, é o relativismo filosófico, teológico e moral. A raiz da crise é o conceito de Igreja. Perdeu-se o aspecto de mistério - realidade visível, através da qual age o invisível. Há um conceito com forte influxo protestante. Há um grave erro no entendimento da eclesiologia. Tudo seria uma simples opinião, a Igreja se reduz (reducionismo) a um grupo de fiéis, que podem tudo”. Cada cabeça, uma sentença.

5. O PONTÍFICE BENTO XVI ESCREVEU: “A teologia marial foi reafirmada pelo Vaticano II, inserindo o mistério da Virgem Maria no mistério da Igreja. Se o

lugar ocupado por Nossa Senhora foi sempre essencial para o equilíbrio da Fé, reencontrar hoje tal lugar é urgente, como em poucas épocas da história da Igreja. O Concílio de Éfeso, em 431, proclamara a Virgem Maria Mãe de Deus (Theotókos). A expressão que chama a Virgem, inimiga de todas as heresias, agora neste período confuso em que todo tipo de desvio herético parece bater às portas da fé autêntica, não se trata de exagero de devotos, mas de verdades hoje mais do que nunca válidas.” E conclui Bento XVI: “É preciso retornar à Virgem Maria, se quisermos retornar àquelas verdades sobre Jesus Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem”. ◀

## Necrológico

### Pe. José Pereira Gaio

Padre Gaio, como gostava de ser chamado, nasceu a 28 de janeiro de 1928, em Juiz de Fora, MG. No período de 1941-1945, estudou no Seminário Menor Santo Antônio de Juiz de Fora. De 1946 a 1951, fez seus estudos filosófico e teológico no Seminário Maior São José de Mariana, MG. Foi ordenado sacerdote em 8 de dezembro de 1951, na Catedral de Juiz de Fora, por Dom Justino José de Santana, primeiro Bispo da Diocese. Em 1952, trabalhou na diocese de Leopoldina, MG, como professor e formador do Seminário Menor daquela diocese, uma vez que havia deficiência de sacerdotes para este ministério essencial numa diocese. Voltando posteriormente à sua diocese, foi pároco de Belmiro Braga e Administrador paroquial de São José das Três Ilhas, de fevereiro a agosto de 1953. De agosto a dezembro do mesmo ano, exerceu seu ministério presbiteral como Vigário Paroquial de Andrelândia, MG, outrora pertencendo à diocese de Juiz de



Pe. Gaio, no Encontro do GS em Juiz de Fora, 8/1/2003.

Fora. Foi também, em 10 de fevereiro de 1954, nomeado Vigário Paroquial e Capelão das Religiosas da Santa Casa de Misericórdia de Mar de Espanha. De 1955 a 21 de janeiro de 1957, trabalhou na Capela de Nossa Senhora de Lourdes, pertencente à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, de Benfica. Em 11 de fevereiro de 1958, foi criada a

paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, em Francisco Bernardino, Juiz de Fora, da qual tornou-se o primeiro pároco, permanecendo lá até 1970. Em 1969, foi nomeado Capelão Militar da 4ª Região, sediada em Juiz de Fora, sendo também nomeado Vigário Paroquial de Francisco Bernardino. Em 4 de dezembro, foi nomeado Cônego Honorário do Cabido da Catedral, por ocasião de suas Bodas de Prata Sacerdotais. Depois de sua reforma como capelão militar, trabalhou ainda como Administrador Paroquial da Paróquia de São Francisco de Paula, em Torreões, JF e, no mesmo cargo, na Comunidade de Cristo Rei, no Bairro Jardim do Sol.

**APÓSTOLO E CIRINEU:** Faço uma pequena pausa no tempo. Um imperativo de consciência nos faz reconhecer e afirmar seu zelo pastoral. Um imperativo de gratidão nos faz ajoelhar diante do Pai pelo presente que nos deu: o Pe. Gaio. Merece uma história (e que história!) escrita à parte. Uma história cheia de Deus e de humildade, matizada de obstáculos e sacrifícios, curtidos nos sofrimentos e sofridos na garra. Ele acreditou no chamado e na resposta dada. Levou em frente, sem desânimo, seu projeto de servir ao Senhor e à Igreja. Homem de fé verdadeira e amadurecida, não deixou esmorecer-se pelos vendavais das incompreensões. Seu estandarte foi a causa de Jesus. Com que carinho e zelo apostólico tomou para si as searas das roças e o cuidado amoroso com os doentes e enfermos. O Hospital de São João Nepomuceno (onde trabalhamos juntos por 4 anos) é testemunha dos colóquios e dos alívios que ele prestava aos irmãos enfermos. Foi um cirineu, não imposto pela força da lei, mas pela ternura espontânea dum coração de padre. Realizou plenamente a exortação de São Pedro aos Presbíteros (1Pd 5, 1-3). No dia 4 de maio deste ano de 2007, o Pai o tomou para si. Dormiu o sono dos justos. Acordou nos braços misericordiosos de Deus. *(Pe. Martinho Gaio).*

### **Frei Leopoldo Maria Goulart**

Esteve em um dos nossos encontros no Sul de Minas. Confeccionava paramentos maravilhosos. Nasceu aos 11 de maio de 1927, em Major Porto e faleceu em Carmo da Paranaíba, onde residia, aos 21 de junho de 2007.



### **Dom Quirino Adolfo Schmitz**

O Bispo Emérito de Teófilo Otoni/MG faleceu aos 88 anos, dia 20 de julho de 2007, após doze dias de luta contra a doença, mantendo sempre acesa a fé (Dom Diogo). Foi bispo de Teófilo Otoni (1961 a 1985), membro do Conselho Episcopal Pastoral do Leste 2. Participou do Concílio Vaticano II e da Conferência de Puebla. Foi um dos baluartes na luta contra a ditadura militar. Como bispo emérito, manteve por muitos anos um programa radiofônico de atendimento às pessoas sofredas. Quis residir em um asilo de idosos. O sepultamento ocorreu, após a missa de corpo presente, na Catedral de Teófilo Otoni. A homília, Dom Diogo Reesink abriu e leu uma carta de Dom Quirino, escrita em 1987 e arquivada na Cúria, manifestando o desejo de funerais simples, como franciscano. De Caratinga, participaram Dom Hélio e Pe. Jamir.



### **Dom João Resende Costa**

“Dia 21 de julho de 2007, a uma hora da manhã, no Hospital Madre Tereza, nosso amado Dom João Resende Costa, 2º arcebispo metropolitano de nossa Arquidiocese de Belo Horizonte, serena e santamente, partiu para a casa do Pai” (Dom Walmor).

Nascido em 19/10/1910, em Borda da Mata, MG, ingressou na Congregação Salesiana, frequentou a Universidade Gregoriana, em Roma, onde recebeu o Presbiterato em 1935. Diretor do Liceu Coração de Jesus, em São Paulo (1941-



1943), do Instituto Teológico Pio XI (1944-1948). Bispo de Ilhéus, BA (23/2/1953 a 19/7/1957). Bispo coadjutor e administrador apostólico *sede plena* da Arquidiocese de Belo Horizonte (30/11/1957), até a morte de Dom Cabral, a 15/11/1967, quando se tornou arcebispo metropolitano. Organizou o patrimônio da Arquidiocese, construiu o Edifício Pio XII, concretizou a Universidade Católica de Minas Gerais e construiu seu edifício

sede, realizou a renovação conciliar em sua Arquidiocese, tomou parte na Conferência de Medellín. Em 5/2/1986, sua renúncia foi aceita pelo Papa João Paulo II, tornando-se Arcebispo Emérito de BH.

Após dois anos e 9 meses internado no Hospital Madre Tereza, em seu “silêncio oblato”, faleceu aos 96 anos de idade, sendo sepultado na cripta da Catedral de Boa Viagem, dia 22 de julho. ◀

## A “dolorosa” da Gens Seminarii

Como o Geraldo Guimarães revelou (Página 78), os dois mil exemplares da revista **Gens Seminarii** nº 1, dados os descontos pela Gráfica Dom Carlotto, ficaram por R\$ 3.500,00. A AEXAM pagou a metade. O GS 58 ficou com a outra metade e mais a expedição, pelo Correio, ou seja mais: R\$ 1.646,17.

É certo que temos recebido algumas ofertas de amigos, como você pode ver logo abaixo. Agradecemos essa colaboração espontânea. É uma ajuda significativa. Deus lhes pague.

O Rauwilson, da Gênese Turismo, lá em Atibaia, já nos havia sugerido colocarmos algumas páginas de propagandas comerciais, para custear as despesas da revista. Será o meio mais natural, não acham? Também o Pe. Wagner Portugal nos deu esperanças de conseguir com um deputado amigo uma quota de mil selos, para ajudar na expedição.

Fica aqui o nosso apelo aos ex-seminaristas e amigos, que tiverem uma indústria ou um movimento comercial, para servir-se das páginas da *Gens Seminarii* e fazer aqui a sua propaganda. A nossa revista penetra nos meios eclesiais e também em muitas famílias de ex-seminaristas e empresários. Vamos experimentar?

Estou sugerindo uma tabela de preços e gostaria de receber outras sugestões de quem

entende melhor desta área de negócios. Assim, para o miolo, em preto e branco, vou chutar:

1 página inteira da revista: R\$ 500,00.

Meia página da revista: R\$ 300,00.

¼ de página da revista: R\$ 200,00.

Página colorida, seria, quem sabe, o dobro. Será que dá certo? Fico aguardando as opiniões de vocês. E, melhor ainda, as contribuições. E os comerciais.

Helvécio recebeu uma oferta de R\$ 1.000,00 do Deputado Padre João, para veicular na revista um texto sobre ele (Página 59). E Pe. Wagner me deu um modelo de ofício à Caixa Econômica Federal, pedindo verba para a revista, através do Deputado Odair Cunha. Fico com medo desse caminho. Será que é bobagem minha? O orçamento gráfico para este nº 2, com 88 páginas, é de R\$ 4.450,00.

Mais uma vez, desejo-lhes um Santo Natal. Meu abraço amigo a todos e, até Aparecida! Em Jesus e Maria,

*Mons. Raul Motta de Oliveira.*

### Ofertas para o GS 58

José de Andrade (Brasília) R\$ 50,00.  
Mons. Pedro Terra R\$ 100,00. Mons. José Hugo Maia R\$ 50,00. Diác. Antônio Pereira Gaio R\$ 100,00. Mons. Moacir Matias Marques R\$ 50,00. ◀